BIZZ

VAN HALEN

Eddie larga drogas e bebidas

AIDS

O mundo pop corre perigo

Prisão e morte abalam o gangsta rap

LULU

dá a volta por cima

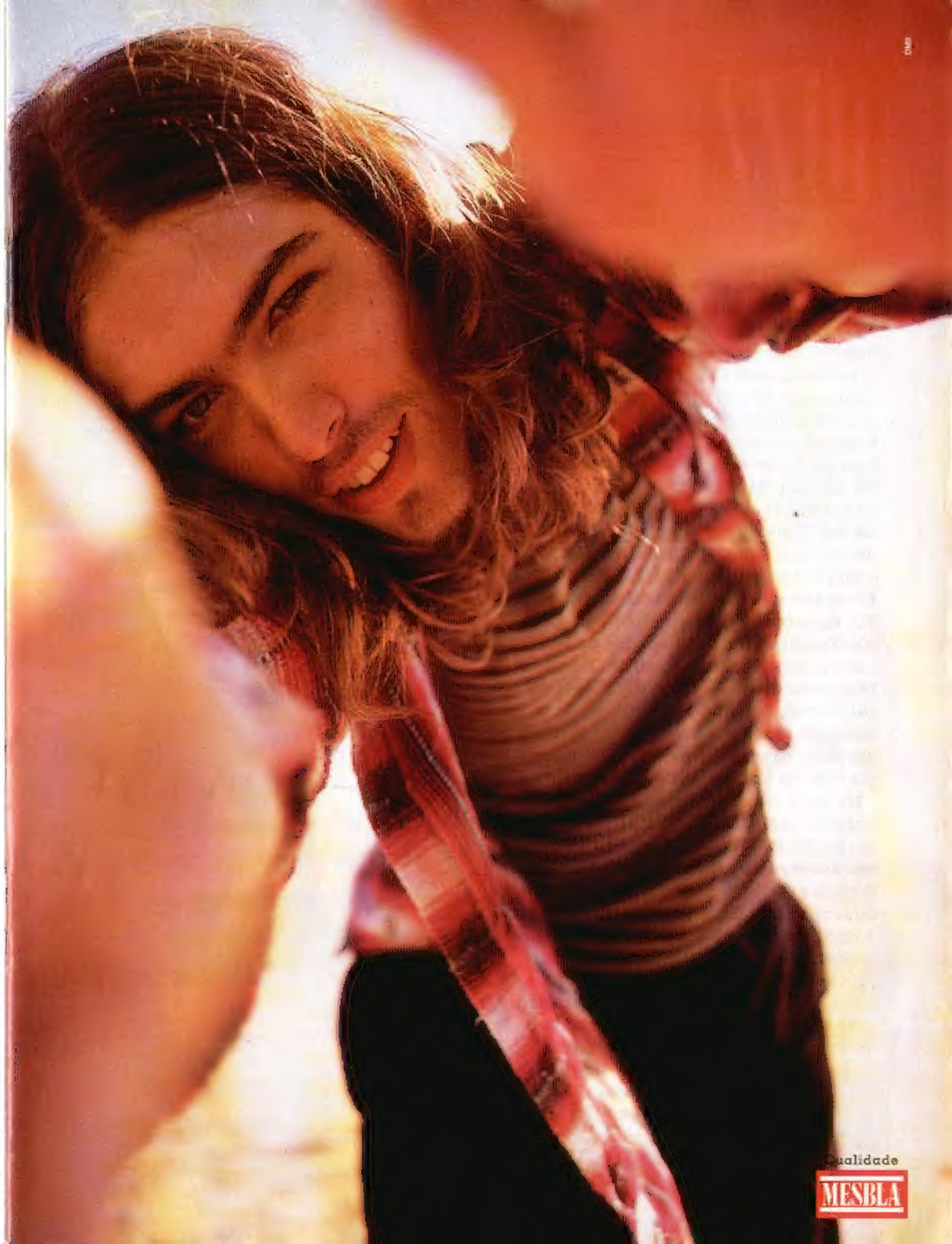
ARNALDO ANTUNES * PJ HARVEY * CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL

EDITORA AZUL

9 770104 164007 00118

Se o seu pai
não gosta
do seu cabelo
comprido,
espere só
ele ver nossas
roupas.

ALTERNATIVA



Qualidade
MESBLA

BiZZ

Foto de capa: Ernesto Baldan
Produção: Felipe Veloso

Ano 11 • Nº05 • Edição 118 • Maio, 1995

Oh, yeah... BIZZ "made in Brazil"? É o que parece, ao se notar as capas que lançamos este ano. Com exceção da edição de janeiro – Rolling Stones, que estavam prestes a tocar por aqui –, todas as outras foram com figuras nacionais. Senão vejamos: fevereiro apresentou os Raimundos, grandes vencedores do prêmio BIZZ 94; já em março, Renato Russo – o poeta maior da geração 80 do rock brazuca – era quem mostrava sua cara; a VJ Cuca, da MTV, enfeitava o número da BIZZ do mês passado. E o próximo eleito?

Claro, teria que ser LULU SANTOS. Formado no rock nacional dos anos 70, enveredou com sucesso pelo pop – até assimilando elementos da MPB – durante a década seguinte. E agora lança um disco dançante, ao lado do DJ Memê. Soltando o verbo sobre os mais diversos assuntos, Lulu dá uma geral na carreira e revela seus novos planos em entrevista exclusiva.

Há mais atrações brasileiras nesta edição – ARNALDO ANTUNES, SKOL GARAGE BAND –, mas não foram esquecidos os astros internacionais. O maior destaque é VAN HALEN que, com um novo disco, quer abandonar a imagem "porra-louca" e traz um trabalho "sério" – até o guitarrista Eddie Van Halen parou de beber!

E se a música não oferece só prazer, mas também riscos devido a todos os excessos que cercam seus artistas, o que dizer da AIDS, que atualmente afeta o comportamento sexual e social de toda a raça humana?

Aqui você encontrará uma investigação a respeito dos perigos desta peste.

Celso Pucci

6 CARTAS
Opiniões sobre a "volta triunfal" de RENATO RUSSO

8 SHOWBIZZ
O polêmico GANGSTA RAP recebe seu troco (com violência!)

20 MIX
Publicação [illegible] "bandit de bicicleta"

22 ENJOY IT
As dicas mais transadas para você montar em sua MOTOCICLETA

24 SATELLITE
[illegible] ROCAM BIZARROS ao redor do mundo

28 DEZ PERGUNTAS + 1 ...
ARNALDO ANTUNES, do rock ao experimentalismo e a volta ao pop

58 LANÇAMENTOS
PJ HARVEY: o aclamado álbum da musa do "blues gótico"

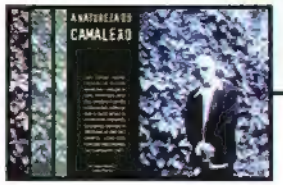
74 CLÁSSICOS
CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL e CRAZY HORSE na Jukebox

82 DISCOTECA BÁSICA
O inventor do free jazz e mestre do atonalismo, JOHN COLTRANE

este mês

32

SKOL GARAGE BAND, festival apoiado pela BIZZ, teve o mérito de revelar bandas underground de todo o Brasil, como a grande vencedora Pompéia 1895 e destaques como Diorama e Speedy Gonzales. Confira como foi...



34

Pop? Rock? Dance music? Ou metamorfose ambulante? O camaleão **LULU SANTOS** recicla a carreira, ganha o topo das paradas e volta renovado, como revela em entrevista a Felipe Zobaran e Sérgio Martins

44

Luminar do heavy metal nos anos 80, o **VAN HALEN** volta ao disco e à ribalta com o álbum Balance. A BIZZ mostra o amadurecimento do grupo e – em especial – o do guitarrista Eddie, longe das bebidas e das drogas

52

Hoje, não só grupos de risco – homossexuais, usuários de drogas injetáveis etc. – temem se contaminar pelo mortal vírus HIV. A **AIDS** já não escolhe a quem atacar. Entre famosos ou anônimos, é uma ameaça constante

Cartas

AO GOSTO DA GALERA

Compro a BIZZ regularmente há pouco tempo, mas a adoro cada vez mais. Venho parabenizá-los pelas excelentes matérias sobre Eddie Vedder e o Pearl Jam (edição 115), Kurt Cobain e a entrevista com Renato Russo (edição 116).

Raphael de Almeida Dias, *Rio de Janeiro/RJ*

Adorei a reportagem deste mês sobre um ano da morte de Kurt Cobain. Escrevo também para fazer um protesto contra as pessoas interessadas em tirar proveito de sua trágica morte.

Maria Virginia Nakamura, *Cornélio Procópio/PR*

Aquela reportagem *Jogo De Imagem?*, sobre a homossexualidade feminina, estava ótima! Realmente creio que essa tendência vem aumentando muito de uns tempos para cá.

Rogério A. Bettoni, *Barbacena/MG*

P.C. RECEBE O MAIOR APOIO

Estava numa boa, lendo a seção de cartas da BIZZ 116 quando vi: "Paulo Cavalcanti e os fãs do Bon Jovi". Li todas as cartas e definitivamente... Paulo Cavalcanti, lhe dou o maior apoio! Essa moçada não entende o que significa o Bon Jovi: uma porrada na orelha!! Você está de parabéns.

Erica Ribas Camargo, *São Paulo/SP*

"PARABÉNS PRA VOCÊ..."

Renato, quando você estiver lendo esta carta, o teu aniversário já terá passado. Não posso te presentear com flores de origami, que simbolizam a sensibilidade perene. Não posso te mandar as cartas que escrevi e nunca enviei. Mas posso te desejar felicidades em todos os dias deste ano e em todos os anos da tua vida... que serão muitos. Vida longa ao rei!

Ângela Maria Silva, *Fortaleza/CE*

Pois é moçada, a Angela não deixou passar em branco o 35º aniversário de Renato Russo, comemorado no dia 27 de março. Isso é que é fã! Aproveitando o embalo, a redação também dá os seus parabéns ao líder do Legião Urbana. Felicidades, Renato!

A VOLTA DE RENATO

Como ocorreu após a edição 112 – Madonna na capa –, nossa redação foi inundada de cartas a comentar a entrevista com Renato Russo. Muitas pediam seu endereço para correspondência. Lá vai: EMI-Odeon, av. Paulista, 2001, 2º andar CEP 01311-931, Cerqueira César, São Paulo (SP).

Adorei a entrevista com Renato Russo publicada da edição 116. Esse cara é realmente demais! Desde que me entendo por gente curto a Legião Urbana. Sinceramente, Felipe Zobaran e Hélio Gomes estão de parabéns.

Jonas Pereira, *Saboeiro/CE*

É outono, início. Nuvens encobrem o céu, folhas caem, ventos sopram. Eles chegam, as arrastam para longe, chegam em comboios. Um é especial, traz a BIZZ com uma entrevista exclusiva, lisérgica e lírica, com Renato Russo. Como é bom ter e ver Renato, límpido e cristalino, genial e feliz, impávido e frágil. Há uma revista na mão, um ídolo na capa, folhas que caem, uma estação no coração.

Jânio B., *Arujá/SP*

Quando vi o Renato Russo na capa da BIZZ não acreditei. Simplesmente adorei a entrevista! Perfeita!!

Michelle Campanholo, *Capinzal/SC*

Janaina de Carvalho, *Guarulhos/SP*

ERRATAS

Na reportagem O Rock Nacional Não Morreu, publicada na edição 117, ficou faltando o crédito das fotos de abertura. O fotógrafo é Rui Mendes.

Na edição 116 (março/95), a foto que ilustrou a Discoteca Básica do grupo The Shadows não corresponde aos integrantes do primeiro álbum (61). A formação na foto – de 64 – é a seguinte, (à partir da esquerda): John Rostill (baixo, e não Bruce Welch/guitarra), Hank Marvin (guitarra), Brian Bennett (e não Tony Meehan/bateria) e Bruce Welch (guitarra, e não Jet Harris/baixo).

EDITORA AZUL

Fundador Victor Civita (1907-1990)

Diretoria Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial Carlos C. Arruda
Diretor de Publicidade Cláudio Santos
Diretora Comercial Vera Helena M. Gomes
Diretor de Comunicação Carlos Alberto Araújo
Diretor Financeiro Pedro Frazão

BIZZ

REDAÇÃO

Editor-Chefe: [illegible]
Editor Especial: [illegible]
Editor de Arte: [illegible]
Editores-Assistentes: [illegible]
Editor-Assistente de Arte: [illegible]
Coordenador de Produção: [illegible]
Arte: [illegible]
Correspondentes: [illegible] (Los Angeles)
Colaboradores - Texto: [illegible] **Fotos:** [illegible] **Ilustração:** [illegible]
Revisão e Preparação de Texto: [illegible]

STAFF EDITORIAL

Secretaria Editorial: Isabela Boscov
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Administração Editorial: Arlovaldo Carrera Dias
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liége de Lima Dona Castelli

PUBLICIDADE

Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Alonso Palomares, Jorge de Oliveira, Miriam Horta, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Rosana Pires
Marketing Publicitário: Reginaldo Andrade
Coordenadores: Antônio Penssinoto, Alex-Sander, José Soares, Tieko Kuniyuki

COMERCIAL

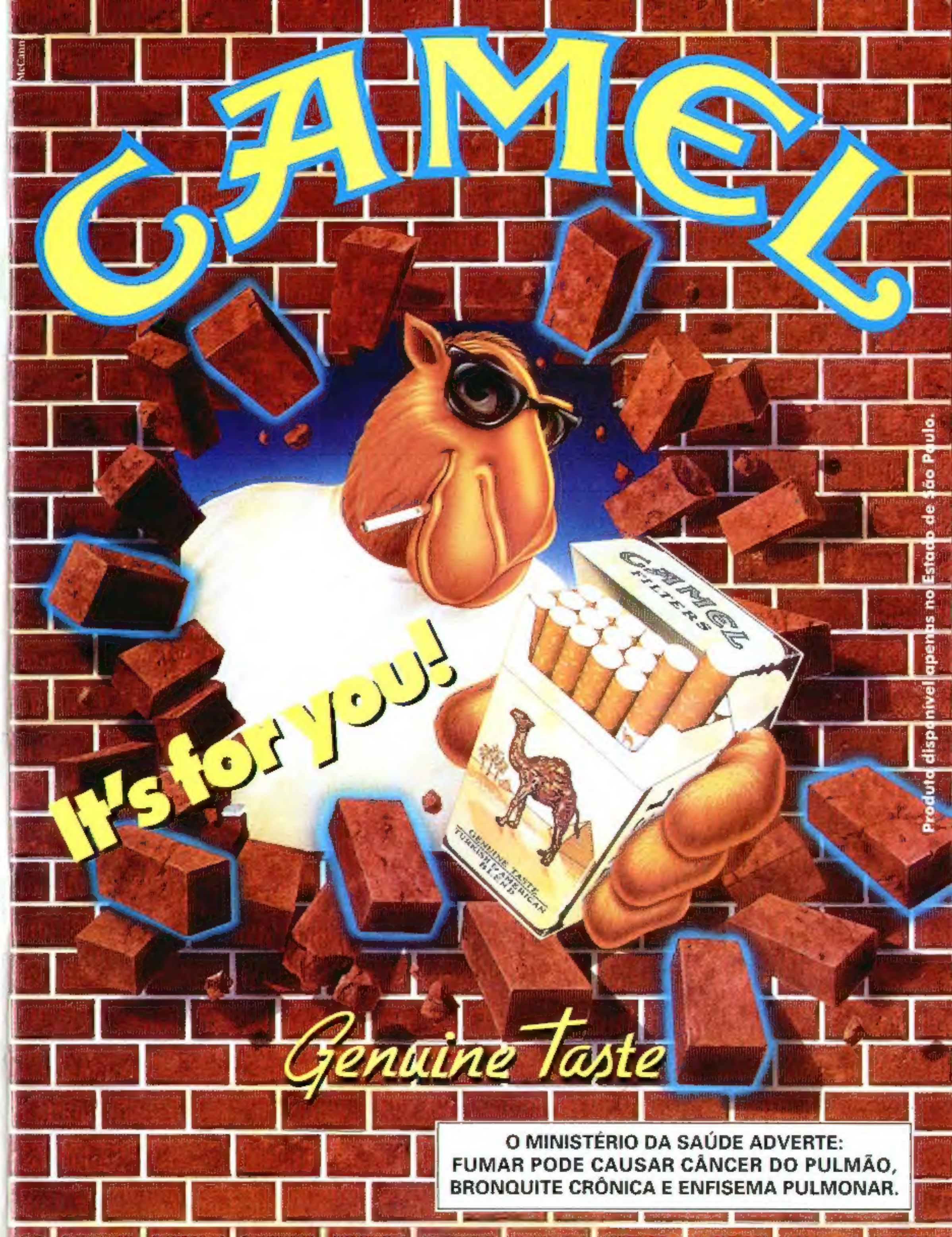
Gerente de Planejamento: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alexandra Pallis da Silva
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

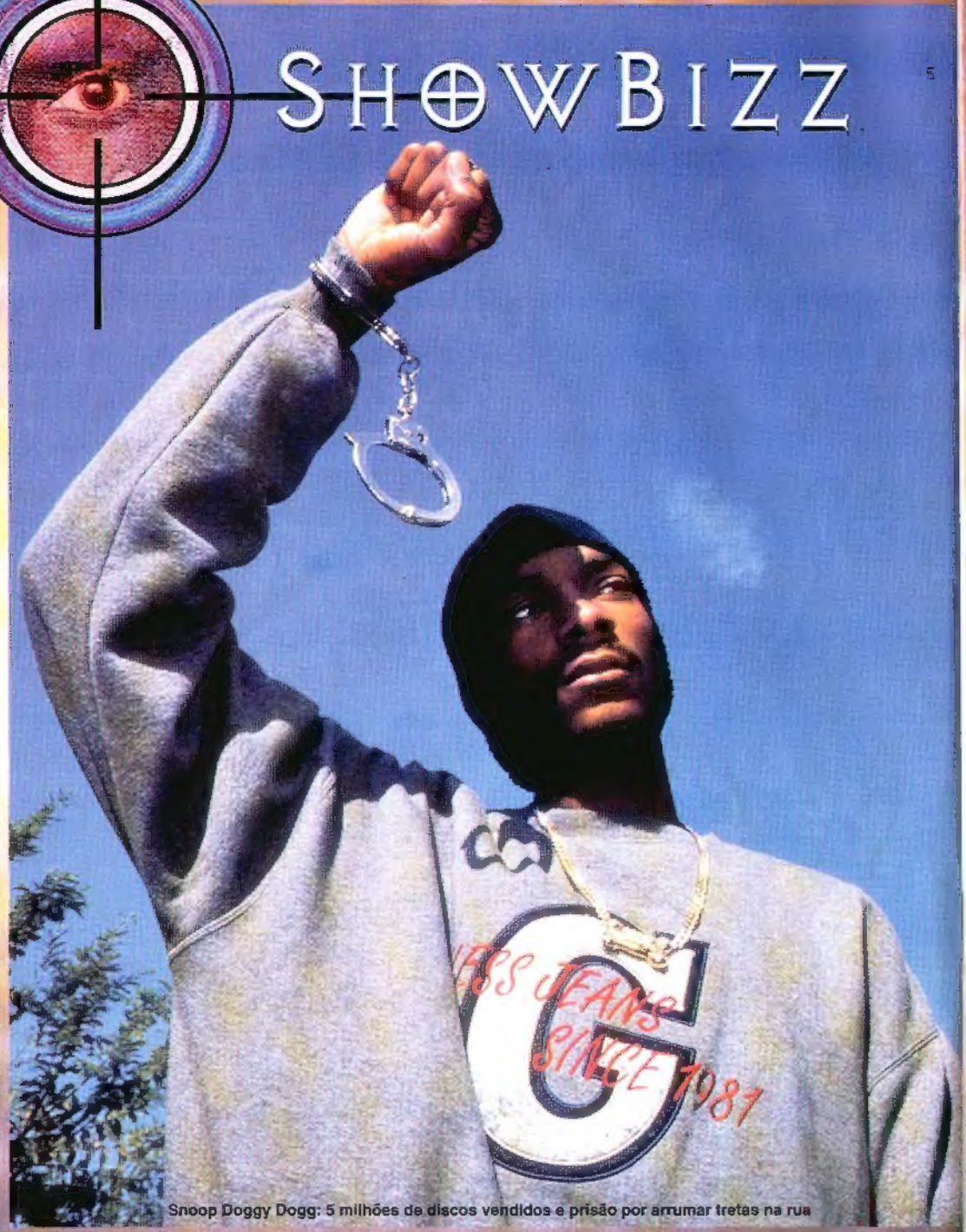
COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (**ISSN 0104-1649**, edição 118, Maio de 1995). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel. (021) 532-0313, fax (021) 532-1456, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685 Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222. **Números atrasados:** (As seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque), ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Dinap de sua cidade. Se preferir peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP, Fax (011) 810-4800, Tel (011) 810-6800 (Dinap) pagando com os cartões VISA, Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem.
Fotolito: Fotoline Ltda, Bureau Azul, Promocional, Propicia

ANER IMPRESSA NA EDITORIAL ANTARTICA S.A. IVC





Snoop Doggy Dogg: 5 milhões de discos vendidos e prisão por arrumar tretas na rua

A AGONIA DO GANGSTA RAP

A notícia caiu como uma bomba: **EAZY-E**, figura de proa do *gangsta rap*, fizera uma declaração pública dizendo estar com Aids. Eazy-E morreu no dia 26 de março. Durante o período em que esteve internado, no Centro Médico Cedars Sinai, o ex-N.W.A. recebeu cerca de 2.500 telefonemas por dia – bem mais do que recebera a atriz Lucille Ball, um mito nacional, quando esteve no mesmo hospital.

TUPAC SHAKUR, outro ídolo do *gangsta*, está "puxando uma etapa" no presídio, acusado de estupro e tentativa de homicídio. Em 30 de novembro último, Tupac levou cinco tiros dos membros de uma gangue. Ele garante que está jurado de morte. Enquanto isso, seu atual disco, *Me Against The World*, chega ao topo das paradas.

SNOOP DOGGY DOGG, cujo álbum, *Doggystyle*, vendeu 5 milhões de exemplares pelo mundo afora, está sendo acusado de ter matado um membro de uma gangue rival e, a exemplo de Tupac, também pode passar um bom tempo atrás das grades.

O *gangsta rap* sofre suas primeiras baixas pesadas e coloca no ar uma dúvida sobre sua capacidade de sobreviver. Será que ele está chegando ao fim? A pergunta vem à cabeça de qualquer um que se depara com as recentes notícias do que vem acontecendo com os principais ídolos do gênero – todos pagando alto pelo estilo de vida que cantaram.

A verdadeira questão, porém, é outra: O que, afinal, é *gangsta rap*? **DR. DRE** o define como a música que fala sobre o que está acontecendo hoje nos guetos, um estilo de vida, a crônica da vida como ela é. Os detratores dizem que trata-se de uma forma baixa de música que encoraja a violência, ajuda a vender drogas e denigre a imagem das mulheres. O *gangsta* é um pouco dos dois. A maioria de suas letras é um retrato falado da violência em estado bruto. Mas a América é um lugar violento mesmo.

OS ÍDOLOS DO RAP SÃO VÍTIMAS DA REBELDIA PROPAGADA EM SUAS LETRAS. EAZY-E ESTÁ MORTO, TUPAC SHAKUR E SNOOP DOGGY DOGG PRESOS. FORTES VIBRAÇÕES NEGATIVAS QUE PODEM LEVAR O GANGSTA RAP ÀS PORTAS DA DESTRUIÇÃO.

Ice-T é o pesadelo da classe média americana

A parte mais desconfortável do *gangsta* para a sociedade americana é que ele agrada em cheio a molecada branca e bem nascida. Um garotão classe média ouvindo Onyx em um arborizado subúrbio de, digamos, Oklahoma City, é uma forma sutil de implosão do "American Way Of Life". Sim, todos querem lucrar e as grandes corporações estão aí para isso. Nenhum pai, contudo, quer ver seu filho imitando **ICE-T**. É um pesadelo negro.

O *gangsta* pode acabar enquanto forma musical. Afinal, o rap tem mudado e, como mutante, sobrevive surpreendendo aqueles que não lhe davam mais que poucos anos de vida. Certamente, poderia haver um redirecionamento: como os *rappers* acabarem com esse negócio de chamar as mulheres de *bitches* e *hoez*. O fato de Eazy-E ter morrido de Aids também vai chacoalhar o meio *rapper* e o tema "sexo seguro" deve ficar em alta.

Talvez a morte do ex-membro do N.W.A. seja o marco do fim de uma era. O que virá em seguida, ninguém sabe. Mas e o material do qual é feito o *gangsta*? As gangues, as armas, as drogas, a violência? Me dê uma boa razão para que os *rappers* não continuem falando sobre isso. A palavra final fica para Tupac: "Se nós realmente estamos dizendo que rap é uma forma de arte, então temos que ser mais responsáveis com nossas letras. Se você vê todo mundo morrendo por causa do que você diz, não importa se você os fez morrer. O que importa é que você não os salvou". *Jeferson de Souza*

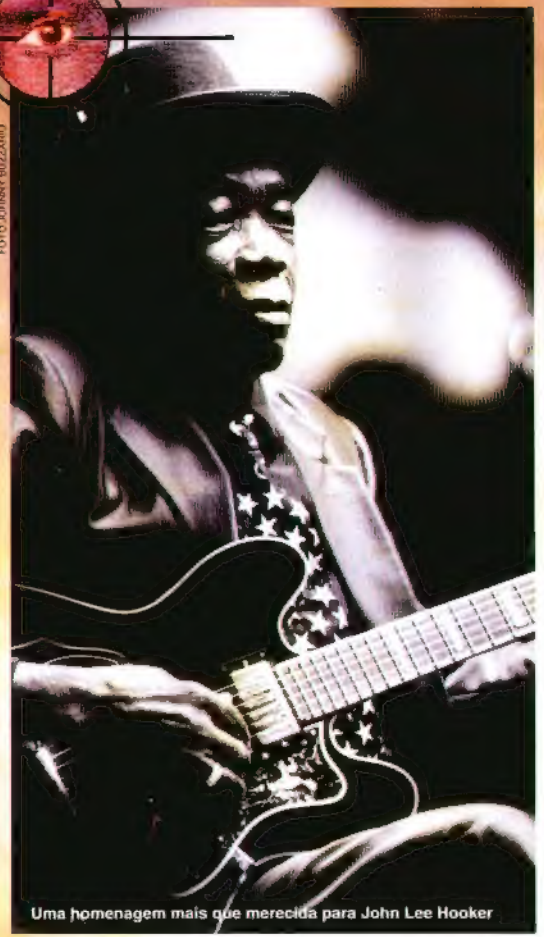


FOTO JOHNNY BUZZARD

Uma homenagem mais que merecida para John Lee Hooker

UM BLUESMAN NO CALÇADÃO

Bonnie Raitt, John Hammond, George Thorogood, Jeff "Skunk" Baxter e – vá entender – Johnny Rivers (?!?) compareceram à loja Guitar Center de Hollywood, no início de fevereiro, para prestigiar **JOHN LEE HOOKER** na inauguração de uma placa de bronze com a mão e a assinatura do músico na Calçada da Fama do Rock. De óculos escuros, chapéu e terno pretos, John Lee saudou os fãs e músicos presentes com sua característica voz grave. Sobre a homenagem, "eu adoro", disse Hooker, "porque sinto que as pessoas gostam de mim, e isso tem significado muito maior que dinheiro. O mais importante são os amigos e os fãs".

"Para mim, ele é a epítome do blues", disse Bonnie Raitt num salão *privé* do Guitar Center, onde John Lee e os músicos foram posar para fotos, "e tê-lo ainda junto de nós, saudável, forte, trabalhando e nos inspirando é a melhor coisa do mundo". Ela vira-se para Hooker e encara o *bluesman*. "Toda vez que eu pego a guitarra e abro a boca para cantar", Bonnie diz, "você está no meu coração, John". Hooker retribui o carinho, comparando Raitt a outro gigante do blues. "Toda vez que você toca, me lembra Freddie MacDowell. Você toca *slide guitar* tão bem!"

Como recém-incluído na Calçada da Fama do Rock – onde já figuram placas em homenagem a músicos como Frank Zappa, Jimi Hendrix, ZZ Top e Aerosmith – , John Lee tem o direito de votar no próximo homenageado. E quem será seu escolhido? "B.B. King", ele responde, sem pestanejar, "ele já pagou seus pecados".

José Emilio Rondeau

o novo "trampo" de Bono Vox

RETNA

O vocalista do U2 virou roteiristade cinema. **BONO VOX** está terminando de escrever a história de *Million Dollar Hotel*, filme de autoria do diretor alemão – e amigo de longa data do U2 – Wim Wenders (o mesmo de *Asas Do Desejo* e *Paris, Texas*). Mas não pensem que a "vox" do grupo irlandês abandonou sua antiga profissão: ele e o guitarrista The Edge deram uma força para o cantor irlandês Christy Moore, atuando na música "North And South Of The River". A atuação de Bono foi tímida: ele faz apenas os *backing vocals*.

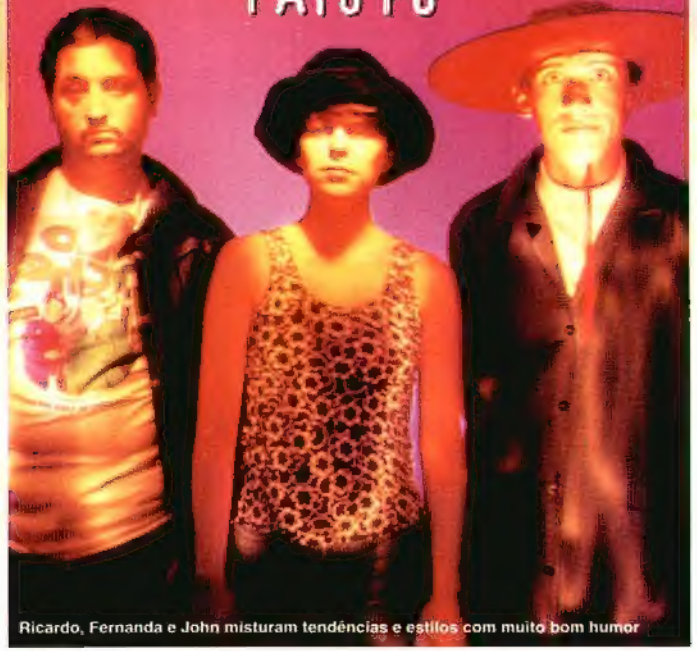
FERNANDA ABREU

VEM COM SOM "DA LATA"

Responsável em parte pelo boom da dance music no Brasil – graças ao pioneirismo mostrado nos discos SLA Radical Dance Disco Club e SLA 2 – Be Sample –, **FERNANDA ABREU** está lançando seu terceiro álbum pela gravadora EMI-Odeon, que leva o sugestivo título Da Lata. "Essa expressão por muitos anos significou coisa boa, legal. O disco também se chama Da Lata porque tem muito do som cru e áspero da percussão ao lado da mais alta tecnologia", diz Fernanda. Da Lata teve a produção dividida entre Liminha e Will Mowat – tecladista do Soul II Soul, que se apaixonou pelo trabalho da cantora quando veio ao Brasil há dois anos. E a cantora chamou a bateria da Mangueira para dar um toque de samba à sua dance music, além de batidas do jungle – o novo ritmo que domina as pistas da Inglaterra.

FOTO ISABEL MONTEIRO
MAKE UP: CLÁUDIO BELIZÁRIO / ROUPAS: REIS KOPKE

O GOL DE PLACA DO PATO FU



Ricardo, Fernanda e John misturam tendências e estilos com muito bom humor

Não pergunte aos três integrantes do PATO FU– John (guitarra e voz), Ricardo Koctus (baixo e voz) e a amapaense radicada em Minas, Fernanda Takai (violão e voz) – qual é o significado do nome da banda, que certamente você será enrolado com duas ou três versões completamente absurdas. Essa falta de explicação, a começar pelo nome da banda, é, no entanto, a melhor definição para o grupo. Tanto na mistura de tendências e estilos até o bom humor constante nas letras da banda. No disco *Gol De Quem?*, lançado recentemente pelo selo Plug da BMG-Ariola, o Pato Fu faz um pop mutante com todo tipo de influência, desde música eletrônica até a sertaneja, e revela uma força criativa enorme. Essa criatividade somada à voz suave de Fernanda Takai, parecidíssima com a de Rita Lee no começo de carreira, faz uma referência imediata às experiências musicais feitas pelos Mutantes na década de 70.

Mas de setentista o Pato Fu não tem nada. A presença dos "japoneses" (*samplers* e *sequencers*), como diz a própria banda, nas constantes programações eletrônicas de bateria e outros instrumentos garante um toque personalíssimo, que conquistou logo de cara o público alternativo em *Rotomusic De Liquidificapum*, o primeiro disco lançado pelo selo mineiro Cogumelo.

O principal motivo da façanha do Pato foi o sucesso da música "O Processo De Criação Vai De 100 Até Mil", que tem na letra a história de um cara que promete dar um *stage dive* e não está preocupado com as conseqüências físicas, porque qualquer acidente mais grave, "é a Unimed quem vai pagar". O refrão pegou de tal maneira que a filial mineira da companhia de seguro-saúde, resolveu utilizar o trecho da música num comercial de TV.

Na nova fase do grupo, a Unimed não paga nada. O Pato Fu assinou contrato com a BMG, que investiu pesado nos garotos. A pegajosa "Sobre O Tempo", primeira música de trabalho de *Gol De Quem?*, já virou clip e a estratégia de promoção da banda inclui festas com farta distribuição de camisetas, adesivos e outras tranqueiras e até viagens no estilo boca livre para convidados especiais. Se eles no futuro vão ter que pagar por isso? "Até agora a gravadora não mandou a conta", brinca Fernanda. *Robert Halfoun*

notas

Os membros do extinto LIVING COLOUR agitam novos projetos. O guitarrista Vernon Reid vai se dedicar exclusivamente ao seu novo grupo de hip hop/rock, Masque. O cantor Corey Glover virou VJ. O baterista Will Calhoun e o baixista Doug Wimbish ainda não anunciaram seus planos *** O THE CLASH

PETRA

(foto) vai voltar? Dizem que o grupo recebeu uma proposta milionária para se apresentar no Lollapalooza 95. *** Os **BAD BRAINS**, pioneiros da fusão black music/hardcore estão com disco e gravadora novos. God Of Love é o primeiro lançamento deles no selo Maverick – cuja dona é uma tal de Madonna – e marca o retorno do vocalista **H.R.** à banda. O disco ainda tem participações especiais de **FLEA** (Red Hot Chili Peppers) e **PERRY FARREL** (Porno For Pyros), fãs de carteirinha dos Bad Brains ***

Vanessa Daou

"Afinal, o que desejam as mulheres?" Se Freud estivesse vivo e ouvisse *Zipless*, primeiro álbum solo de **VANESSA DAOU**, provavelmente teria alguns *insights* do universo feminino para esclarecer sua famosa dúvida. Vanessa é uma nova-iorquina bonitinha, de voz adocicada e já acostumada à cena *underground* da *big apple*. No fim do ano passado, resolveu musicar poesias eróticas da escritora feminista Erica Jong e se deu bem. Seu nome virou *hype* na mídia americana, ganhando espaço em revistas especializadas. *Zipless* representa uma guinada na carreira de Vanessa e, de quebra, do seu marido e arranjador Peter. A dupla teve uma passagem malsucedida pela Columbia em 1992, quando, sob o nome de The Daou, lançou *Head Music*. O disco era "cabeça" mesmo, a ponto de a gravadora não saber como direcioná-lo no mercado. Foram deslocados para a Tribal, selo alternativo da multi e lançaram dois singles na linha *garage* – "Are You Satisfied?" e "Give Myself To You". Insatisfeitos, apesar do relativo sucesso nas pistas de dança, deixaram a Columbia e montaram um selo próprio, a Lotus Records. *Zipless* deixa claro a tendência do casal em não ceder aos apelos comerciais. Os poemas de Erica Jong contribuem para isso. Falam do mundo feminino, do sentimento de perda, tristeza, rejeição e também de sexo e outros prazeres. Tudo sem preconceitos ou limites, mas evitando cair no terreno fácil do sexismo ou do sadomasô. Atemporal e profundo, como deve ser. *Edgard Reymann*

VOCÊ *Vai* OUVIR *Falar* DE

REPRODUÇÃO

Dub War

O quarteto britânico formado por Benji (vocais), Richi Glover (baixo), Jeff Rose (guitarras) e Martin Ford (bateria) lança seu primeiro disco, *Pain*, já com a aura de banda *cult*. Há três meses, o **DUB WAR** lançou um single, "Mental," que fez o mundo aclamar a banda como uma das coisas mais interessantes do cenário musical. A razão do auê é justa: ao contrário de seus conterrâneos – tipo Oasis, que investem no rock puro e simples, o Dub War mistura, sem preconceitos, estilos como *raggamuffin*, heavy metal, punk rock e funk. *Cláudia Grecchi*

DATAS

31/03 O vibrafonista **LIONEL HAMPTON**, de 86 anos, sofreu um derrame em sua casa em Nova York. Hampton foi levado para o hospital e não corre mais perigo de vida. O músico é uma lenda viva do jazz e começou sua carreira tocando bateria no grupo de Louis Armstrong.

02/04 **WHOOPIE GOLDBERG** assinou um contrato com a **WALT DISNEY's HOLLYWOOD** de US$ 20 milhões. É o maior salário já pago a uma atriz negra na história do cinema americano e corresponde à participação de Whoopie em dois filmes – *Eddie* e *The Associates*, ainda sem data marcada para lançamento.

05/04 Se estivesse vivo, o *bluesman* **MUDDY WATERS** – que morreu em 83 – teria completado 80 anos. É de Waters a célebre frase: "O blues teve um filho e o chamaram rock'n roll", além de ter servido de inspiração para a escolha do nome dos Rolling Stones. Mick Jagger e Keith Richards eram fãs do verso: "pedras que rolam não criam limo", de autoria de Waters.

WARNER

23/05 Começa a turnê de **DONNA SUMMER** pelo Brasil. Dias 23 e 24, a *Endless Summer Tour* se apresenta em São Paulo, no Olympia. Dias 26 e 27 no Rio de Janeiro, no Metropolitan, e a partir daí Donna Summer segue para Belo Horizonte (31/05), Salvador (02/06), Recife (03/06), Fortaleza (06/06), Manaus (10/06), São Luis (07/06) e Belém (09/06).

10/04 Há 25 anos, em 1970, Paul McCartney anunciava ao mundo o fim dos **BEATLES**. As esperanças de um provável retorno, acabaram de vez quando John Lennon foi assassinado em 1980. Agora, McCartney voltou a trabalhar com seus ex-companheiros de banda, George Harrison e Ringo Starr. O trio remanescente dos Beatles está musicando uma canção inédita de John Lennon, chamada "Free As A Bird".

18/05 Há quinze anos morria **IAN CURTIS**, vocalista do **JOY DIVISION**. Curtis foi ao cinema e se enforcou logo após chegar em casa. O cantor deixou como testamento o disco *Closer* (*Discoteca Básica* nº 24) e a música "Love Will Tear Us Apart". Além de ter virado uma banda *cult*, o Joy Division deu origem ao mega-pop-eletrônico **NEW ORDER**.

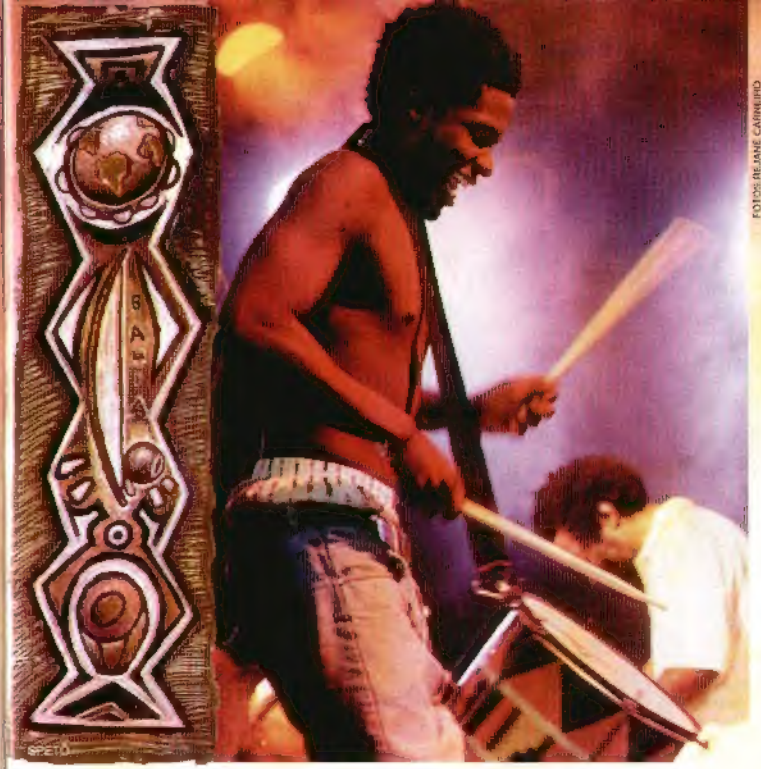
EM BREVE

Luther Allison e...

Soulman incendeia o Nescafé & Blues

A segunda edição do festival Nescafé & Blues tem tudo para ser um dos acontecimentos musicais mais importantes de 95. Só a presença do *soulman* **WILSON PICKETT** – "apenas" a voz por trás dos megahits "In The Midnight Hour" e "Mustang Sally" – já seria suficiente para justificar tal afirmação. Contudo, ainda seremos brindados com nomes como **PINETOP PERKINS** – o pianista de Muddy Waters – e os guitarristas **LUTHER ALLISON** e **JEFF HEALEY** um dos nomes fundamentais do blues contemporâneo. Completando o time do festival – que acontece de 24 a 27 de maio, no Palace (SP) –, há o *rhythm'n'blues* do **ROOMFUL OF BLUES**, a guitarrista texana **SUE FOLEY**, o duo **MADCAT & KANE** e o guitarrista prodígio **DERECK TRUCKS**, de apenas 15 anos. Diferentemente do ano passado, quando quatro atrações brasileiras participaram do festival, essa edição traz apenas **NASI & OS IRMÃOS DO BLUES**, liderado pelo vocalista do Ira! *H.G.*

Wilson Pickett pintam em São Paulo


FOTOS: ELIANE CARNEIRO

RODANDO A BAIANA

Nossa repórter Claudia Grechi, clubber e fã de Beck, foi à Bahia cobrir o II Percpan (Panorama Percussivo Mundial). E o milagre aconteceu: ela não apenas sobreviveu mas voltou achando o encontro das feras do batuque "lindo e maravilhoso"

Munida de óculos escuros e salto alto, fui a Salvador assistir ao II **PERCPAN** (Panorama Percussivo Mundial) esperando enlouquecer com o barulho de tambores e berimbaus. Cheguei numa noite calorenta, sem mala (esta foi "extraviada" e aproveitou para dar uma voltinha em Recife) e fui devidamente instalada num quarto de hotel sem ar condicionado. Como a vida às vezes é dura e má, para completar o sofrimento, havia um trio elétrico instalado bem debaixo do meu quarto que me "saudava" com axé-music e berros de "ê ê ê ê ô ô ô ô".

Depois dessa noite do terror, parece que fui contagiada pelo "clima baiano" e não é difícil entender por que ele é tão poderoso. Primeiro dia de show: com uma produção de primeira que incluía um palco móvel de três andares, som e iluminação bem cuidados, todos os participantes do II PERCPAN se apresentaram por cerca de quinze minutos cada. A intenção do festival é exatamente esta: traçar um panorama do momento percussivo mundial. Mas nesta noite o melhor ficou por conta do "time" de brasileiros, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Naná Vasconcelos (diretor artístico do evento), Marcos Suzano.

Já tinha dado o braço a torcer e me rendido à baianidade durante um encontro no mínimo curioso ocorrido em um terreiro de Candomblé. Fomos ao terreiro de candomblé Ilê Axé Opô Afonjá (sim, este é o nome). Enquanto os cubanos faziam uma *jam* com os músicos do terreiro, milhares de crianças corriam em volta puxando os meus cachos dourados, Gilberto Gil em pessoa servia acarajés e ouvia-se frases do tipo "que beleza essa negritude", "que alegria esse encontro de raças".

No segundo dia do festival, ocorreu um outro evento paralelo, desta vez no Pelourinho com Neguinho do Samba, as crianças do Olodum e os rapazes do Drumin 2 Deep. O Pelourinho, agora restaurado e de uma beleza surreal, merece um capítulo à parte com suas ruas que abrigam um bar atrás do outro e muita gente até o amanhecer.

A segunda noite do PERCPAN contou com o grupo uruguaio La Calenda, os cubanos Los Muñequitos, a americana Layne Redmond, Adama Dramé e uma boa revelação do festival, os maranhenses do Fogo De Mão. Acabando o show, outra noitada no Pelourinho, regada à cravinho (bebida que mistura pinga, guaraná em pó e cravo e levanta até defunto). A Bahia provou que é muito mais moderna que Londres e há tempos faz uso da mistura do guaraná com álcool como estimulante.

Terceira e última noite do festival, a apresentação começa com o grupo da indiana Shobha Gortu, passando pela baterista americana Terri Lyne Carrington, Milton Nascimento, Giberto Gil e o grande sucesso do evento: Drumin 2 Deep. Os dois novaiorquinos, Larry Wright e Jared Crawford (20 e 21 anos) tocam no metrô de Nova York fazendo batuques em baldes. O festival se encerrou com um grande "arrastão", reunindo todos os músicos participantes do evento, que se deslocou do teatro Castro Alves até a porta do hotel onde os músicos estavam

hospedados. É como tudo na Bahia é festa... enquanto os músicos se deslocavam pela rua atrapalhando o tráfego, os motoristas, ao invés de reclamarem, desciam dos carros e se juntavam ao "arrastão".

À essa altura, eu que havia saído de São Paulo de roupa preta, maquiagem e ouvindo Beck no *walkman*, estava descabelada, de cara lavada, roupa branca e achando tudo "lindo". Surpreende que Salvador tenha um evento dessas dimensões, mas surpreeende muito mais que a terra de Antônio Carlos Magalhães apresente uma "modernidade" digna dos grandes centros urbanos. Talvez pelo intenso fluxo de gringos, talvez pela desencanação total, Salvador parece estar mais antenada com o mundo do que Rio ou São Paulo.

Me rendi à baianidade e confesso: no último dia do festival já ensaiava "passinhos de samba no pé" ao som do batuque. Que o espírito baiano, que esteve em alta durante o PERCPAN possa invadir outros estados brasileiros.

DIVULGAÇÃO

MUITO BARULHO POR NADA?

O rock inglês tem disso. De repente, uma banda começa a emplacar capas e mais capas de revistas. Vem o primeiro single, inventa-se um movimento – para variar um *revival* – e logo essa mesma banda é eleita a porta-voz de um "novo" estilo musical.

Essa história repetiu-se em 94 tendo como protagonista o simpático quarteto **ELASTICA**. Liderado pela guitarrista e vocalista Justine Frischman, o grupo é a mais nova sensação da Grã-Bretanha. Bem ou mal, todo mundo na velha ilha está falando do Elastica. Principalmente no que se refere a autenticidade do seu som, para muitos, à beira do plágio completo.

Em meio a uma rápida série de shows nos Estados Unidos, Justine falou à BIZZ, de Los Angeles. Às vésperas do lançamento do primeiro disco da banda (Elastica, *confira resenha nesta edição*), a namorada de Damon Albarn (vocalista do Blur) foi incisiva quanto à tão falada *new wave of the new wave*: "isso foi algo que durou apenas três semanas na Inglaterra".

Como estão as coisas nos EUA?

Ótimas. Estamos fazendo alguns shows em clubes pequenos, alguns bares, o tipo de lugar com que estamos acostumados. Os shows estão sendo bem legais.

O primeiro disco do Elastica chegou às lojas agora. Como vocês estão neste momento?

É claro que estamos excitados com o lançamento do primeiro disco. Eu ainda não sei muito bem como me sinto sobre isso porque ele está saindo agora.

Como o Elastica lidou com todo o destaque dado pela imprensa, falando especialmente da britânica?

Não há nada que eu possa fazer a respeito, porque a imprensa não vai parar de falar sobre a banda mesmo se nós pedirmos. No ano passado excursionamos oito meses e os jornalistas ficavam me fazendo essa mesma pergunta. Simplesmente não há o que fazer.

Vocês esperavam conseguir tanto destaque na imprensa mundial em um espaço de tempo tão curto?

Eu não acho que nós estamos tão famosos ainda. Mas eu já havia conversado com jornalistas brasileiros, por exemplo.

Nessa passagem pela Califórnia você deve ter conhecido mais a fundo a nova cena punk. O que você acha das bandas da nova geração?

Eu acho o Green Day muito bom, mas o Offspring é horrível. Mas, você sabe, não dá pra colocar todas as bandas daqui num mesmo contexto. E para falar a verdade, eu não estou muito inteirada no que está acontecendo musicalmente aqui nos Estados Unidos.

E o que você acha do *revival punk* na Inglaterra, liderado pelo S*M*A*S*H?

Eu não tenho nada a dizer sobre esse assunto. Essa coisa toda da *new wave of the new wave* está acontecendo apenas fora da Inglaterra hoje em dia. Foi algo que durou apenas três semanas na Inglaterra. Depois, todos os incluídos nessa história ficaram bastante desconfiados com a repercussão que ela teve fora do país.

Hélio Gomes

OUÇA ESSA

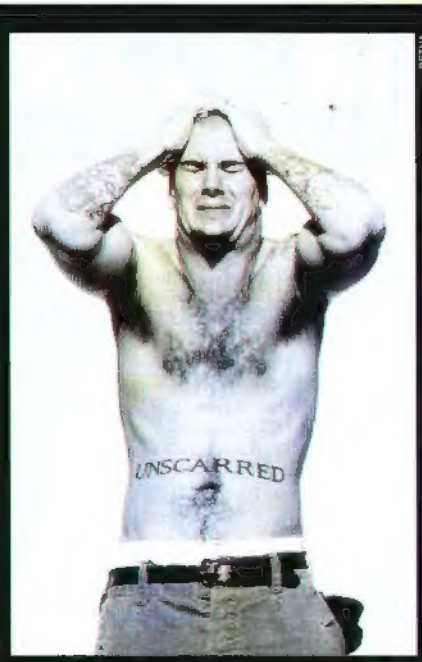
RETNA

"Dos 15 aos 17, foram anos muito duros para mim. Consumi um monte de drogas, fiz vários filmes, posei nua e não dei nem uma trepada" (**TRACI LORDS** na *NME*)

"Eu adoro beber, adoro mulheres e não é porque eu uso um robe negro que não sou mais o que sempre fui: um verdadeiro bordel ambulante" (**LEONARD COHEN** falando sobre sua dedicação ao zen-budismo, na *Les Inrockuptibles*)

"Eu preferia que falassem mais das minhas músicas do que das minhas relações sexuais com Brett Anderson (*Suede*) ou Damon Albarn (*Blur*)" (**JUSTINE FRISCHMAN**, do **ELASTICA**, também na *Les Inrockuptibles*)

"O Living Colour era ótimo e eu adoro as melhores coisas que fizemos. Mas a vida é muito curta para ser vivida na negatividade e na infelicidade" (**VERNON REID**, ex-guitarrista do Living Colour, na *Vibe*)



RETNA

"Eles (*os negros*) estão basicamente dizendo que está certo sair e matar gente branca. Se eu usasse uma camiseta com os dizeres 'Poder Branco' eu seria chamado de nojento. É o reverso da discriminação e vocês devem abrir os olhos" (**PHIL ANSELMO**, do **PANTERA**, durante um show do grupo no Canadá)

"Fazer música e escrever canções tem sido uma coisa muito pessoal para mim. Às vezes acho que quero que ninguém mais as escute" (**POLLY JEAN HARVEY – PJ HARVEY** – na revista *Option*)

"É melhor ser infiel à sua mulher com a mão direita do que com outra garota" (**MIKE D**, dos **BEASTIE BOYS**, falando sobre masturbação na *New Look*)

"Eu fui uma criança hiperativa. Eu podia fazer coisas até cair. E eu sou do mesmo modo agora" (**MICHAEL STIPE**, do **R.E.M.**, na *The Face*)

"Todo mundo continua chamando ele de 'a voz da sua geração', mas eu nunca entendi sobre o que eram as suas canções" (**DEXTER HOLLAND**, do **OFFSPRING**, falando sobre Kurt Cobain, na *Spin*)

FOTO DIANA ZALIS

BEM-VINDO AO PLANETA CÂNHAMO

Um novo planeta acaba de ser descoberto. Tendo como habitantes Marcelo e Bernardo (vocais), Formiga (baixo), Rafael (guitarra) e Bacalhau (bateria), além do "alienígena" Maurinho Branco (teclados), o **PLANET HEMP** (em português, "planeta cânhamo") lança, via Sony Music, o disco *Usuário*.

O Planet Hemp surgiu há dois anos no Rio de Janeiro e seu estilo é uma inexplicável – mas nem por isso enfadonha – mistura de rap e *hardcore*. Essa diversidade de estilos se dá porque seus integrantes tiveram diferentes formações musicais. Como Bernardo, vindo da The Funk Fuckers, ou Maurinho, que mostra a sua veia *rocker* atuando como baixista do grupo Coma.

O nome Planet Hemp foi tirado de um artigo da revista americana *High Times* – uma ardorosa defensora da erva –, o que explica o interesse de seus integrantes pela maconha – a maioria das letras de *Usuário* fala disso. "Nós somos a favor da legalização porque achamos que tem uma importância social e gostamos de fumar", dizem, todos ao mesmo tempo. "Mas não fazemos parte de nenhum movimento nem fumamos o dia todo."

Usuário foi produzido pelo próprio grupo – "a Sony não disse nada sobre arrumar um produtor e nós também não pedimos" – e é dedicado ao vocalista Skunk, que fundou o Planet Hemp ao lado de Marcelo. Ele morreu de Aids no ano passado e desde então o grupo vem lutando para conscientizar as pessoas que usar camisinha é importante.

Usuário tem como música de trabalho "Legalize Já", uma pregação explícita sobre os bens da maconha – como pode ser notado nos versos "Legalize já/Uma erva natural não pode te prejudicar" – e que sampleia "Legalize It", hino do *rastaman* – e herbífumo de carteirinha – Peter Tosh. Mantenha seus ouvidos e mentes abertos para a invasão desse novo planeta.

Patrícia Renda

Ratos lançam tributo ao punk nacional

Nesses tempos de revival do punk rock, João Gordo e os **RATOS DE PORÃO** dão seu testemunho sobre o movimento no Brasil no novo disco de covers da banda, o duplo *Feijoada Acidente*, que a essa altura do campeonato já deve estar numa loja perto da sua casa.

"O título é uma sacanagem com o *Spaghetti Incident*, aquele disco de covers do Guns N'Roses que só tinha música baba", explica Gordo. O repertório traz algumas das pérolas do punk rock nacional, compostas a partir do *boom* de 78. Entre elas estão "John Travolta" (AI-5), "Falsa Liberdade" (Olho Seco), "Tô Tenso" (Patife Band) e "Medo De Morrer" (Inocentes). *Feijoada Acidente* só traz uma música inédita do Ratos De Porão, "Direito De Fumar".

FOTO RUA MENDES

O vocalista João Gordo

A banda lança o disco com uma série de oito shows pela Espanha, o pontapé inicial de uma turnê que deve rolar pela Europa no segundo semestre de 95. Aos fãs brasileiros, a banda manda avisar: em breve os Ratos tomarão conta dos palcos de todo o Brasil.

Hélio Gomes

Talentos Encaixotados

A série Grandes Nomes resgata a obra dos maiores destaques da MPB no inovador formato das box sets

A febre das *box sets* já é uma realidade nos Estados Unidos e em alguns países da Europa. Artistas da importância de Elvis Presley, Marvin Gaye e Bob Marley tiveram suas carreiras dissecadas em formato digital, com direito a faixas raras e inéditas e textos escritos por especialistas. No Brasil, a primeira iniciativa de "encaixotar" os nossos principais artistas foi dado pela gravadora PolyGram, através da série **GRANDES NOMES**.

São caixas contendo quatro CDs e reúnem o que há de mais significativo na área de MPB, rock e pop. A primeira leva foi lançada em março e destacou os trabalhos de **CAETANO VELOSO, CHICO BUARQUE, RAUL SEIXAS, GAL COSTA** e **ELIS REGINA**. Em junho devem ser lançados **TOM JOBIM, JORGE BEN JOR, MARINA, CAZUZA, MARIA BETHÂNIA** e **NEY MATOGROSSO**.

"Acho que essa série deveria se chamar 'Resgate' porque ela resgata o baú do cancioneiro brasileiro. O cara que nunca ouviu os discos de Caetano Veloso, por exemplo, vai poder entrar em contato com a obra do cantor", comemora o jornalista José Eduardo Mendonça, que ao lado de Kiko Farkas – autor do projeto gráfico –, tocou adiante a idéia da PolyGram. Mendonça apontou algumas dificuldades em seu pioneirismo.

FOTO J. FERREIRA DA SILVA

Caetano Veloso é um dos destaques do pacote da PolyGram

"Houve alguns transtornos em relação ao repertório, já que nem todos os artistas gravaram apenas na PolyGram", diz. "Além disso, houve dificuldades em achar um fornecedor que fizesse as caixas."

Grandes Nomes tem seus méritos. As obras dos artistas são mostradas em ordem cronológica, com a biografia encartada dentro da caixa. "Esse é o formato ideal porque a pessoa pode ficar com a informação à mostra no momento em que estiver ouvindo os CDs", explica Mendonça. Os textos estão em português e inglês e não há faixas raras, o que pode decepcionar quem está acostumado com as *box sets* gringas. "A intenção desse projeto não é a raridade", rebate Mendonça. As raridades da série estão nas fotos. No volume dedicado a Tom Jobim, por exemplo, terá o primeiro esboço da letra de "Garota De Ipanema" num guardanapo; Sérgio Mendes tem a foto do ator Harrison Ford trabalhando como carpinteiro de sua casa, em Los Angeles.

Até o final do ano *Grandes Nomes* também vai mostrar a obra de **JOÃO BOSCO, NARA LEÃO, MILTON NASCIMENTO** e **ELBA RAMALHO**. Sugestão da BIZZ: e por que não os **MUTANTES**, que vêm influenciando uma geração de roqueiros de Seattle e da Inglaterra?

S.M.

Partido alto pra francês ver

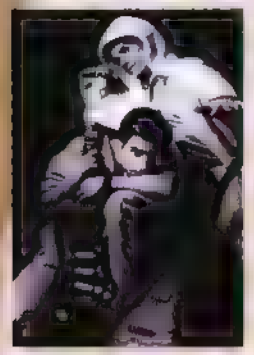
Bezerra da Silva
Bandit
de la
"J

Deu no *Libération - Le Magazine*. A revista semanal que acompanha o jornal francês *Libération*. dedicou oito páginas a um de nossos patrimônios nacionais, o sambista **Bezerra Da Silva**. Quase um tratado sociológico, o texto faz à apologia do "bandido do samba" e traz um dicionário "linguagem do morro-francês", explicando o significado de pérolas como cafungar, cabeça de boi, cobra criada e, claro, malandro.

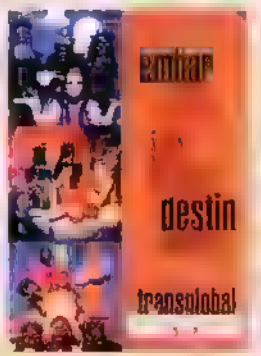
Claudia Grechi

Pimenta nos olhos é refresco

Essa é prá quem está com saudades dos **Chili Peppers**. A dupla dinâmica **Flea** (baixo) e **Dave Navarro** (guitarra) recebeu a *Guitar Player* no estúdio onde o sucessor de *Bloodsugarsexmagik* está sendo gravado. Ao que parece, tudo vai às mil maravilhas. Flea esta com uma cara muito mais saudável e Navarro mostra que entrou na banda com pique para ficar. Agora é só esperar pela nova bolacha



Caldeirão multirracial

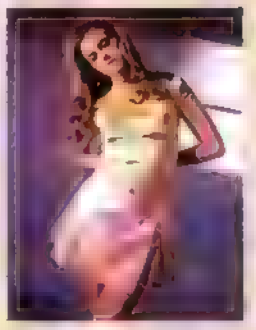


Mais uma que vem da França. O Transglobal Underground, a mais nova sensação do mundo performático-musical europeu, foi destaque nas páginas da *Best*. A banda existe desde 91 e seu som é um caldeirão no qual climas orientais são reinventados através da parafernália dos grupos *techno*. Para se ter uma idéia da versatilidade da banda basta dizer que a vocalista Natacha, que é belga, canta em francês, árabe e hindu. É mole?

De volta para o futuro

Ainda falando de franceses, a volta da *Les Inrockuptibles* Sumida das bancas por uns bons três meses, a melhor revista de cultura pop do país apareceu de cara nova – trazendo **Leonard Cohen** totalmente zen na capa Com projeto gráfico reformulado, ela abandonou os traços simples e a supremacia das fotos em preto e branco em favor de um acabamento mais contemporâneo.Mudanças à parte, a revista continua ótima

Os dezoito aninhos de Alicia



Você já viu nas paginas da BIZZ, na tela da MTV e na sua videolocadora. Agora, você corre o sério risco de ver a beldade **Alicia Silverstone** nas telas de cinema e dirigida por ninguém menos que Bernardo Bertolucci – apesar de não saber ao menos como pronunciar o sobrenome do diretor italiano, como conta a *Entertainment Weekly*. Confira todo o esplendor de seus dezoito aninhos na foto aí acima.

Hélio Gomes

Você acaba de ganhar algumas milhas de vantagem sobre outros calçados.

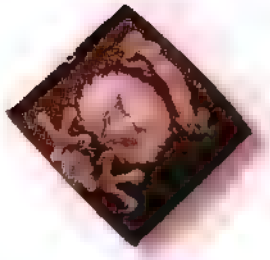
Chegou o Stradero D-100. Ele tem solado de pneu mesmo. Não porque a gente acredite que você vá andar tanto que precise de um solado ultra-resistente. Mas porque ele traduz a alma estradeira, e tem o jeito de quem não está no mundo só para ver a vida passar. Agora, se você resolver botar o pé na estrada, ou fora dela, o Stradero D-100 encara o desafio. E vai muito mais longe.

STRADERO
D-100
STRADERO ®
CALÇADO COMEÇA COM K

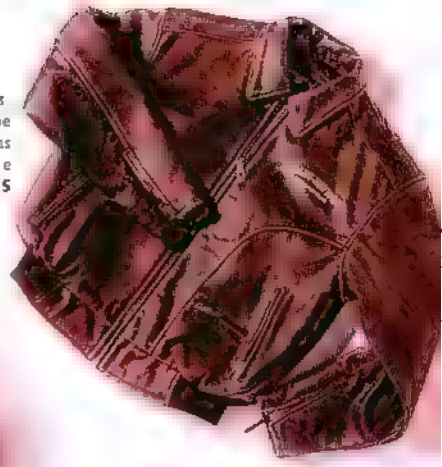
ENJOY IT

O SELVAGEM DA MOTOCICLETA

ROADHAWK GOGGLES É clássico, básico e estiloso. Só não vá sair de motocicleta com ele, para o mico não ficar confortavelmente sentado na sua garupa. **R$50**



WRAP IT CAN COOLER Parece uma munhequeira mas não é. O Wrap é uma espécie de camisinha para a lata de cerveja, que isola o calor da sua mão em relação à lata e mantem a loira gelada por mais tempo. **R$10**

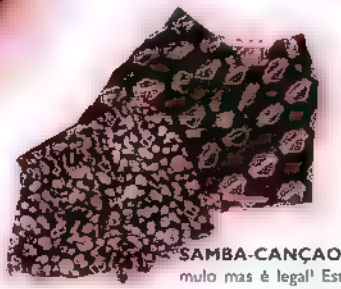


JAQUETA DE COURO Dispensa comentários! Tem que economizar para comprar, mas vale a pena. Dura a vida inteira e ainda fica de herança. **R$ 745**

MONEY CLIP A maneira antiga de carregar dinheiro: sem carteira e com as notas presas em prendedores estilosos. É radical! **R$ 15**

FAT-BOY e DUO-VLIBE Relógios da lata! Vêm em latinhas em forma de moto que servem para guardar "outras coisas" além do tic-tac, se é que você me entende... **R$150** e **R$ 117**

HARLEY BAG Espaçosa, bonita e estilosa ... mas só é adaptável às Harley. O preço também não é nenhuma pechincha. Nem tudo é perfeito! **R$ 850**

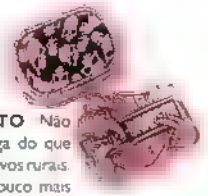


SAMBA-CANÇÃO É o cúmulo mas é legal! Estampadas, deixam o "selvagem" à vontade. Seda e algodão. **R$100** e **R$ 26**

CHAVEIRO CROMADO Não tem nada a ver com souvenir de aeroporto. Se fatiar a chave da moto, põe a chave de casa que também fica bacana. **R$ 22**

CINTO DE COURO É peludo! Você vai sentir o bicho vivo na sua cintura. O couro é legítimo e os fios do pêlo são longos e macios. Deviz acompanhar pente e condicionador. **R$50**

CAVEIRAS PARA PLACA Para substituir os parafusos que prendem a placa à moto. Se você não tem uma possante descubra outros buracos para aparafusá-las. **R$ 30**



FIVELAS DE CINTO Não existe nada mais brega do que aquelas fivela com motivos rurais. Aqui o estilo é um pouco mais "requintado". Um cinto básico vira uma peça clássica. **R$ 30**

COFRE SIDE CAR Que porquinho que nada! Larga de ser fru-fru! Aproveita o tempo de "moeda forte" e se livra dos niqueis penteihos que não servem para nada sozinhos. **R$ 96**

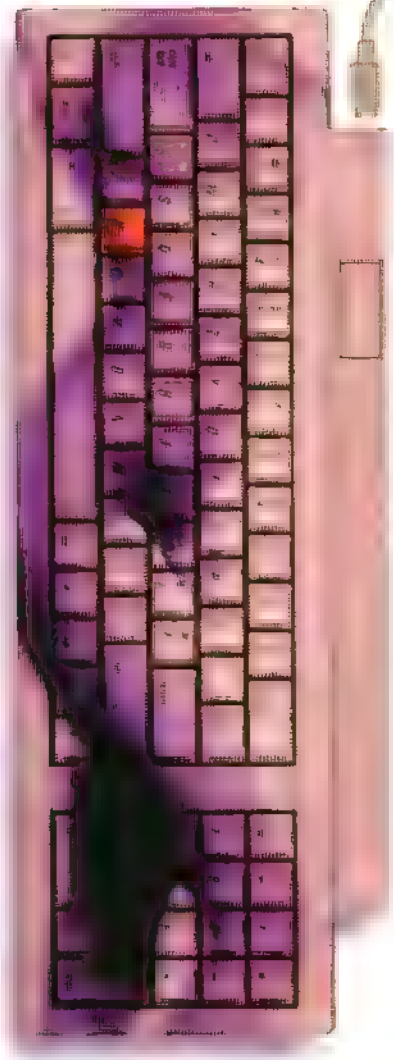
TEMPORARY TATOOS Duram uma semana, medem 5 e 10 centímetros e aplica-se como aquelas figurinhas transferíveis que vinham em chicletes. **R$10**

ISQUEIRO DA LATA *"C' mon baby, light my fire"* Objeto de desejo mesmo para não fumantes. Vem numa latinha maneira e é bom para tirar uma onda. Produção limitada. **R$ 60**

MOTO ABAJUR Por essa você não esperava. Confeccionada em papel, é meio yuppie mas é o máximo. Mede 50 centímetros e o melhor é o preço. **R$ 40**

ONDE ACHAR **IZZO** Av. Europa, 42 São Paulo. Fone: (011) 838-2360
LOBOS DO ASFALTO Rua Natingui, 756 São Paulo. Fone: (011) 815-7116

SEXO PROIBIDO NAS ONDAS DA INTERNET



WASHINGTON

Se depender do conservadorismo tradicional americano, a Internet vai se transformar no local ideal para a comunicação entre freiras e conventos. Matreiramente embutida num pacote que muda as leis de telecomunicações nos EUA, o senador reaça James Exon conseguiu aprovar uma proposta que passa a considerar criminosa a transmissão de sexo pela Internet.

A partir da sugestão do senador, toda e qualquer manifestação com conteúdo sexual fica proibida nas ondas da rede e quem desrespeitar a "recomendação" estará sujeito a dois anos de prisão e passível de uma multa de cem mil dólares.

A proposta, que ainda não é lei, vem causando revolta entre os "micreiros" e revela mais um ato de arbitrariedade explícita típica de alguns Estados ianques famosos pela rigidez que tentam impor ao comportamento jovem.

O político de Nebraska alega que a sua determinação visa exclusivamente o interesse das crianças, inocentemente expostas à pornografia na rede.

Atualmente é possível ter acesso a *hot lines* com temas curiosos como "Estudantes Lolitas", "Bestialidade" e "Celebridades Nuas". Textos contando casos sexuais explícitos e todo tipo de fotos digitalizadas também podem ser facilmente encontrados na *highway*.

No entanto, a proposta do Sr. Exon é totalmente descabida visto que como nos canais de televisão ou até nos serviços de sexo por telefone, só tem acesso a "pornografia" quem procura por ela. Resta saber também, o que o "brilhante" político vai considerar "obsceno, lascivo, indecente ou pornográfico" e como e quem vai controlar os milhões de diretórios da rede, onde os usuários trocam todo tipo de informação, inclusive confidências estritamente pessoais. *Robert Halfoun*

Picos Bizarros

Ao redor do mundo, alguns lugares onde as roubadas e o mau gosto são condições fundamentais

PARIS

Claustrofobia e mau cheiro As catacumbas francesas são o tipo de programa obrigatório na Cidade Luz. No passeio se desce um número interminável de degraus até se chegar a corredores intermináveis e estreitos cujas paredes úmidas e mau cheirosas são "decoradas" com os ossos dos antigos prisioneiros do local (*fotos acima*). Durante meia hora o bando percorre os labirintos à procura da saída. Como "tudo que desce, sobe" depois deve-se escalar as escadas de barro quase verticais para finalmente dar o fora do lugar. Informações nos guias de Paris.

AUSBURG

Jantar medieval nos confins da Alemanha O restaurante Weiser-Kuche recria um autêntico clima medieval, dos pratos aos costumes. Esqueça tudo o que mamãe ensinou sobre boas maneiras à mesa. Em vez dos tradicionais garfo e faca, usa-se um punhal para apanhar pedaços de carne e pão. Nacos de marreco devem ser despedaçados com as mãos. Detalhe patético: os homens só podem ser servidos por mulheres e se a regra for quebrada, o cara é aprisionado numa especie de algema que liga os braços ao pescoço. Fica na Maximilianstrasse, 83. O preço do "mico" é US$40.

LOS ANGELES

Mórbida fama Tour que leva turistas mórbidos para visitar os lugares onde gente famosa "saiu dessa para uma melhor". A visita inclui o hotel onde o ator John Belushi morreu de overdose, a calçada do *club* onde River Phoenix "bateu as botas", a casa onde a filha de Lana Turner esfaqueou Johnny Stompanato, a mansão onde Nicole Simpson foi assassinada (teria sido mesmo por O.J. Simpson?). Informe-se nas agências de turismo de Los Angeles, custa US$40.

ROCKHAMPTON

Seu aposentado vai morrer de inveja A Austrália é famosa pelas praias, cangurus e beldades locais. Que tal esquecer tudo isso e pagar US$5,2 mil para visitar a industria bovina australiana? Em vinte dias, visita-se frigoríficos, centros de inseminação artificial, fazendas de gado e a Feira Toowoomba Show (socorro!). Pode-se observar também o modo australiano de desenvolvimento de pastagens e até uma transa entre bovinos. Excitante, né? Ligue para (011) 829-7189

PANTANAL

Como ser muito no Pantanal Programa eco-rural para quem pensa que a vida de peão é poética e agradável. No paraíso dos pastos alagados, turistas tocam gado, andam 36 horas a cavalo, dormem ao relento e ainda pagam por isso. Há ainda outros detalhes "agradáveis" como beber água da chuva, comer as delícias especialmente preparadas pelo carregador da excursão, dormir no meio do mato e acordar todo dia antes do amanhecer. Informações com o Refúgio Ecológico Caiman. Fone: (011) 246-5016.

TRANSILVÂNIA

Gate por lobre e baixo astral O que pode parecer excitante, é o típico turismo para louco. O cara parte "na pilha" para visitar castelos abandonados, onde o Conde Dracula supostamente teria vivido, e se dá mal. A Romênia foi um dos países massacrados pelo comunismo e os tais castelos ficaram famosos por servirem de depósito de ossos e pelas atrocidades que rolaram por lá. Não há nada para ver, só baixo astral. O pior: você com certeza vai ter que aturar a chatice dos góticos ultrapassados do leste europeu. *Claudia Grechi*

ARE YOU READY FOR 8 HOURS OF NON-STOP MUSIC?

7 CD CHANGER

O nome dele é Mini Hi-Fi System FW 56. É mini pelo seu design compacto. Mas é grande pela pureza e pela potência do som. Ele tem
• 460W PMPO (64W RMS) • Laser CD changer para 7discos, programável para 70 faixas • Controle remoto total
• Analisador de espectro de 10 bandas • Karaokê duet • Timer/Sleep • Digital Sound Control • Duplo deck lógico auto-reverse

PHILIPS

10 + 1 perguntas para ARNALDO ANTUNES

Arnaldo Antunes vai muito bem, obrigado. Um dos mais talentosos compositores da geração dourada do pop brasileiro, lança um segundo álbum – *Ninguém* – exatamente quando alguns de seus ex-companheiros dos Titãs também enveredam pelos caminhos da carreira solo.

O compositor passa por mais um momento iluminado em seu trabalho. Deixando um pouco de lado as experimentações dos tempos do primeiro disco, Arnaldo voltou ao pop. *Ninguém* é recheado de canções pulsantes, como aquelas que fizeram de Arnaldo um ídolo nos Titãs.

Como é o seu processo de composição atual? Como *Ninguém* foi concebido?
O meu processo de composição varia muito, de todas as formas. As vezes vem a letra, às vezes vem junto letra e música. Este disco também é uma coisa mais de banda. Ser lá, a gente começa a fazer um som no ensaio e eu me lembro de uma letra, começo a cantar em cima e acaba casando.

Você começou a trabalhar este disco com a intenção de fazer um álbum pop, algo que resgatasse um pouco do seu trabalho com os Titãs?
É um disco que veio de uma experiência que foi se fazendo, não é uma coisa que eu projetei. Ele surgiu quando a gente fez o show do *Nome* (*primeiro álbum solo de Arnaldo, de 93*). Formamos a banda e começamos a compor. Na minha cabeça é a continuação do meu primeiro disco solo.

O que você acha dos compositores da nova geração do pop brasileiro?
O ano passado foi grande. Teve muita coisa legal surgindo. Adoro o disco do Mundo Livre, os Raimundos, o Chico Science. Além disso teve o disco da Marisa Monte, o da Cássia Eller, a presença do Carlinhos Brown. Tá efervescendo, é um período animador.

Musicalmente falando, o que é interessante pra você hoje em dia?
Tanta coisa diferente... Ouço bastante MPB, mas a coisa do rock'n'roll eu não tenho acompanhado muito, mal cheguei em Seattle ainda! Continuo ouvindo Jimi Hendrix, os Stones, Beatles. Não acompanho o pop internacional, vejo os clips na "Emetevê" (*Arnaldo pronuncia o nome do canal de TV em português*). Carlos Gardel, Amalia Rodrigues, T. Rex.

E os trabalhos solo dos Titãs?
Adorei os discos do Paulo (*Mikos*) e do Kleyderman (*banda que conta com Sergio Britto e Branco Mello*), estou aguardando ansioso o disco do Nando (*Res*). Acho positivo eles fazerem essa parada e os trabalhos solo, acho que isso areja e ajuda eles a voltar e fazer uma coisa renovada.

O que você acha do trabalho dos Titãs no Banguela (*selo independente da banda*)?
É maravilhoso, os Raimundos, o Mundo Livre. O fato de se abrir um espaço como esse é super-positivo, não há a menor dúvida. E está se descobrindo bandas muito legais.

Os dois sambas do disco – "Alegria" e "Budismo" – lembram algumas coisas de *Estrangeiro* e *Circuladô*, do Caetano. Esses discos o influenciaram?
Influência do Caetano sempre tem, né? Influência do Caetano, Gil, sempre teve, faz parte da minha formação – eu sempre ouço e gosto. Agora diretamente, assim, eu não sei dizer. Não dá pra traçar uma linha direta de influência com esses dois discos.

O que você está pensando em fazer fora do universo musical?
Por enquanto não tenho projeto nenhum, tenho o disco e o show a ser feito. Já estou achando muito (*risos*). A gente pretende trabalhar com a mesma equipe do show do *Nome*. Deve ter algumas músicas do primeiro disco, mais o repertório do *Ninguém*. E pode ter algumas novas.

Não vai haver um vídeo para *Ninguém*, a exemplo do que aconteceu com seu primeiro trabalho solo?
A curto prazo é muito difícil. O vídeo *Nome* foi um trabalho de animação em computador, demorou um ano e meio para ficar pronto – é quase um artesanato, apesar de ser feito num instrumento tecnológico. Mas é claro que está nos meus planos trabalhar com essas linguagens, é super-sedutor.

Se você fosse definir o seu trabalho atual, como o faria?
Eu detesto rótulos, não vejo nenhum apicável ao meu trabalho. Acho que nós conseguimos transformar a informação original – o samba, o rock – em algo inclassificável. Esse era o movimento que nos ensaios a banda sempre buscou. O rótulo que eu daria é esse: inclassificável. A originalidade vem de não redundar nas fórmulas estabelecidas. **HÉLIO GOMES**

Pó. de Atleta.

Daktarin® Pó age nos fungos causadores de micoses como pé-de-atleta e frieira, responsáveis pelo cheirinho desagradável dos pés. Ele contém miconazol, um ingrediente de ação prolongada muito eficaz e seguro, que penetra rapidamente na pele, deixando os pés sempre saudáveis. Além disso, Daktarin® não mancha suas roupas, podendo ser usado todos os dias. Daktarin® também está disponível como loção cremosa
Para maiores informações, ligue grátis: 0800-11-8514.
Use Daktarin®. Porque pés bem cuidados vão mais longe.

Daktarin® Pó. O Pó de Atleta.

FORÇA INDEPENDENTE

SKOL GARAGE BAND INCENTIVA O ROCK NACIONAL

Com a canção "Às Vezes", a banda paulistana Pompéia 1895 venceu a primeira edição do Skol Garage Band

Não há como negar a importância de um festival como o Skol Garage Band. Por mais que se conteste quais foram os critérios usados para selecionar as doze bandas finalistas entre as quase setecentas inscritas o evento deixou um saldo positivo.

É claro que o esquema competitivo que foi armado, com júri, avaliação por notas e prêmios atraentes para o vencedor – a gravação de um CD pela Sony (uma das patrocinadoras do festival) com as doze finalistas, além de um cheque de dez mil reais, um clip na MTV e um programa especial na 89 FM para a grande ganhadora – foi mais que suficiente para incentivar garageiros" de todo o Brasil que enviaram suas fitas demo. Mas talvez se fosse realizada uma mostra não-competitiva das melhores bandas (selecionadas por uma comissão de especialistas no ramo), ou mesmo se a escolha da vencedora tivesse a participação do público, o resultado poderia ser mais representativo.

ALÉM DO GRANDE VENCEDOR POMPÉIA 1895, OS DESTAQUES DO FESTIVAL FORAM DIORAMA E SPEEDY GONZALES

De qualquer forma, essa iniciativa foi válida para um universo musical pouco divulgado no Brasil, apesar de essencial para o rock nacional - que grupo, afinal não começou ensaiando numa garagem?

E, desconsiderando o seu caráter de concurso, o Skol Garage Band poderia se inserir em eventos musicais como o Abril Pro Rock (que teve a sua terceira edição no Recife, em abril passado), o Juntatribo (festival organizado pelos alunos da universidade Unicamp, em Campinas, interior de São Paulo) e o B.H.R.I.F. – mostra de bandas *indies* nacionais e internacionais, que ocorreu em Belo Horizonte no ano passado e promete uma nova edição para 96.

Exemplos do êxito dessas iniciativas: o evento pernambucano projetou grupos locais – hoje largamente conhecidos – como Chico Science & Nação Zumbi, Mundo Livre S/A e Jorge Cabeleira E O Dia Em Que Todos Seremos Inúteis. Já o festival campineiro revelou os Raimundos (grande vencedor do prêmio BIZZ do ano passado) em sua primeira edição (93) e teve bandas promissoras como Garage Fuzz e Resist/Control, em 94. Enquanto isso, a mostra de rock independente da capital mineira reuniu nomes do som alternativo gringo (Fugazi, Swamp Terrorists) com bandas nacionais (Killing Chainsaw, de Piracicaba, e Concreteness, de Santa Barbara D'Oeste, ambas no interior paulista).

Da dúzia de grupos que tocaram na finalíssima deste primeiro Skol Garage Band, foram três formações da capital paulista que acabaram se destacando: Diorama, Speedy Gonzales, mais o grande vencedor, Pompéia 1895.

Parabéns e boa sorte para eles e que surjam outros grupos talentosos na próxima edição do evento. *Celso Pucci*

POR DENTRO DO JÚRI

AS DOZE FINALISTAS, NA ÓTICA DA BIZZ

Avaliar por notas o trabalho de bandas independentes não é fácil, especialmente ao se saber de todas dificuldades que a moçada que se reúne em uma garagem para fazer um som enfrenta – falta de grana, equipamentos mambembes, vizinhos chatos etc. Mas dando o devido desconto para tudo isso, o resultado dessa primeira edição do festival Skol Garage Band foi justo.

POMPÉIA 1895 mereceu a vitória com "Às Vezes", segundo o quarteto, um "rock mutante". A grande força deles porém, estava no bom arranjo e na performance à *la* Henry Rollins do vocalista Márcio Dualibi. Destacou-se também o pop rock "Incandescente", do duo feminino **DIORAMA** – Maria Andrade (guitarra/voz) e Anna Ruth (baixo/voz) –, mais o baterista Edu Nader. Outro dos melhores, o trio **SPEEDY GONZALES**, com "Fala Garoto", rock'n'roll com influências chicanas, valorizado pelo pique do guitarrista Ricardo Régis e seu *sombrero*.

Diorama: Maria And[illegible]

Outras grupos promissores se revelaram. os cariocas do **ULTIMO REDUTO** surpreenderam com o balanço e a letra legal de "Baile Funk", bem como os gaúchos do **LENE LOA**, que não fizeram feio com a música "Corações Otários". Duas bandas de Santa Catarina fizeram apresentações razoáveis: **PRIMAVERA NOS DENTES** (mesclando rock e MPB em "Psycomato") e **PAPPER BOX** (com a boa levada instrumental de "Inverno De 92"). Os mineiros do **COMISSÁRIO GORDON** salvaram-se um pouco na fraca "Esmalte Noir" pela performance do grupo, da mesma forma que o arranjo para a canção "Nonsense", dos **ANJOS KARICATOS** (de Goioerê, no interior do Paraná), livrou a cara do quinteto.

Ricardo Régis, do Speedy [illegible]

Já os shows menos felizes da noite ficaram por conta da banda paulista **OUTDOOR** (com o "reggae'n roll" branquelo "Flores Do Reggae") e dois grupos de Minas Gerais: o uberabense **SEGUNDO COMBINADO** (com "Procurando", pouco inspirada em seu arranjo e na letra) e o belo-horizontino **SKELTER** (soando como se o Extreme tocasse uma balada metálica com o sax de Kenny G, na música "Um Homem Qualquer"). **C.P**

A NATUREZA DO CAMALEÃO

Lulu Santos nasceu roqueiro, virou romântico, renegou o rock, enveredou pelo pop, descobriu o samba e a bossa nova, voltou ao rock e agora abraça a *disco music*, remixando os próprios sucessos e retornando ao topo das paradas. Como esta nova fase está mexendo com a cabeça de Lulu?

por Felipe Zobaran e Sérgio Martins

LULU

Foi um início de conversa bastante tenso, para nossa surpresa. Havíamos esperado 45 minutos no hall do hotel Glória, um dos mais tradicionais do Rio de Janeiro, onde Lulu Santos está morando desde janeiro, enquanto reforma seu apartamento na Lagoa Rodrigo de Freitas. O movimento na portaria era intenso. Uma equipe da Globo usava o hall como cenário para filmagens. O vai-e-vem de atores e técnicos carregando equipamentos nos distraía até que Danielle Machado, assessora de imprensa da BMG-Ariola, avisou que Lulu estava pronto.

Subimos dois lances de escada e chegamos ao terraço debruçado sobre o aterro do Flamengo. A tarde caía sobre os jardins projetados por Burle Marx e alguns hóspedes tomavam café sentados em pequenas mesas. Atravessamos o salão de chá até a piscina, onde Lulu nos esperava numa das mesas.

A piscina do hotel Glória é cercada por pedras grandes, úmidas e escuras, semicobertas por folhas verde-escuras de diversos tamanhos. Estranhamente, o tipo de lugar perfeito para camaleões.

Lulu estava todo de preto. Sandália havaiana, short e camisa com os dizeres "black male" (macho negro) no peito. Cordão de ouro, cabelos descoloridos e brinco na orelha. O brinco era um pequeno urubu dourado, como os que adornam a capa de seu último disco.

Ele levantou-se e nos estendeu a mão. Mas a cortesia acabava no cumprimento. Lulu não sorria e olhava olho no olho, como se estivesse concentrado em adivinhar as intenções desta entrevista. Para relaxar, tentei ser engraçado, contando que sou meio surdo de um ouvido, justamente do lado que Sérgio sentou no avião da ponte aérea, o que impossibilitou qualquer conversa entre nós durante o vôo. Lulu não riu. Limitou-se a comentar que também tem problemas de audição, um zumbido constante que o incomoda.

De braços cruzados, na defensiva, Lulu respondeu nossas primeiras perguntas. De repente, levantou-se dizendo que deveríamos trocar de lugar e continuar a entrevista no salão de chá. Mudamos para o salão, mas o clima continuava o mesmo, difícil, diferente do que esperávamos. Afinal, Lulu está numa excelente fase, puxada principalmente pelos sucessos remixados no disco Eu E Memê, Memê E Eu. Achávamos que ele estaria alegre e aberto. Ao invés disto, encontramos desconfiança.

Lulu Santos completou 42 anos. Já passou por tudo que pode haver no cenário musical brasileiro. Mas experiências na montanha russa da arte também traumatizam. Criam o efeito "pé atrás", o artista sente necessidade de criar uma "personalidade fantasia" para lidar com as obrigações do sucesso. Lulu Santos tem a sua, mas não consegue controlá-la muito bem. Tem de se esforçar, um esforço duro de ver, mas bastante compreensível.

Aos poucos, como um camaleão, Lulu foi mudando, não de cor, mas de atitude. Mais tarde, perguntamos se ele estava tenso no início da entrevista. Respondeu que sim. "Achei que vocês queriam mais do que eu estava pronto pra dar."

Você se acha um "camaleão do rock"?

Estranho, isso é outra pessoa. Acho que é aplicável. Mas "do rock" é ruim. Nunca fico pensando que sou um camaleão, mas que eu mudo de atitude e de cor de vez em quando, é observável. As mudanças de estilo se dão por interesse, libido, tesão. Eu começo a ter interesse em descobrir como uma determinada coisa se processa e vou fundo.

O que você pensa a seu respeito?

Procuro não fazer essa observação porque é cabotino. Não fico me analisando, seria como olhar o próprio olho do cu. Não me levo muito a sério no sentido de ficar me pesquisando. Eu tenho uma busca de autoconhecimento que é de outra natureza. Mas ficar me colocando entre aspas, não.

O que atrai o seu interesse nesse novo trabalho, ao lado do Memê?

Esse fato de que dado o acúmulo de informação você pode hoje fazer nova música, desconstruindo e fazendo música que já estava feita. Essa coisa de você pegar um *loop* e fazer música em cima do *loop*. De você fazer música a partir de tua memória, da tua cultura musical, de utilizar um universo que está ali à tua disposição pra você cortar – *cut up* –, pra você colar.

Como entra a questão da propriedade do artista sobre a música?

Ah, isso eu nem penso mais. As coisas que comecei a escutar que já tinham isso, já vinham com a parte moral livrada pelo mero pagamento de direitos autorais. Não tem nenhum *sample* nesse disco – *Eu E Memê, Memê E Eu* – que não tenha sido declarado, cuja autorização não tenha sido pedida e cujos direitos não tenham sido pagos.

Alguma questão moral passa pela sua cabeça hoje em dia?

É uma questão ampla para uma revista musical! Diversas questões morais passam pela minha cabeça, mas não sei se elas são declaráveis nessa instância. Não sei se é isso que importa.

Você saiu cedo de casa...

Ah, sim. Eu saí de casa, havia uma coisa apreensiva e obscura dentro da educação dessas crianças – entre as quais eu – e busquei um outro caminho, que era a descoberta desse universo que a partir de uma apreciação estética que eu tive, me vi obrigado a desenvolver um outro estilo de vida. E saí de casa – pelos padrões burgueses – cedo. Tinha 19 anos.

Mas essa sua atitude era uma contestação aos valores da outra geração.

A contestação era mais no nível que para mim era insuportável conviver com aquilo. Era chato, eu me sentia mandado e oprimido e procurei escapar daquela opressão. Não era uma contestação no sentido "agora eu vou contestar". Disse "eu não quero mais isso para mim, vou buscar uma solução para que a minha vida se torne mais 'fruível'."

Como isso afetou sua relação com a família?

Eu não tenho uma relação formal com nenhum dos membros da minha família. Porque houve um esfacelamento muito grande dessa família e, ademais, problemas de relações pessoais que não estou a fim de revelar.

Hoje em dia, a gente nota a musica muito mais como entretenimento puro e simples do que como meio de veicular mensagens ou criar novos valores na sociedade

Ei, meu, esses são os anos 90. Acorda! A historia ja passou pela gente. Vê o que foi o Woodstock '94: uma piada. Foi os Red Hot Chili Peppers imitando o Jimi Hendrix. A história não se repete. Cada epoca tem o que precisa, o que e necessario. Esses anos 90, acorda! são anos de relativismo. Tudo é absolutamente relativo, depende das circunstâncias e do que ha em contraposição aquilo. Essa idéia de ter um caminho único é bom para a religiao cristã. Pra observação da vida com uma certa clareza, eu acho estupidez.

Em seus shows há um resgate do pop brasileiro dos anos 80, com participações especiais de Fernanda Abreu, Leoni, Nando Reis (Titãs)...

Houve um momento em que eu observava uma tentativa de se colocar essa linguagem – a musica pop – que teve vigência fenomenologica nos anos 80 como uma coisa menor, de uma produção que não vale a pena registrar, e no meu espetaculo fiz questão de prestar homenagem à esta linguagem me colocando ali dentro também.

Hoje em dia você acha que existem "filhotes do Lulu"? Pessoas influenciadas pela sua música?

Vi alguem dizendo isso. Liguei para essa pessoa e disse: "Olhe lá, você deveria ter prestado mais atenção na Marina [risos]. A coisa mais interessante do pop brasileiro dos anos 90 é o Gabriel O Pensador, e ele diz um não redondo a tudo que estava pra trás. E o não é a sequência. Gabriel não é filho dos Paralamas, nem da Legião. Acho que todos esses que tentam ser acabam se dando mal porque a relação ideal da minha concepção em relação aos pais é de negação. Por isso acho que os interessantes mesmo são os que são completamente o contrário e conseguem, por força do que acontece, negar o proprio passado.

A sua parceria com o Memê é uma forma de negação também?

É uma forma de negação. Tem uma canção da minha obra chamada Condição, que é do meu disco de 86. Essa musica ficou emblematica do que eu queria para o meu trabalho: já tinha rap, *sequencer*, vocoder, tudo isso. Em varios momentos de minha carreira eu tento dizer: eu não to mais indo por ai, to

indo por aqui agora. Se vocês me acompanharem, é isso que eu tô querendo demonstrar". De quatro em quatro discos eu faço um disco que é esquisito em relação aos outros, demonstrando uma nova possibilidade, baseado no fato de eu ter um leque de gostar muito amplo. Acho que tenho uma certa "endemoniação" interior. Sou da geração de Woodstock, de uma época onde havia uma compreensão mais ampla era mais fácil gostar do que separar.

***Falando em "geração Woodstock" e aproveitando que você é um cinéfilo, como você reagiu ao* Forrest Gump – O Contador De Histórias?**

Saí no meio, tive pavor daquilo. Na hora que entrou o John Lennon, achei uma falta de respeito histórica e aquela estupidez congratulada. Não é cinema, é entretenimento da pior qualidade.

Suas declarações são bem incisivas. Você já sofreu com isso?

Houve momentos em que mereci levar porrada também. A questão dos sertanejos foi mal colocada (*Lulu chamou a música sertaneja de trilha sonora de um governo corrupto*). Eu poderia ter articulado o meu mal-estar ideológico de uma outra forma. Poderia ter dito: "meus amigos, sertanejos. Vocês, que são tão populares, estão fazendo campanha para um governo que todo mundo sabe." Besteira.

Você já teve fases de popularidade e outras nem tanto. Nessas fases de recolhimento você aprendeu algo?

A não brigar com a ideia de popularidade. De não me sentir estressado porque eu já sei lidar com isso melhor. Por que a gente sua, rala muito para obter e depois na hora de desfrutar vai ficar problemático? Tem alguma coisa errada nessa dinâmica. Quero saber vivenciar isso sem me sentir agredido. Porque é um exercício também. Sua privacidade vai embora de um dia para o outro. E eu continuo a mesma pessoa que era há dez anos, mas o tipo de assédio e solicitação é muito grande.

Como foi a história de "Se Você Pensa"? Como chegou para você esse negócio de "não vai ter a música no disco do Roberto"?

O presidente da companhia (*Luis Carlos Niemeyer, da BMG-Ariola*) ligou e me explicou uma série de coisas e falou que ia tomar uma decisão. Eu concordei e fiquei do lado dele. Pelo arrazoado dele e pela relação que eu tenho com ele, achei justo aquilo.

LULU SANTOS

BMG Ariola

Eu E Memê, Memê E Eu

Os que torceram o nariz dizendo que *Eu E Memê, Memê E Eu* não trazia novidade alguma ao repertório de Lulu Santos, não devem saber o significado de *remix*. Parafraseando o próprio Lulu: "Cada um tem um jeito de contar a mesma história".

O cantor e Memê contam as mesmas histórias magistralmente, fazendo o melhor álbum pop brasileiro lançado nos últimos anos. A versão de "Se Você Pensa", de Roberto e Erasmo Carlos (que não entrou no disco Rei) já valeria o disco, mas ainda há outras pérolas. Como "Descobridor Dos Sete Mares" (sucesso de Tim Maia e hit em um comercial de TV), "Fullgás" e "Sossego" (desde já um ícone do pop com a abertura sampleando "Kiss", do pequeno Prince).

Lulu e Memê nem precisariam ter feito versões para músicas de Tim Maia ou Marina, já que os remixes de "Casa", "Tudo Bem" e "Tudo Igual", hits do próprio Lulu são puro deleite. CLAUDIA GRECHI

Você não ficou chateado de não participar do disco do Roberto?

Me bateu perder aquilo que a gente fez – que eu gostava muito. E me bateu também o fato de estar envolvido numa situação malparada, puxa daqui, puxa dali, não queria aquele astral para mim naquele momento. O Erasmo (*Carlos*) disse que ele adorava a música. Falou: "Bicho, não vai sair?". Vai, espera'.

Na capa do disco você sumiu...

É, o "Mancha". Um dia eu tava vendo televisão e entra a Leila Cordeiro dizendo assim: "Disco não sai por causa do cantor Lulu Santos!". Ahhh.

Os samplers de Eu E Memê, Memê E Eu participaram do seu passado na época em que foram lançadas ou você estava em outra viagem?

Eu adorava *disco*, era o rei do Dancin Days (*discoteca do Rio de Janeiro montada por Nelson Motta nos anos 80*). Conheci Scarlet Moon na danceteria foi um romance de discoteca. Para mim, a *disco* foi um momento genial porque o Vimana estava acabando e o Vimana era aquela coisa... E a gente ia no Dancin' Days e ficava besta com aquela euforia de vida toda. A minha vida começou a querer aquilo. Era uma solução mais legal pra viver do que se enfiar numa casa em Santa Tereza, ensaiar doze horas por dia, fumar maconha até desacordar.

Vocês tocaram com o Patrick Moraz *(ex-tecladista do Yes)*, não?

Ah, o "Marick Patráz" (*risos*). O apelido era um jeito da gente sacanear ele. O homem é um pavor. Sujeito horroroso. Mas foi bom porque o diabo pinta mesmo pra esfacelar: explodiu tudo, foi um pra cada lado. Melhor atitude teve o Lobão que tomou a mulher e a casa dele. Grande Lobão! Botou o Patrick Moraz casa afora.

Sobre o Lobão, vocês têm uma relação de amor e ódio?

É uma coisa de irmãozinho. Conheci o Lobão quando ele tinha quinze anos e tenho o maior carinho por ele. Eu tenho pensado ultimamente em fazer uma coisa que tenha as duas "tias" junto comigo: Lobão e Ritchie. Tenho vontade de fazer um *Acústico Semi Acústico Sólido, Líquido E Gasoso* (*risos*). Nada de pegar um violãozinho não, acho isso muito chato. Quero pegar todas as coisas seqüenciadas e fazê-las com orquestra. Botar a Sinfônica de Campinas atrás de mim para fazer o que foi seqüenciado. Acho que ficava legal pra caralho. Aí chamava os dois pra fazer uma coisa com um, com outro, pra ficar legal, na TV. Aliás, sabe o que eu estou tocando no meu espetáculo? "Dancin' Days". Que música linda! E minha platéia tem gente de onze anos!

Como surgiu a sua aproximação com o universo da música negra?

Essa aproximação com o universo de rhythm'n'blues se processou da seguinte forma: comprei o disco *Fear Of A Black Planet*, do Public Enemy. Desde que ouvia "Planet Rock" (*música do rapper Afrika Bambaataa*) tocar nas estações de funk do Rio, eu já dizia: "gente, isto é o futuro". Eu também adorava a colagem sonora, do picote. Isso de pegar uma referência antiga, um acorde de piano de quinze anos atrás e enfiar aquilo. Li que o amplificador Marshall e a guitarra Fender Stratocaster de vinte anos atrás são o *pick up* de hoje em dia. Quero brincar disso também. Adorava aquilo, mas o discurso eu achava enfadonho e dormia. Dois anos depois, eu comprei um carro com gravador e tinha poucas fitas – uma delas era a do Public Enemy. Comecei a entender o discurso do Chuck D (*líder do PE*) e adequar aquilo à minha situação. Assistia o *Yo! MTV Raps*, que na época passava de madrugada e ficava de queixo caído com aquilo. Dizia: "Bicho, olha a ponta de lança da humanidade aí". Se alguém quer saber qual o Armageddon é o South Central, L.A. Nesse período, eu ia muito aos Estados Unidos – fui sete vezes em um ano. O meu tesão foi descobrir a América negra, as roupas. Você pega a *Vibe* (*revista americana especializada em música negra*) e vê aquela coisa poderosa. Eu mergulhei neles como uma fonte de inspiração, de tesão.

"COMECEI A OUVIR GANGSTA DEMAIS E SÓ ACONTECIA CAGADA COMIGO"

Você falou no Armageddon em L.A., mas e no Rio de Janeiro?

Me perturba mais saber de onde vem a violência. Eu vi um *Documento Especial* sobre a coisa deflagrada da violência. O que está por trás da porrada das galeras? A ausência absoluta de recurso humano, desvalorização mais profunda da vida humana. Não têm o direito a nada, têm uma subvida sujeita a piores condições e ainda têm ânimo! A melhor música do momento é o "Rap Do Borel", de MC William e Duda MC. Acho aquilo de uma propriedade, de uma beleza. É tão poético você ver aqueles meninos bradando.

E o exército no Rio? Você é a favor ou contra?

Acho que se a nação sustenta uma quantidade "x" de homens que podem ser úteis no âmbito de segurança, por que não utilizar? No primeiro momento que eu vi isso, as cores do exército na rua, para quem que viveu 64, ainda eram um pouco assustadoras. Que eu saiba houve um momento em que a violência urbana no Rio cedeu, as pessoas se sentiram seguras. O Brasil é um país muito carente de cumprimento de lei e ordem. Acho que o máximo de transgressão num país como o nosso é exigir que a lei seja cumprida. Seja cumprida no trânsito, no trafego entre as pessoas, que se elas forem insultadas na rua possam tomar uma atitude em relação a isso.

No começo da entrevista você soou um pouco anarquista, com a história da pluralidade, das várias opções.

Pluralidade é uma coisa, anarquia é outra. O meu discurso é de não proibição. Não quero me sentir proibido, não quero que a área do outro seja proibida.

Mas é proibido passar pelo sinal vermelho.

Tem que ser. Porque senão o Osmar Santos não estaria hoje vegetal porque um caminhão estava manobrando em lugar indevido. Sou uma pessoa que aprendeu a dirigir nesse tráfego e o resultado é que dirijo muito mal. As vezes chego em casa, refaço o caminho que fiz e digo: "Puta que pariu, que merda eu fiz!". O problema da sociedade brasileira é a elite e a forma espoliadora como ela se comporta. O cara com carro importado é tão ruim

fotos : Ernesto Baldan

"SOU DA GERAÇÃO DE WOODSTOCK, DE UMA ÉPOCA ONDE HAVIA UMA COMPREENSÃO MAIS AMPLA, ERA MAIS FÁCIL GOSTAR DO QUE SEPARAR"

quanto a merda do carro de 18 anos que não tem condição de andar na rua. Aquela Variant turquesa com pára-choque marrom.

Mas no Rio os mais abusados são os motoristas de ônibus.

Cada raça tem seu tipo de abuso. O motorista de madame, por exemplo, é um perigo. A própria madame pode ser um perigaço, e o maridão dela então que se acha muito macho, muito cheio de testosterona e resolve as coisas nessa base (*exalta-se*). Você teve um revólver apontado para sua cabeça no tráfego? Eu já tive. O sujeito foi até a porta da minha casa e puxou o revólver. Porque não me ultrapassou! O trânsito revela toda doença moral do tecido social brasileiro. É uma sociopatia.

Como esta sociopatia contagia a arte brasileira?

A arte está aí para nos salvar da loucura completa. Acho espantoso que gente que vive em condições da maior violência em relação à própria vida – como William e Duda – sejam capazes de uma hora pra outra fazer sucesso. A arte redime a humanidade.

O gangsta rap vai além disso, é a violência pela violência.

Você sabe que tem uma coisa engraçada? Comecei a ouvir *gangsta* demais e só acontecia cagada comigo. O que me salvou disso foi a Queen Latifah que ano passado fez um disco belíssimo – *Black Reign*. Por que eles são assim? Porque a raça deles foi trazida há 400 anos como escrava! Agora o homem branco tem que conhecer a fúria. Vai ver dentro da casa dele o filho de calça arriada (*gritando*): "Muthafucka"! (*filho da puta*).

Uma reportagem na Veja afirmou que o homem não sabe lidar com o conflito: em determinado momento acaba partindo para a violência.

A cultura da testosterona tem que ser desfeita. Valorizar a mulher que não é aquela que é valorizada pelo homem. A mulher "Caracu" (*fazendo pose*) que mostra a cara e mostra o cu. Vamos ouvir Björk, Queen Latifah. Chega de música do homem branco.

A capa de seu disco tem ursinhos abraçados e o CD é cor-de-rosa. O que você acha de alguém da "cultura da testosterona" torcer o nariz?

Sim, os ursinhos são para despertar o viado que tem nessas pessoas. Na verdade, são ursões. O vendedor do urso faz parte do cenário do Rio. O urso tem 1,10 metro e passam aqueles caras... Tenho que mexer com esses ursos que é uma alegoria de mão de rua dessa cidade. É *kitsch*. E são bichos de pelúcia de quinta categoria. É a minha cara.

O que você está ouvindo agora?

Ouço muito rhythm'n blues. Gosto do disco das TLC, amo o disco dos Boyz II Men – não posso fazer nada. Gosto mais ainda do disco do Jodeci, *Diary Of A Mad Band*, esse é grande. No Brasil, estou esperando o disco da Fernanda (*Abreu*) e do Gabriel.

Então Seattle passou longe?

Nãããão! Eu estava adorando aquilo naquela época. O *Mondo Cane* é um disco completamente grunge. Mas eu precisava tirar aquilo do sistema. Acho que o Kurt (*Cobain*) fez um favorzão pra gente. Ele matou aquilo. Pra evitar Axl Rose e aquela outra loira... Sebastian Bach. E essa gente que faz música derivativa, tipo Aerosmith. Eu vi o show do Aerosmith aqui... Em matéria de abdômen o melhor era daquele conjunto ruim, o Poison (*risos*). Acho que o Cobainzinho fez um favor pra mim. Matou aquela idéia com um tiro na cabeça. Para que você vai prestar atenção em Offspring? Eu vi uma frase ótima da Deborah Harry: "Os únicos homens que podem fazer alguma coisa interessante pelo rock/pop agora são os gays". Ou as mulheres!

E o futuro, Lulu?

Esse é um disco que se chama *Eu E Memê, Memê E Eu*. Amanhã se eu decidir fazer uma coisa inteiramente sem o Memê, será totalmente diferente. Mas ao mesmo tempo eu tenho pensado isso. Quando ensaiei "Dancin Days", o Marcelo Costa (*baterista de Lulu*) me perguntou: "Por que você achou essa música?" Porque eu estava tocando guitarra no hotel e tentei descobrir alguma coisa que não fosse tudo o que eu já sabia. Estava a fim de tocar um negócio que não tivesse pronto na mão. E eu estou com essa idéia de fazer uma coisa no caminho de um *Unplugged*.

Nessa entrevista você foi se soltando aos poucos. Procede?

Procede. Vinha de uma outra entrevista e achei que vocês queriam mais coisas do que eu estava pronto pra dar. Achei que vocês estavam querendo que eu me saísse com uma coisa extraordinária demais. E eu fiquei me sentindo incapaz.

Antes de retornarmos ao aeroporto para a viagem de volta, Lulu nos convidou para subir no seu quarto e ouvir um pouco de música. Toda a tensão do início da entrevista havia se dissipado e conversávamos sobre diversos assuntos, de malhação a Paulo Coelho. Lulu prefere os alongamentos e não confia no mago, que ele acha "católico demais".

No quarto, clássico e com móveis no estilo francês, uma coleção de ursos enfeita mesas e comodas. Por quanto tempo eles ainda permanecerão ali? Talvez no ano que vem Lulu esteja curtindo golfinhos, quem sabe?

Porque Lulu Santos é mesmo um camaleão. Só que o lagarto muda de cor para desaparecer no cenário e confundir seus predadores. Lulu muda de atitude para ampliar horizontes e realimentar a criatividade. Nem sempre dá certo. Agora deu. Até que a inquietação seja novamente insuportável, obrigando a uma nova corrida acelerada em busca de outra inspiração. É da natureza dos camaleões. ■

VAN HALEN DE MÃOS LIMPAS

por Robert Halfoun

Quatro anos depois do último trabalho com material inédito, Edward Van Halen, à frente do seu Van Halen, reaparece com *Balance*, um disco pesado que segue a mesma linha dos trabalhos anteriores. O equilíbrio perfeito entre canções que soam como um furacão e baladas bem elaboradas mostram que sonoramente o Van Halen não mudou. Em compensação, o novo visual mais sóbrio de Eddie com os cabelos cortados e um cavanhaque cerrado revela uma nova fase na vida de um dos maiores guitarristas da história do rock

Sentado no seu legendário estúdio 5150 no topo de uma colina do Vale San Francisco, na Califórnia, uma mistura de paraíso para músicos e técnicos de som e parque de diversões onde máquinas de *videogames* estão espalhadas por todos os cantos, Eddie Van Halen recebe a imprensa do mundo todo e exibe com sobriedade seus 40 anos completados em janeiro. Com uma fala mansa e uma coragem impressionante para expor seus problemas mais íntimos, Eddie exibe uma maturidade inédita no seu comportamento desde seus últimos contatos com jornalistas. O seu currículo traz, além do título de um dos maiores guitarristas da história do rock e inventor de uma técnica única e inigualável, problemas sérios com o álcool, que incluem várias internações por bebedeira. A última foi há quase um ano na clínica Betty Ford, famosa por livrar várias estrelas do rock das drogas e do

"EU SOU UM ALCOÓLATRA E TINHA DE PARAR DE BEBER. BEBIA APENAS PARA FICAR BÊBADO E QUERIA FICAR EMBRIAGADO O TEMPO TODO".
EDDIE VAN HALEN

álcool. Desde então Edward Van Halen não é mais a mesma pessoa.

A morte do empresário e amigo Ed Leffler, o alto risco da banda se desfazer devido aos seus porres constantes e principalmente o crescimento do filho Wolfgang, de 4 anos, o fizeram repensar toda a sua vida. "Um jornalista europeu me perguntou por que havia cortado o cabelo e eu respondi que havia simplesmente perdido uma aposta num jogo de golfe. Eu menti. Na verdade, no meio de todos os problemas que estava vivendo, um dia eu me levantei no meio de uma conversa com o empresário do Aerosmith, Tim Collins, fui até o banheiro e zerei a minha cabeça. Na hora eu parecia uma vítima de Auschwitz. Pensava que tudo de ruim que existia na minha vida estava ali na minha cabeça e mudei a minha vida naquele gesto. Eu estava frustrado, de saco cheio e não sabia o que fazer", revelou a um repórter da revista *Rolling Stone*.

Desde então Eddie parou de beber e passou a se dedicar à família. Se transformou num pai exemplar que, quando não está em turnê, acorda todos os dias às seis da manhã para levar o filho ao colégio e apara pessoalmente a grama de seu campo de golfe na mansão Van Halen. O resto do tempo passa no estúdio tocando guitarra com seus amplificadores aos berros e tomando algumas garrafas de cerveja. Não alcoólicas, é claro.

Com uma dessas garrafas na mão, Eddie continua a responder as perguntas dos jornalistas e agora anda de um lado para o outro. Parece ter mesmo dado fim ao alcoolismo. Ou pelo menos deu um grande passo para isso. Tem consciência do tamanho do seu problema e assume abertamente que é um dependente do álcool. "Eu sou um alcoólatra e tinha de parar de beber. O meu alcoolismo chegou num ponto que eu bebia apenas para ficar bêbado e queria ficar embriagado o tempo todo. Só parava de beber quando ia dormir. Minha produção musical inclusive estava totalmente ligada ao álcool."

Hoje, quando toca guitarra sóbrio, Eddie diz se sentir meio estranho e está penando para se acostumar com isso. Afinal, são 28 anos de vício. "Eu sou um pouco tímido e a bebida sempre funcionou como uma espécie de droga milagrosa que me deixava mais calmo, principalmente quando estava na frente do público. Não interessa se eu tocava para uma ou para 100 mil pessoas."

Ao contrário de outros artistas que começam a beber quando caem na estrada, Eddie foi introduzido ao álcool pelos pais quando tinha 12 anos de idade. "Eu me lembro que quando ficava nervoso meu pai me dava uma dose de vodca e eu me acalmava. Isso acabou virando uma constante na minha vida. O álcool virou uma condição para tudo que eu fazia. Desde compor até me relacionar com a minha mulher."

Nas gravações de *Balance*, Eddie estava no começo da sua reabilitação e gravou praticamente o disco inteiro sóbrio. Isso acabou lhe dando uma nova ótica sobre o seu trabalho. Ele confessa que desta vez tinha a noção exata sobre a sua atuação e percebia o que realmente era bom ou ruim. "Em *Balance* eu bebi muito pouco. Algumas passagens ficavam exageradas e resolvia fazer de novo. Nos discos anteriores, só de cerveja eu chegava a entornar umas quinze garrafas por dia."

Tocado pelo álcool ou não, *Balance* foi o primeiro disco que o Van Halen abriu a produção para um cara de fora da banda. O produtor Bruce Fairbairn, conhecido pelo trabalho com o Aerosmith, foi quem dessa vez tomou as rédeas do disco, dava palpites e chegava a interferir em *riffs*, arranjos e até em solos de guitarra.

O resultado agradou muito a banda, que no início das gravações tinha músicas em excesso e não sabia muito bem o que fazer com elas. "Acho que queríamos alguém que nos desse uma dura. Se não tivéssemos trabalhado com Bruce provavelmente estaríamos no estúdio até agora e certamente não excursionaríamos em 95", conta o vocalista Sammy Haggar.

"Tínhamos mais de vinte músicas e todas eram enormes. Então o Bruce brincou e nos perguntou se a idéia era gravar um CD duplo. As partes foram limadas, músicas inteiras eliminadas e nessa confusão surgiu a instrumental 'Baluchitherium'. A música estava sem vocais e decidimos que ela ficaria assim mesmo. O resultado já era excelente", completa Eddie, empolgado.

"Baluchitherium" é o nome de um dinossauro e virou o título da canção por sugestão da mulher de Eddie, Valerie Bertinelli. Ela ouviu a canção nos ensaios e achou que a música soava grande e forte como um animal pré-histórico. "Não é a primeira vez que ela dá palpites. Gostamos disso", conta Eddie, com ar de marido orgulhoso.

Além de mulher de *rockstar*, Valerie é atriz e está casada com Eddie há quatorze anos. Ela segurou todas as barras na época em que o marido vivia em meio às garrafas e confessa que estava exausta da situação. "Eddie é um cara de coração grande, um amor de pessoa, mas se ele não parasse de beber provavelmente eu não estaria mais aqui. Quatorze anos ao lado de um alcoólatra é o meu limite", desabafou à revista *Rolling Stone*.

(*da esquerda para a direita*): o baterista Alex Van Halen, o vocalista Sammy Haggar, o guitarrista Eddie Van Halen e o baixista Michael Anthony

O papo com os jornalistas se transforma numa audição de *Balance* e subitamente quando o CD rolava no talo. Eddie interrompe a execução do disco e intervém: "Outro dia cheguei à conclusão que este disco foi feito para se ouvir no carro. Soa muito melhor". Minutos mais tarde, Eddie e um jornalista da revista *Guitar Player* estavam dentro do Mercedes da família Van Halen, com o som extremamente alto. A imagem que se tem de fora do carro é a de Eddie sentado no banco do carona, de olhos fechados e com a cabeça confortavelmente recostada no banco. O sorriso que estampa o seu semblante deixa bem clara a sua satisfação com o novo trabalho.

A empolgação e a alegria de Eddie parecem ter sido a mesma do público que assim que *Balance* saiu em fevereiro catapultou o disco para o primeiro lugar na parada da revista *Billboard*. Atualmente *Balance* transita entre o terceiro e quinto lugares da parada.

Ocupar o topo das paradas, aliás, não é novidade para o Van Halen. Desde 85 quando foi lançado o álbum *5150*, que marcou a entrada do vocalista Sammy Hagar, substituindo o hoje decadente David Lee Roth, a banda não vende menos de 5 milhões de cópias por álbum.

As vendas sempre foram puxadas por hits como "Love Walks In", em *5150* ou "Right Now", em *For Unlawful Carnal Knowledge* e grandes turnês mundiais.

A turnê mundial de *Balance* começou em março e vai correr aproximadamente 2 milhões de quilômetros ao redor do mundo e, segundo a gravadora, deve passar pelo Brasil no segundo semestre.

A postura mais madura de Eddie e conseqüentemente da própria banda, parece não ter mudado a atitude dos caras no palco. A mudança de imagem e um posicionamento mais sóbrio, aliás, são questões que não preocupam o Van Halen. Segundo Eddie, não há problema em ser um cara mais careta ao mesmo tempo que um astro do rock. "O estereótipo do roqueiro drogado está ultrapassado, principalmente depois do suicídio de Kurt Cobain. Acho que o problema dele foi exclusivamente com as drogas. Foi terrível o que aconteceu com ele. O que Kurt tinha de melhor é que as músicas dele vinham realmente de dentro. Não acredito que ele tenha se matado por causa do sucesso. Se foi mesmo por isso, ele foi tarde demais. A minha nova maneira de encarar a vida não vai interferir em nada na minha música."

Uma boa prova de que as palavras de Eddie parecem verdadeiras é a sua opinião a respeito dos *Unpluggeds*. Um caminho que seria previsível nesta fase mais madura. "Eu não sou o tipo de cara acústico. Gosto mesmo é de tocar alto." ■

SKOL GARAGE BAND

Uma festa do rock nacional. Foi o que aconteceu no festival SKOL GARAGE BAND, o primeiro de uma série de eventos que a cervejaria SKOL pretende patrocinar, dando uma força para as bandas brasileiras. Com o apoio da gravadora SONY MUSIC, da MTV, da 89 FM e da revista BIZZ, o SKOL GARAGE BAND foi um grande sucesso, ao revelar novos artistas de qualidade, fazendo um som saboroso. Afinal, qualidade e sabor sempre foram características da cerveja SKOL

A partir do alto, em sentido horário: o "ônibus Skol Garage Band" que dava acesso ao camarim, a banda vencedora (Pompeia 1895) recebe seu cheque de dez mil reais, detalhe da apresentação do Planet Hemp, o "mestre-de-cerimônias" Tadeu Jungle e integrantes do júri, da esq. para dir., Eliane Della Bella (89 FM), Gastão Moreira (MTV) e Celso Pucci (BIZZ)

Fotos: Jorge Rosemberg e Patrick Pitoro - SKOL

Acima: duas das bandas concorrentes e membros do júri – da esq. para dir., Tico Terpins (A Voz Do Brasil), Fábio Bologna (Fischer & Justus) e Charles Gavin (Titãs). À esquerda: detalhe do publico (que inclui Astrid, da MTV) e as "garotas Skol". Abaixo: o palco

Na próxima encarnação
eu quero nascer centopéia.

DHARMA

Ilustração: André Sabor

HIV: BOMBARDEIO SOBRE O MUNDO POP

INÚMEROS ÍDOLOS DO MUNDO POP CAÍRAM NA TEIA LETAL DA AIDS. QUINZE ANOS DEPOIS DO INÍCIO DA EPIDEMIA, HÉLIO GOMES E ROBERT HALFOUN FAZEM UM BALANÇO DA DEVASTAÇÃO MALDITA CAUSADA PELA DOENÇA

O Planet Hemp é um dos grupos mais promissores da nova geração do pop brasileiro. A banda vive dias de glória: seu primeiro disco, *Usuário*, está chegando às lojas e o futuro é mais promissor do que nunca. Skunk, maior responsável pela formação do Planet Hemp, não está com os outros membros da banda nesse momento tão especial. Ele morreu de Aids em 8 de junho do ano passado, vencido por uma pneumonia. Skunk tinha 26 anos.

A história do vocalista e líder do Planet Hemp – "ele foi o motor da banda", dizem os outros integrantes em uníssono – é apenas mais uma das muitas ocorridas entre artistas de todo o planeta. Como poucos meios profissionais, o mundo das artes é um dos mais frágeis quando o assunto é a maior epidemia do século XX.

O principal motivo para a fácil disseminação da Aids entre artistas de praticamente todas as áreas é claro: estamos falando de pessoas especiais, cujo estilo de vida muitas vezes envolve práticas diferentes das adotadas pela maioria dos "cidadãos comuns". No momento em que médicos e cientistas derrubam o conceito dos "grupos de risco", o tempo revela a existência concreta de um deles.

"O meio artístico sempre teve pessoas mais liberais, e talvez por isso dentro das relações sexuais dessas pessoas houvesse um pouco mais de promiscuidade. Também existem pessoas extremamente reprimidas, que quando alcançam o sucesso compensam essa repressão com uma liberação sexual muito forte. Tudo isso levou a situações que as tornaram passíveis de serem contaminadas pelo vírus da Aids", diz Roberto Frejat, líder do Barão Vermelho e parceiro de Cazuza até sua morte, causada pela Aids.

"Independente se a relação é HETERO ou HOMOSSEXUAL, o relacionamento ANAL é o que envolve o maior RISCO de contaminação, principalmente quando a pessoa PASSIVA é SORO NEGATIVA e a ATIVA é POSITIVA"

"A pessoa CONTAMINADA pode ficar IMUNE durante sete a quinze anos. Isso se deve ao próprio mecanismo de atuação do VÍRUS. Hoje, existem cada vez mais pessoas que conseguem ESCAPAR da INFECÇÃO"

Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuza – ou Caju, para os íntimos – é o mais notório artista brasileiro a sucumbir à doença. Sua agonia e morte foram acompanhadas por todo o país, graças à ampla cobertura feita pela imprensa sobre sua longa batalha com a Aids. Isso o transformou num triste símbolo de uma história que está longe de chegar a um fim.

Mas antes de Cazuza, muitos outros se foram. Um dos primeiros artistas brasileiros a morrer foi o pioneiro do *graffiti* no país, Alex Vallauri – grande nome de uma arte rotulada de "marginal" até sua participação na Bienal Internacional de São Paulo de 85, com a instalação "A Rainha Do Frango Assado".

Contudo, o primeiro caso a causar comoção nacional foi a morte do jornalista, escritor e cartunista Henrique de Souza Filho, o Henfil, em janeiro de 88.

"Salve o sangue do povo brasileiro." A frase, concebida por Zuraldo à época da morte do amigo Henfil, transformou-se em campanha nacional pelo controle de qualidade do sangue disponível para transfusões em hospitais e clínicas de todo o país. Protagonizada pela saudosa Graúna – um dos personagens mais populares de Henfil –, a campanha combateu a causa da contaminação de Henfil e seus dois irmãos, Francisco "Chico" Mário e o sociólogo Herbert De Souza, o Betinho, todos hemofílicos.

Apesar desta e de outras campanhas públicas – equivocadas ou não – a Aids continuou a crescer assustadoramente em todo o Brasil. "Oficialmente, 60 mil brasileiros foram infectados desde 81. Extra-oficialmente, segundo especialistas, só no Estado de São Paulo 600 mil pessoas foram contaminadas pelo vírus HIV" revela o doutor Arthur Timmerman, infectologista do hospital Albert Einsten, em São Paulo.

CORAGEM E DOR

O rock brasileiro encontrou uma das suas melhores traduções na pele de Cazuza, um rico garoto da zona sul carioca – filho legítimo de um tempo de loucura e inconsequência generalizada. Ao expor sua doença ao povo brasileiro, o vocalista escreveu uma história única no Brasil.

Nenhuma personalidade brasileira portadora do vírus HIV conviveu com a doença como Cazuza. Sua condição amplificou seu processo criativo de forma surpreendente, transformando-o num dos mais ativos compositores brasileiros. Seu talento e sua degradação física emocionaram todo o país, acostumado a ouvir e cantar as canções do autor de "Pro Dia Nascer Feliz", "Bete Balanço" e "Burguesia". Como poucos, Cazuza expôs sua condição física aos olhos públicos, derrubando o estigma da reclusão que sempre cercou os doentes de Aids.

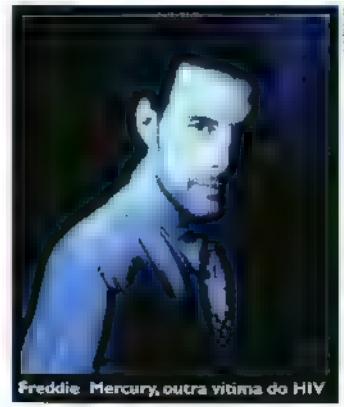
Lucinha Araújo e Cazuza, antes da Aids

Cazuza foi um rockstar ao pé da letra. Viveu sua fantasia de sexo, drogas e rock'n'roll até o limite, exatamente como seus ídolos, cantados por ele em "Ideologia", canção de 89.

"Eu procurei passar para o Cazuza o que a minha mãe tinha me passado, mas hoje em dia vejo que tava tudo errado. Até eu descobrir que ele era uma pessoa diferente foi muito difícil. A gente só aprende com a experiência e a minha foi dolorosa", diz a mãe do cantor, Lucinha Araújo. Depois de acompanhar seu filho durante todos os estágios de sua luta contra a doença, ela resolveu abraçar a batalha contra a Aids e fundou um dos mais importantes órgãos de apoio a crianças portadoras do vírus no país, a Sociedade Viva Cazuza, que ainda abriga um museu sobre a vida do cantor.

"No SEXO ORAL, a MULHER corre mais RISCO, principalmente se o homem EJACULAR na sua BOCA. Normalmente as pessoas têm pequenas FERIDAS na GENGIVA, por onde o VÍRUS pode PENETRAR. Para o HOMEM o RISCO é MENOR porque a quantidade de SECREÇÃO da MULHER é menor que a quantidade de ESPERMA ejaculado"

"Numa relação HETEROSSEXUAL, o HOMEM corre dez vezes MENOS RISCO de ser CONTAMINADO do que a MULHER. Mas isso MUDA radicalmente quando a parceira tem PROBLEMAS GENITAIS comuns, como PEQUENAS FERIDAS na VAGINA. Em termos TÉCNICOS uma RELAÇÃO com essa mulher é tão PERIGOSA quanto o SEXO ANAL"


Freddie Mercury, outra vítima do HIV

Cazuza trabalhou incessantemente até sua morte, em 7 de julho de 90. Tinha 36 anos e pesava não mais que 38 quilos. "No momento em que o Cazuza foi exist a um certo alívio, porque ele sofreu muito. A última vez que eu o vi fiquei muito, muito triste e até mesmo pensei, 'pô, acho que tá na hora'. Não tinha mais sentido ficar deitado naquela cama sem fazer nada, sem poder quase falar. Sem poder usufruir da vida, na verdade", lembra Frejat.

A RAINHA CAIU

Desde os primórdios do Queen, o vocalista e pianista Freedie Mercury – nascido Frederick Bulsara, na Tanzânia – fez questão de deixar clara sua opção pelo bissexualismo. "O sucesso me impediu de ter um relacionamento amoroso estável. Tentei relacionamentos dos dois lados, com homens e mulheres, mas sempre deram errado. O amor foi uma roleta russa para mim", disse o cantor no começo dos anos 80.

A metáfora utilizada por Mercury para descrever sua atribulada vida sexual ganhou contornos mais realistas anos depois. Assim como seu amigo Elton John – que hoje, depois de livrar-se do fantasma da Aids, dedica alguns milhões de dólares por ano a fundações de pesquisa sobre a doença –, Mercury era fissurado pela promiscuidade e muitos tipos de perversão sexual.

Freddie morreu em 24 de novembro de 91, vitimado por uma pneumonia, em sua casa em Londres. Ele tinha 45 anos e vinte deles dedicados ao Queen. Um dia antes, uma nota à imprensa confirmava sua contaminação: "quero afirmar que tive o resultado positivo do teste HIV e estou com Aids. Quis manter essa infor-

"NÃO há PROBLEMA se a mulher ENGOLIR o ESPERMA. No estômago, o ÁCIDO GÁSTRICO DESTRÓI qualquer tipo de VÍRUS, inclusive o HIV. O problema é o CONTATO do ESPERMA com alguma FERIDA na BOCA da mulher. ENGOLIR OU NÃO, não faz DIFERENÇA"

"No ATO SEXUAL o PÊNIS sofre LESÕES microscópicas que colocam o SANGUE do homem em CONTATO com o SANGUE ou SECREÇÕES da parceira. Na relação ANAL essa ABRASÃO é muito mais INTENSA. A CAMISINHA impede esse contato"

mação em sigilo para proteger a privacidade das pessoas à minha volta."

Se ampliarmos os ramos de atividades artísticas analisadas, os casos multiplicam-se. Por exemplo, a trágica década da Aids foi marcada pela morte de atores globais como Carlos Augusto Strazzer, Caique Ferreira e tantos outros que não assumiram ter a doença.

Artistas plásticos, cineastas, escritores, bailarinos... A Aids encontrou alvos faceis nesse universo, e forçou uma mudança de comportamento que ainda hoje está em curso. Na última entrevista que concedeu a BIZZ, Renato Russo lembrou a devastação causada pela doença entre os artistas americanos: "eu estive em Nova York agora, e o que tá morrendo gente de Aids, é o holocausto. Todo mundo que trabalha com foto, cinema... Todo mundo!"

"FORA do contato com o SANGUE, o vírus HIV é extremamente FRÁGIL. Ele RESISTE POUQUÍSSIMO tempo em CONDIÇÕES AMBIENTES. No sangue, FORA DO ORGANISMO, ele pode viver até 36 HORAS"

O pavor explícito de Renato tem suas razões. Um exemplo gritante do "holocausto" no meio artístico americano encontra-se no elenco de Filadélfia, filme vencedor do Oscar 94. No ano passado, morreram nada menos que 43 dos 53 atores portadores do vírus HIV que participaram do filme.

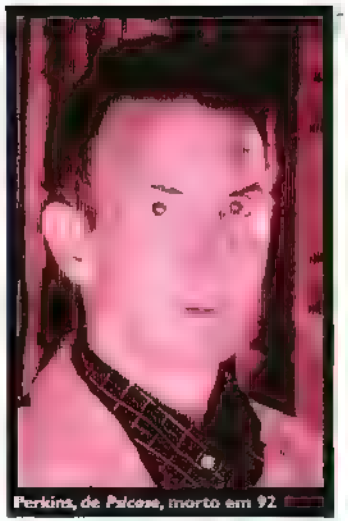
Ainda no mundo do cinema, a Aids vitimou talentos aos borbotões, entre eles os atores Rock Hudson (galã de Hollywood nos anos 50, em 85), Brad Davis (o americano preso na Turquia de *Expresso Da Meia-Noite*, em 91) e Anthony Perkins (o Norman Bates da série *Psicose*, em 92). Além destes, também se foram os cineastas Tony Richardson (diretor de *Blue Sky - Céu Azul*, que deu o Oscar de melhor atriz a Jessica Lange), Cyrill Collard (galã francês responsável pelo autobiográfico *Noites Felinas*) e Derek Jarman – fundador de um estilo cinematográfico que uma elementos de sua formação em artes plásticas e o ativismo gay.

MUDANÇA DE COMPORTAMENTO

Apesar de ser conhecido como o mais novo "Don Juan" do rock brasileiro, Rodolfo Abrantes – o vocalista dos Raimundos – mostra que sabe lidar muito bem com o problema. "Tem que usar a jaqueta, ne véio? Quem já viu de perto a doença sabe que é muito doloroso", diz.

Filho de um casal de médicos, Rodolfo é líder de uma banda que muitas vezes incorpora um estilo de vida aberto aos riscos da doença. "O negócio é se controlar. A gente fala muita bobagem sobre a mulherada mas se cuida mesmo", revela Rodolfo.

Uma das mais fortes personalidades do novo pop nacional, o vocalista dos Raimundos faz coro com Frejat quando o assunto é prevenção: "Se cuida que não é brincadeira. Não tenha preconceito



Perkins, de *Psicose*, morto em 92

porque qualquer um pode contrair a doença. O cara pode ter transado só uma vez e ter pego o vírus", diz Rodolfo.

Já Frejat dá seu recado enfatizando a solidariedade: "é uma doença séria, que você pode pegar num piscar de olhos - através de uma seringa ou de uma transadinha rápida. Se você tem um amigo, uma pessoa, que tem o vírus, de

"CAMISINHA BOA é aquela que tem o CONTROLE DO INMETRO e você sabe a origem. Se A CAMISINHA ESTOURAR, deve-se INTERROMPER imediatamente A RELAÇÃO, fazer uma HIGIENE GENITAL BOA COM ÁGUA, sabonete e... rezar"

"Estatísticas revelam que 10% DAS PESSOAS INFECTADAS pelo HIV por mais de dez anos SE MANTÉM imunologicamente NORMAIS. Outras entraram em CONTATO com o VÍRUS e NÃO foram INFECTADAS. O maior DESAFIO dos cientistas é DESCOBRIR porque alguns indivíduos têm uma RESISTÊNCIA NATURAL ao HIV. Esse pode ser um PASSO fundamental para a DESCOBERTA de uma VACINA PREVENTIVA"

carinho. Muitas pessoas começam a ficar com medo e se afastam dos doentes. É triste ver essa caretice na cabeça de pessoas às vezes muito jovens.

Seja como for, o negócio é ficar esperto, não vacilar e permanecer sadio - mesmo que isso implique na adoção de práticas de prevenção básicas, como o simples uso da camisinha. O depoimento de quem convive com o drama da Aids atesta essa afirmação. "Eu gostaria que o comportamento das pessoas tivesse mudado muito mais", diz Lucinha Araujo, a mãe de Cazuza.

Em meados de abril, o Planet Hemp viveu mais um momento de glória ao abrir os shows dos Beastie Boys no Brasil. Sem a presença de Skunk. ■

Consultoria: Dr. Arthur Timmerman, infectologista do Hospital Albert Einstein, em São Paulo

JOVEM, BELA E SORO POSITIVA

Ela cursa o terceiro ano de comunicação numa faculdade de São Paulo, é uma mulher bonita, atraente do tipo que qualquer cara gostaria azarar. A.M. não é muito alta, tem cabelos longos e bem tratados, olhos verdes e um corpinho malhado. Parece inteligente, tem fala bem articulada e normalmente seria um caso típico de uma jovem fadada ao sucesso. So um detalhe" pode impedi-la de chegar ao topo. A.M.P. é portadora do vírus HIV.

Ela ainda esta na fase em que a Aids não se manifestou, seu organismo trabalha normalmente. Talvez por isso ela se mantenha calma e disposta a falar para BIZZ contanto, é claro que sua identidade não seja revelada. A discriminação sobre pessoas soro positivo ainda é enorme e alguns parentes ainda não sabem da sua situação. No fundo, não é difícil perceber que, por trás de cada palavra existe uma ponta de esperança de que tudo acabe bem. A menos que a medicina de uma boa guinada nos próximos anos, a perspectiva para o futuro de A.M. não é das mais otimistas.

Num canto reservado do pátio da faculdade onde estuda, A.M. começa a contar a sua história.

Eu nunca fui uma pessoa promíscua, sempre estive longe de drogas injetáveis, mas embora eu estivesse preocupada com a Aids, não era sempre que eu transava de camisinha. Sabe como é, as vezes a temperatura subia demais e a situação ficava incontrolável. As coisas rolavam meio que sem prevenção. Com certeza foi numa dessas que eu dancei.

Eu tenho uma vida sexual ativa desde os 17 anos. Nas primeiras vezes sempre usava camisinha. Mais tarde, quando passei a namorar outros caras e alguns casinhos começaram a pintar é que, o clima esquentava de verdade e eu dei uma relaxada.

Na primeira transa sempre rolava a camisinha, mas na terceira ou quarta vez, deixávamos rolar, as camisinhas acabavam... Eu nunca cogitei que pudesse acontecer comigo.

Até hoje eu não sei dizer quem foi que me transmitiu o vírus. Cheguei a falar com meus últimos namorados, eles fizeram teste e deu negativo. Provavelmente eu devo ter pego o vírus numa das férias ou feriados que eu passava na praia. É lá onde acontecem as famosas transas de verão, em que você fica extremamente apaixonada pelo cara durante umas semanas e depois perde totalmente o contato.

"Na primeira vez sempre rolava camisinha, mas na segunda transa, a temperatura subia e eu acabava dando uma relaxada. Nunca cogitei que pudesse acontecer comigo"

Fiquei sabendo que tenho o vírus porque uma amiga, que também está contaminada, ficou sabendo que era soro positivo. Eu fiquei supergrilada e fui fazer o teste.

Estou numa boa psicologicamente, porque além do vírus não ter se manifestado e ainda não estar sofrendo os sintomas da Aids, depois de muito choro, eu e a minha amiga resolvemos encarar o problema de frente.

Embora eu esteja vivendo normalmente, saindo com amigos, ainda não consegui resolver a minha vida no aspecto sexual. Lembra aquela frase da música do Cazuza que ele diz que 'o meu tesão agora é risco de vida', é mais ou menos isso aí. Mesmo consciente de que se o cara usar camisinha, ele não corre nenhum perigo, ainda não voltei a transar. Já me senti atraída por vários caras e eles por mim, até porque quase ninguém sabe que eu estou infectada. O problema é que para transar vou ter que ser sincera com o meu parceiro e estou com medo de me decepcionar.

Acho que as pessoas só enxergam o problema quando ele está ali bem na cara delas. Como eu, sei que existem milhares de mulheres por aí, sem saber que já estão contaminadas e outras que não estão, ficam à toa, correndo risco a todo instante".

CANÇÕES DE AMOR & MORTE

PJ HARVEY

Island/PolyGram

To Bring You My Love

No pequeno condado inglês de Dorset há um estúdio, também pequeno, onde por três meses uma mulher de 25 anos, de compleição frágil, um rosto de traços fortes e olhar sério, ficou trancada reinventando blues antigos e emocionando com sua voz poderosa histórias de amor e morte.

Se a descrição parece folhetinesca é porque Polly Jean Harvey – ou a imagem que se tem dela – é quase uma heroína de romance gótico: ao mesmo tempo ousada e extremamente tímida, profunda e simples, bela e estranha. Ela se tornou a figura feminina mais importante do rock desde Patti Smith.

To Bring You My Love, quarto álbum em uma carreira que começou em 91 (o primeiro disco de PJ a ser lançado no Brasil), é talvez seu trabalho mais acessível. Isso porque é menos claustrofóbico do que os anteriores *Dry*, *Rid Of Me* e *4-Track Demos*. O que não quer dizer que seja mais fácil do que os outros.

Basta tomar como exemplo a música-título, que é a faixa de abertura, onde ela anuncia ameaçadoramente – num crescendo épico – que atravessou desertos e enchentes para nos trazer o seu amor. E logo, na canção seguinte ("Meet Ze Monsta"), vai seguindo de forma semelhante, quase como uma resposta, com tambores e uma dinâmica *zeppeliniana*, o som serve de base à sua declaração ofegante e segura, de que está pronta para ser carregada por um ser bestial (o demo²).

Comparações com Nick Cave e Tom Waits são inevitáveis, mesmo porque ela se desfez de sua banda para trabalhar com músicos como Mick Harvey – o maestro da banda de Cave (The Bad Seeds) – e Joe Gore, o guitarrista de Waits. Mas são comparações que não podem empanar o brilho de PJ. O blues em tons góticos fica tão bem no terno sisudo de Nick Cave quanto no vestido vermelho, provocante, de Polly Jean Harvey. DANIEL BENEVIDES

Estilingada punk/new wave

ELASTICA

Deceptive/BMG Ariola [N]

Elastica

Badalações à parte, a verdade deve ser dita. Há tempos o pop inglês precisava de um grupo como o Elastica. Ali está a essência da velha e boa escola britânica: letras inteligentes, melodias assobiáveis, instrumental poderoso e a presença de uma vocalista inconfundível, Justine Frischmann. Alguém aí se lembrou do decepcionante momento dos Stone Roses?

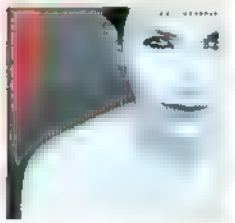
O primeiro álbum da banda é uma sopa em que misturam-se pitadas dos primórdios do punk rock e da new wave, claro. Referências imediatamente identificáveis são The Stranglers, Wire (sobretudo em "Connection", quase uma cópia xerox de "I Am The Fly") e o Joy Division, com seus climas soturnos.

A faixa de abertura, "Line Up", é um tiro certo em qualquer pista de dança do planeta, com direito a uma bizarra bateria eletrônica

em sua introdução, obra do baterista Justin Welch. Já na ótima "2:1", as guitarradas de Frischmann e Donna Matthews ganham destaque. As coisas continuam indo bem com "S.O.F.T", "Car Song" e "Blue" – na maioria canções de menos de três minutos.

Enfim, eis aqui um disco honesto, que apesar da inevitável chuva de comparações merece o destaque que ele conquistou. Tomara que as coisas continuem assim. *Helio Gomes* ••

Justine & Donna... pilotando as guitarras



ANNIE LENNOX

RCA/BMG Ariola [N]

Medusa

É o segundo disco solo da ex-Eurythmics. O primeiro – *Diva*, de 92 – vendeu cinco milhões de cópias, puxado pela balada "Why?", incluída na coletânea *Unplugged* da MTV e deu a Annie o prêmio de melhor cantora, na *Rolling Stone*.

Na contracapa, Ann e explica que escolheu as músicas a esmo. Assim, o repertório é meio a acanado. Há babinhas, mas o hit do Procol Harum, "A Whiter Shade Of Pale" e "Take Me To The River" (Al Green), funcionam.

A tocante poesia de Bob Marley, "Waiting In Vain" também agrada, além da força de "Don't Let It Bring You Down", de Neil Young. Mas acima de tudo, a voz de Annie é linda, um tesouro britânico. *Felipe Zobaran* ••

SIOUXSIE AND THE BANSHEES

Polydor/PolyGram [N]

The Rapture

Desde a época em que lançou o interessante álbum *Hyena* (84), qualquer disco posterior de Siouxsie And The Banshees é recebido com doses iguais de expectativa e desconfiança. Isso porque, principalmente, os seus últimos lançamentos foram os frustrantes *Peepshow* (89) e *Superstition* (91) eram dois trabalhos feitos meio que no piloto automático.

Mas aqui não há com o que se preocupar. Produzido pelo grupo e John Cale, ex-Velvet Underground e um dos ídolos máximos da banda, *The Rapture* mostra uma Siouxsie Sioux mais integrada aos anos 90, levando a sério seus namoros com a *world music* (há até cítaras no disco) e mostra um melhor entrosamento dos integrantes novatos: Jon Klein (guitarras) e Martin McCarrick (teclados, *cello* e acordeão) com os veteranos da banda: Steven Severin (baixo) e Budgie (bateria).

Em *The Rapture*, o grupo produz pequenas pérolas, com uma veia pop suficiente para se tocar no rádio, como na faixa que abre o disco, "O Baby". Crítica aos concursos de beleza para crianças, que virou o primeiro clipe do novo álbum, e em "Fall From Grace".

A banda não deixou de lado as músicas climáticas que a deixaram famosa – tais como "Sick Child" e "The Rapture", esta com onze minutos e diversas mudanças de andamento. Um disco para colocar a cantora e sua banda no devido lugar na história. *Sergio Martins* ••

•• Mau! • Bom! Epa! Ops! Arght! CD Vinil Cassete [N] Nacional [I] Importado

SLASH'S SNAKEPIT

Geffen/BMG Ariola [N]

It's Five O'Clock Somewhere

Enquanto os Guns N'Roses não despertam de sua longa hibernação – e há quem aposte que essas "férias" durarão para sempre –, Slash botou as manguinhas de fora com um disco solo musculoso, de sonoridade típica dos anos 70, que funciona como um irônico prêmio de consolação para fãs dos GN'R, pois participam o guitarrista Gilby Clarke, o baterista Matt Sorum e o tecladista Dizzy Reed, com o baixista Duff McKagan contribuindo na co-autoria de uma das faixas, "Beggars And Hangers-On".

O produtor é o mesmo Mike Kink que fez discos para a "banda oficial" do guitarrista. Slash comanda o "ninho de cobras", dando atenção aos arranjos e à "tapeçaria" das guitarras (de onde se conclui que cabe a Axl Rose elaborar as estruturas melódicas dos *gunners*) com vocais de Eric Dover (ex-Jellyfish), que lembra mais Steven Tyler do que Axl. Atenção para "Jizz Da Pit", instrumental que mostra o quanto Slash cresceu na guitarra. *José Emilio Rondeau* ••

STEVIE WONDER

Motown/PolyGram [N]

Conversation Peace

A exceção da trilha de *Jungle Fever*, feita sob encomenda para o filme de Spike Lee em 91, é o primeiro álbum de Stevie em oito anos.

Para muitos artistas, intervalo tão grande significaria praticamente uma radical mudança de parâmetros em seu trabalho. Mas com Wonder não é bem assim.

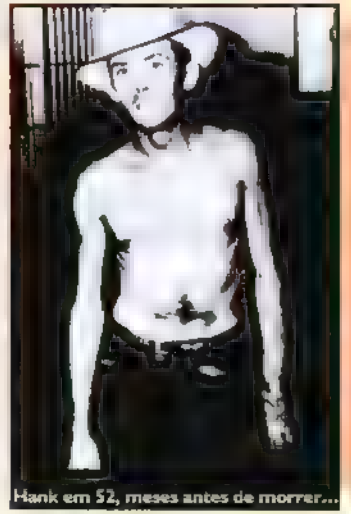
Ele se mantém fiel a um padrão que criou e que, afinal, tem inspirado dezenas de artistas contemporâneos. "Edge Of Eternity", "Taboo To Love", "My Love Is With You" e "Sensous Whisper" trazem o tradicional estilo criado por Stevie, contando com o acréscimo de evoluções tecnológicas.

Porém, os grandes momentos deste disco acabam se revelando nas canções mais agressivas. "Take The Time Out", "Treat Myself" e "Tomorrow Robins Will Sing", esta última apresentando um jeitão meio *dancehall*.

Conversation Peace é aquela espécie de disco que artistas como Boyz II Men ou R.R. Kelly, entre outros, têm tentado fazer há muito tempo, com resultados inferiores.

Mas eis que existe uma grande diferença aqui: é que neste álbum, todo o trabalho se concentrou na mão de um verdadeiro mestre no assunto. *Jeferson De Sousa* ••

AO MESTRE, COM CARINHO



Hank em 52, meses antes de morrer...

...recebe agora a homenagem de Matt

THE THE

Epic [N]

Hanky Panky

Há tempos que The The não fazia algo digno de nota. Concebida como a *one man's band* do inglês Matt Johnson, a sigla alcançou o auge no álbum *Soul Mining* (83). Depois, embora Johnson agregasse bons colaboradores (entre eles, o guitarrista Johnny Marr, ex-The Smiths), o cara não conseguiu mostrar a mesma força criativa.

Talvez por isso, ele ataque com um disco de onze *covers* do patrono do country americano, Hank Williams. Ora, que as canções do velho Hank são geniais, ninguém duvida. E Matt até que se dá bem na maioria delas, usando uma instrumentação esparsa e quase só acústica, para não profanar a obra do mestre.

O único ranço: ele escorregar sua voz para aquele timbre pseudo-étnico característico de Tom Waits, forçado demais para encarar as obras-primas de Williams. No encarte, Matt diz que este é o primeiro da série de discos que dedicará a "grandes cantores/compositores". Tomara que o próximo não homenageie Garth Brooks ou Billy Ray Cyrus. *Celso Pucci* ••

forte apache

O reggae cosmopolita criado por Apache Indian incorpora a música indiana

APACHE INDIAN

Island/PolyGram

Make Way For The Indian

O reggae hoje está assumindo proporções cosmopolitas. Não se trata mais de um ritmo puramente jamaicano, mas um estilo musical que pode ser misturado ao rap, ao heavy metal e ao diabo a quatro, sem causar estranheza.

É nesse balaio que se inclui Steven Kapur, um inglês de 27 anos, filho de hindus, que conseguiu adicionar ao balanço do reggae o poder hipnótico do *bhangra* – estilo de música típico da Índia.

O resultado, ao lado dos produtores Sly Dunbar e Robbie Shakespeare – dois bruxos dos estúdios digitais da Jamaica – é um ritmo pulsante, bom para se dançar – como ilustra "BoomShackalak", que põe as tradições *rastafari* em dia, e "Armagideon Time", com Yami Bolo. O melhor momento do álbum fica por conta de um *dancehall* "xaveco" – "Raggamuffin' Girl" – onde Indian duela com o *soulman* jamaicano Frankie Paul. SÉRGIO MARTINS

CORROSION OF CONFORMITY

Columbia

Deliverance

A banda da Carolina do Norte lança o seu quinto álbum com vocalista e estilos novos. *Deliverance* traz Pepper Keenan (que, além de cantor, é guitarrista) no lugar de Karl Agell, em vocais poderosos e diversificados.

O estilo musical do grupo também sofreu modificações consideráveis. Mas esse detalhe não demonstra falta de identidade musical, e sim uma evolução ao longo dos anos. Aquela influência do Black Sabbath – que vem desde os tempos em que o COC era uma banda *hardcore crossover* – pode ser notada, porém passa longe de ser uma imitação barata. E o disco apresenta um som na linhagem do rock sulista de Nova Orleans. Do suingue agressivo da faixa de abertura ("Heaven's Not Overflowing") até "Clean My Wounds" (de levada *à la* Phil Lynott do Thin Lizzy), o grupo mostra seu *feeling* nas mudanças de dinâmicas e na dinâmica sonora.

O álbum se torna um pouco cansativo nas intervenções de cordas e em alguns fraseados com clichês de hard rock. Mas isso não chega a comprometer *Deliverance*, que mantém o interesse no COC. PATRICIA RENDA

MORAES MOREIRA

PolyGram

O Brasil Tem Concerto

É inegável que os Novos Baianos foram um dos grandes grupos nacionais dos anos 70, com sua caldeirada de samba e choro bem amplificada pela energia do rock'n'roll.

Mas também é verdade que, desde o fim da associação deles, poucas coisas se destacaram nas carreiras solo de seus ex-integrantes – vide as bregueices de Baby Consuelo, ou a "postura Barbie" adotada pelo excelente guitarrista Pepeu Gomes, além do ostracismo no qual mergulhou a maioria dos músicos da banda.

Mas Moraes Moreira é uma exceção neste contexto. Dono de um estilo pessoal e ligado profundamente às raízes da MPB, ele emplacou vários sucessos individuais – quem se lembra de "Pombo Correio"? Nesta sua mais recente empreitada, ele criou um disco acústico com muita classe, respaldado por uma orquestra de cordas de brilho especial.

Os destaques são homenagens aos mestres Pixinguinha ("Chorar É Preciso") e José Assis Valente (no samba que leva o seu nome), além de "Viver Por Um Fio", "Suíte Nordestina" e a regravação do clássico de Ary Barroso, "Isto Aqui É O Que É".

Longe de ser nostálgico, o trabalho de Moraes retoma sonoridades tradicionais da MPB com enfoque contemporâneo. CELSO PUCCI

PARADISE LOST

Roadrunner

Shades Of God

Roadrunner

Icon

Com seis anos de existência, o grupo Paradise Lost conseguiu se firmar no cenário do heavy metal inglês e obteve uma ótima projeção na Alemanha, onde, ao fazer uma turnê abrindo as apresentações do Metallica há dois anos, passou a vender mais discos do que a própria atração principal.

Agora, são lançados por aqui dois álbuns do grupo: o terceiro (*Shades Of God*) e o quarto (*Icon*), respectivamente de 92 e 93. *Shades* se caracteriza por algumas pitadas de heavy metal clássico e pelas suas passagens acústicas.

Mas, em ambos os discos – especialmente em *Icon* – o que predomina no estilo do Paradise Lost é uma fusão de *death metal* (com aqueles vocais guturais e a bateria ultra-rápida) com *doom metal* (típica sonoridade pesada somada com influências góticas). PAT GET

REIS OU BOBOS DA CORTE?

FAITH NO MORE

Slash/PolyGram

King For A Day .. Fool For A Lifetime

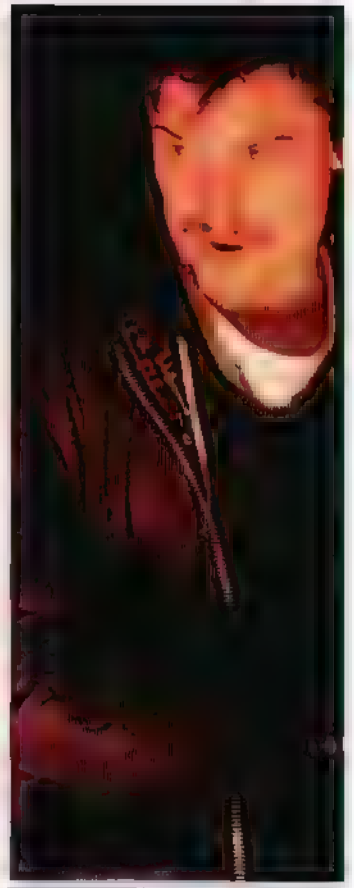
Ter um vocalista como Mike Patton pode ser uma faca de dois gumes para um grupo como o Faith No More.

Sua voz é uma espécie de marca registrada, inconfundível. Mas, por isso mesmo, tem vezes que é muito chato ouvir a banda.

Em *King For A Day .. Fool For A Lifetime*, o grupo que estourou fazendo uma fusão de funk com heavy metal pôde demonstrar que tem ainda muita munição para abrir em direção a outras trincheiras.

É o primeiro disco da banda que não conta com o guitarrista Jim Martin, "despedido" por ser considerado um doidão incomunicável. Em seu lugar entrou Dean Menta, um ex-*roadie* do Faith No More – apesar do nome dele não constar nos créditos e nem nas fotos do encarte do disco. Será que o grupo vai virar um quarteto, com guitarrista(s) convidado(s)?

Porém, o cara tem muito peso na guitarra, como fica claro especialmente naquelas faixas que são pautadas na pauleira desenfreada ("Cuckoo For Caca", "Ugly In The Morning"), sem contar que ele esmerilha em um hard rock dos bons ("Digging The Grave").



Patton: tentando sair do convencional

O grupo apresenta também uma balada bem legal ("Take This Bottle") e uma espécie de soul maluco ("The Gentle Art Of Making Enemies"), além de uma faixa surpreendente: uma quase bossa nova que atende pelo singelo título de "Caralho Voador".

A música possui um verso insano cantado em português: "Eu não posso dirigir/E agora ha pares/ Meu dedo enterrado no meu nariz". E o negócio é grafado assim: "Eô non posso dirigir/ E agora a pares/Neó dedu indehado no neó naris". Com certeza, uma influência da época em que o grupo passou por aqui, esforçando-se para aprender o idioma local.

Curiosamente, os melhores momentos deste *King For A Day ..* são aqueles em que a voz de Patton tenta sair do convencional, o que dá outros atrativos ao som do grupo.

Coisas da vida... JEFERSON DE SOUSA

Magia & memórias do soul

VÁRIOS

Motown/PolyGram

The Music, The Magic, The Memories Of Motown — A Tribute To Berry Gordy

Apenas o fato de ter criado a Motown – gravadora que nos deu Stevie Wonder, Marvin Gaye, entre outros – já valeria a Berry Gordy Jr. uma estátua em qualquer praça de Detroit.

Mas a homenagem rolou de uma forma mais modesta, com o cast da Motown reunido para interpretar os sucessos de Gordy.

Apesar do resultado desigual, há acertos, como a inclusão de registros clássicos, como "Try It Baby" e "To Be Loved", gravadas respectivamente pelos já falecidos Marvin Gaye e Jackie Wilson. Entre as regravações, destacam-se: a versão do grupo Boyz II Men para "It's So Hard To Say Goodbye To Yesterday" e também a parceria entre Stevie Wonder e o grupo The Temptations "(You're My Dream) Come True". SÉRGIO MARTINS

NEY MATOGROSSO

Mercury/PolyGram

Estava Escrito

A capa é reveladora: no canto do espelho onde Ney se reflete, está uma foto de Ângela Maria. É um álbum que o cantor fez para ele mesmo, homenageando uma de suas divas, para o sujeito que ele vê no espelho. É uma espécie de presente que ele se dá.

Não é um álbum oportunista, está longe da fórmula "aquarela brasileira", como poderia parecer. Entre as treze músicas, escolhidas do imenso repertório da "Sapori", alguns de seus clássicos foram esquecidos: "Escuta", "Balada Triste" e "Amendoim Torradinho" pediam para serem regravados.

Ney Matogrosso permanece o mesmo, ou seja, continua entrincheirado no *kitsch*, quase escorregando para o brega, quando solta a voz e prolonga uma nota, ficamos torcendo para que não desafine. Mas nem sempre ele é bem sucedido. RENÉ FERRI

TLC

LaFace/BMG-Arola

Crazy Sexy Cool

Grupos de belas garotas negras não são novidade no mercado americano. Diferente do pop dançante do En Vogue e do rap das endiabradas Salt N Pepa, o TLC – Rozonda "Chilli" Thomas, Lisa "Left Eye" Lopes e Tionne "T-Boz" Watkins – flerta com o pop eletrônico e soa mais moderno do que as comparações. Produzidas por gente como Dallas Austin e Babyface, as garotas mostram seu poder em *dance music* nas faixas "Creep" e na versão de "If I Was Your Girlfriend", de Prince. Mas elas se dão bem mesmo nas baladas. "Diggin' On You" e na "princesana" "Waterfalls" (o grande destaque do álbum). Mas não se engane, se as garotas do TLC soam de um jeito sexy em suas baladas. Basta lembrar que foi a "esquentadinha" Lisa "Left Eye" Lopes que ganhou fama, após tocar fogo na casa do ex-namorado. CLÁUDIA GRECHI

SIMPLE MINDS

Virgin/EMI-Odeon

Good News From The Next World

É deprimente ver a que ponto chegou uma outrora grande banda. Dizer que os Simple Minds não gravaram nada que prestasse desde "Don't You Forget About Me" (o single que projetou mundialmente o grupo, em 85), já se tornou redundante. Mas neste a bum, Jim Kerr – o "autêntico" Bono Vox *cover* – exagerou na dose, com certeza.

A banda está reduzida à dupla Kerr e Charl e Burchill, seu fiel e inseparável escudeiro desde os tempos de Johnny And The Self Abusers (o grupo de deu origem aos Simple Minds). E Burchill se vira na guitarra e nos teclados, com o baixo e a bateria a cargo de uma verdadeira penca de convidados.

O som? Um desastre. Não sabendo para que lado atirar e tentando soar o mais "eclético" e contemporâneo" possível, os caras vão se afundando no pop FM (vide o hit "She's A River"). Ficam deambulando por levadas funk totalmente pasteurizadas ("7 Deadly Sins") e chegam ao cúmulo de fazer um pseudo soul ("This Time"). Como se não bastasse, Kerr com a sua vasta cabeleira, insiste na inflexão afetada e nos temas românticos/messiânicos, como se fosse a "última salvação do planeta".

É pensar que esses sujeitos já fizeram a bons magníficos como *Empires And Dance* (80) e *Sister Feelings Call* (81). Se essas são as "boas novas" que os Simple Minds vêm anunciar nesse novo a bum, os fãs do grupo estão mesmo perdidos. HUMBERTO FINATTI

Apareceu no Fest VALDA

Idade Mídia

1 Qual a importância do Fest Valda no começo do Idade Mídia?
Na verdade o Idade Mídia surgiu há cinco anos. A banda já tinha participado de outros festivais, mas nenhum com a importância do Fest Valda. A divulgação era muito boa e atraiu a atenção das gravadoras. Ganhando o festival, uma vitrine para as novas bandas cariocas.

2 Qual era a expectativa quanto ao festival? Vocês esperavam que de lá acabariam sendo descobertos por uma grande gravadora?
O objetivo principal do festival é exatamente o de descobrir novos talentos e mostrá-los às gravadoras. No nosso caso, na época do Fest Valda as negociações com as gravadoras já estavam em andamento. O segundo lugar na categoria medida e a performance da banda ao vivo foram essenciais para os observadores das gravadoras.

3 Em quatro palavras, como você definiria o Fest Valda?
Importante, Competitivo, Organizado e Pioneiro.

4 Fale-nos um pouco do primeiro disco do Idade Mídia.
O disco é uma "mistura" das influências musicais dos cinco integrantes da banda, além do produtor Bernardo Bittencourt. É o resultado de um trabalho que foi amadurecendo de acordo com a mudança de integrantes do Idade Mídia. É um disco moderno, com Loops de bateria somados a riffs de guitarra, formando as músicas pesadas e dançantes ao mesmo tempo. Tem ainda uma versão que mistura Rock'n'Roll e ritmos brasileiros para "Kid Cavaquinho" de João Bosco e Aldir Blanc.

5 Como está sendo a repercussão da banda, agora que você estão com CD na praça, vídeo clip na MTV, shows, etc?
A diferença foi notada basicamente nos nossos shows pelas casas do Rio. Antigamente o público era basicamente formado por amigos dos integrantes da banda. Hoje em dia, tem muita gente que já viu o clip na MTV, ou já viu o disco na loja, e acaba indo ao show para conhecer o trabalho da banda. A mídia tem esse poder. Ela te joga lá pra cima em pouquíssimo tempo. Mas é bom lembrar que ela pode te puxar pra baixo a qualquer momento.

6 A música que vocês escreveram no festival está nesse CD?
É claro! É a primeira música do disco, e na nossa opinião é a mais forte também. Ela faz uma crítica à cidade do Rio de Janeiro, que está "jogada às traças". Como o próprio nome da música diz: Rio de Janeiro Terra de Ninguém.

7 Qual o conselho que você daria para as bandas que ainda estão começando?
Para entrar nesse mercado hoje é preciso basicamente três coisas: paciência, sorte e talento. Portanto, não adianta afobação. O melhor a se fazer é continuar criando e estudando, para quando a oportunidade surgir você estar preparado.

Pastilhas

Jum e Companhia, vencedora Rio 93, foi convidada para apresentar-se durante o período do verão europeu na praia da moda portuguesa, Algarve. Os garotos agradaram tanto que o contrato foi renovado para o verão 95 e 96. Aproveitando o inverno, agora europeu, estão realizando alguns shows na Alemanha e na Suíça. Resta uma pergunta: Quando retornarão?

Vencedor Rio 94, a Banda Lenda acaba de gravar o seu CD pela Warner Music e finalizar o seu vídeo clip com Zeka Albuquerque, correspondente a sua premiação. Agora com este material, estão prontos para ir à luta junto às rádios e ao circuito do Show Bizz noturno carioca. Aguardem.

Após ter realizado em 94, 32 shows no eixo Rio-SP a Kanais a Banda recolheu-se para começar a compor a fim de gravar seu primeiro CD. Dando algumas escapadas para tocar junto com o grupo Dred Lion no Circo e brevemente realizar um show com o repertório do Santana.

Realizando aproximadamente 3 shows por mês, a Caixa 2 terá sua fita demo pronta, pelo estúdio Overdrive, no final de maio, com uma mistura de ritmos brasileiros desde o samba até o rock. É só esperar para ver!

Enquanto isso, James Band, vencedor SP 93 está pelo Aeroanta, Janeiro Bar ou no Bar Avenida realizando shows com músicas inéditas e alguns covers.

APAREÇA!
Fest VALDA
Aberto de música
Integração Colégio-Universidade
São Paulo
Palace
Junho/95
DISQUE FEST VALDA (0800) 21-1200

SNOW

Eastwest/Warner

Murder Love

Depois de surgir com o seu álbum de estréia (*12 Inches Of Snow*) e de amargar um tempo atrás das grades acusado de assassinato, o canadense Snow volta à ativa. Ele ficou seis meses na Jamaica gravando e fez um disco *dancehall*, com influências do rap e do pop. Junior Reid (ex-Black Uhuru) participa de duas faixas ("Si Wi Dem Nuh Know We" e "Yesterday"). Ninjaman também dá as caras – no dueto em "Si Wi..." e em "Bad Men" (título apropriado para Snow e o doidão jamaicano se encontrarem), um primor do *ragga com samples* de Kool And The Gang. Outros destaques são "Anything For You" e "Rivertown". Ele derrapa um pouco no pop em "Sexy Girl" e "Let's Get It On". Mas isso não compromete o álbum do *bad boy* branqueio. *Claudia Grechi*

VÁRIOS

Mercury/PolyGram

It's Now Or Never – The Tribute To Elvis

Este não é o primeiro tributo a Elvis Presley. Há alguns anos, o semanário musical inglês *New Musical Express* patrocinou um álbum duplo – e um CD simples – de um projeto chamado *The Last Temptation Of Elvis*. Havia participações de Paul McCartney, Dion e The Jesus And Mary Chain, entre outros.

As interpretações dos convidados eram, no mínimo, sardônicas. O que não acontece neste novo tributo, que é o "autorizado". Por isso, não faltam algumas figuras empertigadas e insuportáveis como Michael Bolton – em "Jailhouse Rock", com Carl Perkins (cotado) na guitarra! – e Bryan Adams ("Hound Dog").

Os caubóis de butique Dwight Yoakam e Billy Ray Cyrus, um pouco mais acostumados com as raízes musicais de Elvis, pelo menos não soam tão ridículos cantando "Mystery Train" e "One Night", respectivamente.

O que salva "Baby Let's Play House" é o acompanhamento da competente e eclética banda de Miami, NRBQ, que dá uma mão para o exagerado Michael Hutchence, do INXS.

Este caos musical – que foi produzido pelo escolado Don Was – também traz outras coisas muito esquisitas. Um exemplo típico: Tony Bennett cantando "Love Me Tender".

Os fãs e os colecionadores dos trabalhos destes artistas talvez possam se interessar por um disco em que eles interpretam os hits do "rei do rock". Já admiradores de Elvis Presley com certeza, não. *Paulo Cavalcanti*

Pauleira com refrões de arrasar no cardápio do quarteto californiano Pennywise

INVASÃO HARDCORE

Eis os primeiros frutos de um contrato para distribuição no Brasil dos discos do selo *hardcore* californiano Epitaph pela Paradoxx, gravadora independente paulista. Por pura precaução da Epitaph, a estréia não traz o filé do catálogo do selo (leia-se, os platinados álbuns do Offspring). Resume-se ao disco de estréia do quarteto Pennywise, mais *Punk In Drublic* (do NOFX) e *Recipe For Hate*, penúltimo disco do Bad Religion (confira na próxima edição).

Mas vamos aos dois primeiros. A estréia do Pennywise é quase um clássico da cena *hardcore* californiana. Foi gravado segundo a cartilha do Bad Religion – ou seja, *hardcore* na veia – e traz canções inspiradas, quase todas com refrões de arrasar. Dois bons exemplos são as faixas "Wouldn't It Be Nice" e "Nicerules".

Já *Punk In Drublic*, do NOFX, não anima tanto assim. Há quem diga que a banda é herdeira da "santíssima trindade" Ramones, Bad Brains/Bad Religion. Mas é melhor ir com calma e segurar a onda nas comparações. Afinal, o que dizer de quem dá crédito a cabeleireiros e tatuadores no encarte de seu disco? *Hélio Gomes*

PENNYWISE

Epitaph/Paradoxx

Pennywise

NOFX

Epitaph/Paradoxx

Punk In Drublic

EXTREME

A&M/PolyGram

Waiting For The Punchline

No quarto álbum, o Extreme continua a ser o grupo do guitarrista Nuno Bettencourt, mas com um repertório abaixo de seu potencial.

Ao menos, o disco traz duas virtudes: não há uma xerox do hit baba "More Than Words" e nem as doses cavalares de pretensão do fraco *III Sides For Every Story*. Nuno mostra serviço na faixa acústica instrumental "Midnight Express", na balada "Unconditionally" e também no peso de "Fair-Weather Faith" e "Hip Today". O problema: no geral, o grupo soa como um híbrido de Van Halen, fase Sammy Hagar, com Led Zeppelin. Falta estilo. *Fabian Chacur*

mineiros mutantes

PATO FU

Plug/BMG-Ariola

Gol De Quem?

Uma definição para a música dos anos 90: reciclagem. Se até garrafas de plástico usadas viram calças jeans, porque boa música não pode ser reinterpretada e se tornar num fruto legal? Para isso, existe uma receita simples: criatividade. E é exatamente isso que os mineiros do Pato Fu fazem neste disco. Anas, vêm fazendo desde *Rotomusic De Liquidificapum*, o álbum de estréia deles, lançado em 93.

O slogan "tudo ao mesmo tempo agora" (não leve a mal) poderia ser tranquilamente aplicado ao grupo. Os caras misturam pop, rock, música eletrônica e até mesmo passagens de músicas sertanejas e de baladas italianas nas canções. Tudo regado com muito bom humor.

Gol de Quem? é pop, mas é vanguarda. Já viu essa história antes? Bingo! Rita Lee e os Mutantes passaram por aqui. Descaradamente na voz suave de Fernanda Takai, nos arranjos sutis de John e "nas internas", através da produção de Carlos Savalla, um ex-engenheiro de som dos próprios Mutantes. Entre o hit colante "Sobre O Tempo" e a versão para "Vida De Operário" (a porção séria de Falcão), *Gol De Quem?* traz ótimas surpresas. Um bom exemplo do potencial do pop nacional. *Robert Halfoun*

Fernanda (à esquerda) & companhia

PLAYBOY

ANOS

Para você que espera um pouco mais da vida.

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Video
BIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO!: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU: Ídolos da Juventude
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Design

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel. (011) 618-7868. Fax (011) 8 3-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara 160 - 3º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel. (021) 532-0313. Fax (021) 532-1486 - Cx. 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, 11 - sala 202 - CEP 70300 - Brasília - DF - Tel. (061) 321-0305 - Fax (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas - SP - Tel./Fax (0192) 32-79-5
Fortaleza: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - sala 103 - CEP 60050-000 - Fortaleza - CE - Tel. (085) 254-1666. Fax (085) 252-2131
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Av. Contorno, 8000 - sala 101 - Ed. Wall Street - CEP 30110-467 - Belo Horizonte - MG - Tel. e Fax (031) 224-[illegible]
Paraná: M. L. C. Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba - PR - Tel. (041) 253-4048 - Fax (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Exato e Específico - Av. Marechal Câmara, 160 - 3º andar - sala 349 - CEP 20020-080 - Telefax (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre - RS - Tel. (051) 223-9528 - Fax (051) 217-1065
Santa Catarina: By Esperança - Rua Dr. Alfredo Daux, Bridge 5, Co-o Village II - Florianópolis - SC - Tel./Fax [illegible]

barulho em revista

SISTER PSYCHIC

Restless/Roadrunner

Surrender You, Freak!

GOD'S FAVORITE BAND

Restless/Roadrunner

Down To The Filter

God's Favorite Band: college rock com sotaque caipira

PRO-PAIN

Roadrunner

Foul Taste Of Freedom

DOG EAT DOG

Roadrunner

All Boro Kings

OBITUARY

Roadrunner

World Demise

Sister Psychic é de Seattle. Mas não deixe que isso o assuste. O banda tem mais coragem do que o Nirvana e o Pearl Jam jamais tiveram, porque assumiu logo de cara que preferia ser da Geórgia e se chamar R.E.M.. Brincadeira à parte, tanto a Sister Psychic, quanto a God's Favorite Band (de Minneapolis) soam como a geração original do *college rock* americano, que muitos passaram a considerar morta depois do grunge. "Velvet Dog", da SP, chega a parecer coisa de Mitch Easter (ex-produtor do R.E.M. e líder do saudoso Let's Active): um som com um pouco de country e muito de pop.

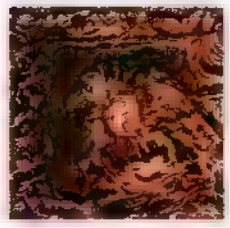
Já o terceiro álbum da GFB tem produção de Tim Mack (Babes In Toyland, The Cows), um forte sotaque caipira e guitarras tipo *Murmur*, primeiro álbum do R.E.M.. Quem diria: os anos 80 continuam no *underground* tanque.

O Pro-Pain faz um *hardcore* com cheiro forte de testosterona. O que se chama de "música de macho". Não temos uma linha sobre mulheres nesta estréia, mas há "The Stench Of Piss" ("o sabor do mijo"). Um som sujo e nervoso.

Hardcore também rola nas guitarras do Dog Eat Dog, que mistura uma molecada skatista com o veterano *guitar man* Dan Nastasi (ex-Murphy's Law e Mucky Pup). A anfetamina dos caras ainda inclui funk e hip hop. Nem sempre chapa, às vezes soando como "azedos" que queriam ser "encardidos". Mas esses branquelos de New Jersey merecem algum crédito.

Enquanto isso, ao lado do Sepultura, o Obituary é uma dos poucos grupos do estilo que se diferencia de um simples borrão distorcido. Seu quarto álbum traz uma nova atitude ao *death metal* da Flórida. Há letras! O vocal gutural de John Tardy faz sentido. O engraçado é ouvir histórias de monstros cabeludos substituídas por letras ecológicas.

Marcel Plasse



dEUS

Island

Worst Case Scenario

Ao desmantelar formas musicais conhecidas para reestruturá-las sob perspectivas insólitas, a banda belga dEUS causa estranheza, já na grafia do seu nome. Nessa estréia, Tom Barman (*ex-barman* de cinema *underground*) comanda incursões pelo atonalismo radical de The Fall ("Morticiachair"), *samples* de Frank Zappa e Don Cherry – "W.C.S. (First Draft)", mescla de *cocktail jazz* e rap – e *thrash* ("Suds & Soda") tramado por violino, metalofone e um aquecedor à gás.

Arthur G. Couto Duarte

WEEN

Mint Fresh

Chocolate And Cheese

Os irmãos Dean e Gene Ween são malucos de carteirinha. Confira as letras: quantas bandas fazem canções sobre meningite – "Spinal Meningitis (Got Me Down)" – ou usam uma música de parque de diversões em uma vinheta sobre a Aids ("HIV Song")? As influências vão de Prince ("Roses Are Free", "Jopa Road") e Beatles ("Baby Bitch") ao experimentalismo dos Res dents ("Candi") e momentos hilários – o típico tema para *western spaghetti*, "Buenas Tardes, Amigo".

Jeferson De Sousa

TRILHAS SONORAS

VÁRIOS

Atlantic

The Jerky Boys

The Jerky Boys são um par de "pirocas" que fizeram fama nos Estados Unidos, gravando discos inteiros com trotes telefônicos. Como tinha gente disposta a gastar dinheiro ouvindo trotes dos outros, resolveram fazer um filme (!) baseado na "obra" dos maluquetes. Como a onda deles é basicamente sonora, ouvi-los é bem mais divertido que vê-los. Ou seja, busque os discos antigos dos caras para rir (aviso: se seu inglês não for bom, não vale a pena). Essa trilha é mais gratificante que o filme: há faixas inéditas – L7 ("Hanging On The Telephone" do Blondie), Beastie Boys e Hurricane (DJ dos Jerky Boys) em "Four Fly Guys" –, além de trotes do filme.

José Emilio Rondeau

ROBBIE ROBERTSON & THE RED ROAD ENSEMBLE

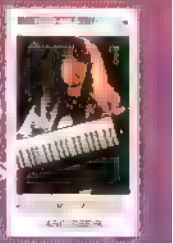
Capitol

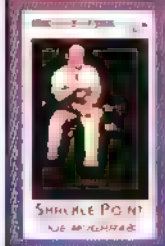
Music For The Native Americans

Como seria a contribuição dos índios dos Estados Unidos para a música pop atual se eles não tivessem sido exterminados? A resposta pode ser encontrada nesta trilha de um documentário para a TV americana, feita pelo guitarrista Robbie Robertson (ex-The Band). O som cativa o ouvinte, ao combinar ritmos e cantos tribais com tratamentos sofisticados de teclados em boas composições. Uma especie de fusão de folk, rock, música étnica e new age, com letras que evocam as lendas das tribos sioux e cherokee.

Jean Yves De Neufville

M.P.O. VÍDEO
LANÇAMENTOS





M.P.O. VÍDEO
FONE: (011) 263-1522
FAX: (011) 62-7608

RÁPIDOS & RASTEIROS

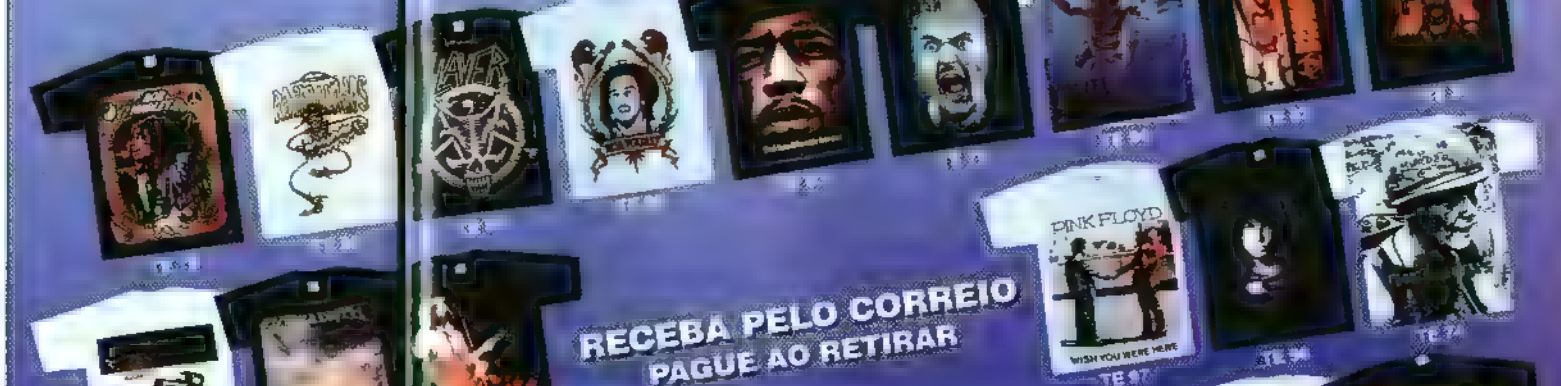
O liquidificador do som baiano tem funcionado em altíssima rotação, em uma mistura de referências e reverências. Um caso mais recente é do **ARA KETU**, que traz em sua bagagem pagode, samba e axé, mais doses de romantismo e de *latinidad*. O resultado é **Bom Demais** (Columbia), com produção para lá de pasteurizada 😐 Também da Bahia, vem a frenética batida do **OLODUM** que com sua miscigenação de tradições e de culturas musicais já conquistou o Brasil – e até o mundo – há algum tempo. Mas que vem perdendo a energia nos últimos trabalhos. Em **Filhos Do Sol** (Continental/Warner), fazem as mesmas referências à baianidade em geral, só que desta vez ampliaram o foco ainda mais. Incluíram baião ("Valente Nordeste") e rap ('Samba Rap'), com direito a *scratches* na introdução e letra apelando à consciência política. Debaixo de sol, coqueiros, com acarajé e muito cravinho, deve ser uma maravilha 😐 Para finalizar a tour baiana, **TONHO MATÉRIA** *(foto no alto)* vem disseminar a "dança do tchaco" por todo o território nacional e convida o mundo para fazer "papareô" com ele. Outros absurdos ("beijo maldoso com gosto de cebola",

gente usando uma "cueca de zinco" e expressões como "pudor eclipsado") dão o clima para o disco **Tá Na Cara** (Continental/Warner), em ritmo de "pagolada", mistura de samba de roda, axé e timbalada, com menções ao Ara Ketu e ao Olodum, grupo no qual Tonho cantava 😐 Mudando de praia, o reggae é do bom: **Razz Movements** (Eldorado), de **PRIMITIVE** *(acima)* – cujo verdadeiro nome é Jason Barnes – traz colaborações de músicos como Vince Black (ex-Black Uhuru) e do *rapper* Simeon (Prophets Of Hip Hop) na faixa "U R My Brother", com uma atmosfera *cool* bem trabalhada nos teclados 😐 Atmosfera é o que não falta no som do **BEL CANTO**. Instrumentos eletrônicos evocando diferentes etnias, sem pretensões. E mais, a voz de Anneli Drecker é do time de Liz Frazer (Cocteau Twins), Dolores O'Riordan (The Cranberries) e Sinéad O'Connor entre outras – mas o grupo norueguês realiza suas experiências há quase dez anos através de três bons álbuns. **Shimmering, Warm & Bright** (Paradoxx), o mais recente, foi lançado por aqui. Algo curioso e bem-vindo – vide a faixa-título e "Unicorn", com clima de contemplação em ritmo *house* 😐 Mas para pegar um pouco mais pesado na *dance music*, o **LONDONBEAT** volta à cena com um álbum homônimo (RCA/BMG-Ariola), repleto de músicas insossas e melodias fáceis. O destaque não vai para nenhuma faixa 😐 E se o assunto é pegar pesado, então vamos lá: eis que a "posse" do *Miami Bass* se uniu na compilação que se chama **Time To Taste Bass** (do selo Chaos/Columbia). Um disco que está contaminado por BPMs das mais aceleradas, para garantir o delírio dos "funkeiros de plantão", em músicas como "Pop And Shake" (**HILLTOP PLAYERS**) e "Take It Off" (**C.C. LEMONHEAD**). Diversão garantida 😐 E dá-lhe coletâneas de dance: **Max Music +** (Epic) é dedicada aos ouvintes das FMs e comete o equívoco de incluir versões na íntegra para músicas das mais bagaceiras, enquanto as que valem a pena foram parar num *medley*. É o caso de "El Trago" (**2 IN A ROOM**), "Good Time" (**SOUND FACTORY**) e até de "Finally" (**CE CE PENISTON**) 😐 E para agradar aquela turma do "blues na veia" – ou pelo menos tentar agradar – eis que surge um quinteto vindo do Rio Grande do Sul, o qual atende pelo nome de **A ELÉTRIKA TRIBO**. Em seu homônimo álbum de estréia – lançado pelo selo Paradoxx –, os caras apresentam uma coleção de faixas com vocais insuportáveis e letras ingênuas. Mas a ilustração da capa e do encarte são legais. *Luis A. Pecora* 😐

GRAVADORA INDEPENDENTE ■ Paradoxx R. Dr. Pinto Ferraz, 58, Fone/Fax: (011) 575-0833/São Paulo (SP)

CAMISETAS ESPECIAIS

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS!



RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR

TE 102 TE 90 TE 10 TE 75 TE 10 TE 96 TE 90 TE 90 TE 47 TE 20 TE 42 TE 43 TE 61 TE 60 TE 39 TE 50 TE 52

PREÇOS
MA CURTA (TE): R$ 22,00
MA LONGA (LTE): R$ 26,00

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) P/
STAMP - RUA HELIODORA, 321
CEP 02022-051 - SÃO PAULO - SP

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DE CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

A DESPESA POSTAL SERÁ PAGA PELO CLIENTE

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

BIZZ 118

NOME
END
CEP CID EST

FONE: (011) 299-7478

bolsa de discos

parada

		CARLOS A. ALBUQUERQUE O Globo, Rio	JOÃO CHARUTO Diário Popular, SP	HAGAMENON BRITO Correio da Bahia, BA	[illegible] Bizz	TONY BARSA MTV	JEFFERSON VIP BOLSA Bizz	ROBERTO MAIA FM Brasil 2000, SP	HERALDO MACIEL Bizz	TÁRIK DE SOUZA Jornal do Brasil, RJ	[illegible] Bizz
8,10	BUDDY GUY • Slippin In (Silvertone/BMG-Ariola)	8	9	7	9	7	8	8	9	8	8
7,50	HELENA MEIRELLES • Helena Meirelles (Eldorado)	•	7	7	9	•	7	8	8	8	6
7,40	MASKAVO ROOTS • Maskavo Roots (Banguela/Warner)	7	8	7	8	8	7	7	8	7	7
7,25	DINOSAUR JR. • Without A Sound (Sire/Warner)	7	6	7	•	9	8	8	•	7	6
6,00	M PEOPLE • Bizarre Fruit (Epic)	5	6	6	5	8	6	6	7	5	•
6,00	BLACKSTREET • Blackstreet (Interscope/Warner)	9	6	5	•	5	6	6	6	•	5
5,50	VAN HALEN • Balance (Warner)	5	7	3	6	7	6	7	5	6	3
4,16	WILLIE NELSON • Healing Hands Of Time (SPV, Emi-Odeon)	5	7	3	•	•	•	7	0	3	•
4,12	BIG AUDIO • Higher Power (Columbia)	•	0	4	3	6	5	6	2	7	•
4,00	JON ANDERSON • Change We Must (EMI-Odeon)	2	7	3	3	6	2	6	5	3	3

BRA *cups* 04/04 MTV

1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]
6 [illegible]
7 [illegible]
8 [illegible]
9 [illegible]
10 SOUNDGARDEN • "Fell On Black Days"

EUA *álbuns* 01/04 Billboard

1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]
6 [illegible]
7 [illegible]
8 [illegible]
9 [illegible]
10 [illegible]

GB *álbuns* 01/04 NME

1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]
6 [illegible]
7 [illegible]
8 [illegible]
9 [illegible]
10 [illegible]

GB *indie* 01/04 NME

1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]
6 [illegible]
7 [illegible]
8 [illegible]
9 [illegible]
10 [illegible]

V Í D E O

DIÁRIO DE BORDO

NIRVANA

Geffen • [illegible] N

Live! Tonight! Sold Out!

"Com vocês, a maior banda *underground* de todos os tempos... Nirvana!"

O grito de guerra de João Gordo, dos Ratos De Porão, antes da histórica apresentação do trio de Seattle no Hollywood Rock 93, em São Paulo, ganhou destaque no vídeo oficial do grupo.

Idealizado por Kurt Cobain e finalizado com a ajuda dos outros integrantes da banda – o baixista Chris Novoselic e o baterista Dave Grohl, a fita intercala depoimentos, trechos de shows e um punhado de imagens que são imperdíveis para os fãs do Nirvana.

A passagem do trio pelo Brasil ganhou um generoso espaço no vídeo, incluindo a polêmica declaração de Novoselic ao desembarcar por aqui: "Vim para cá para promover o *impeachment* de um presidente e matar uma atriz de TV", referindo-se a Fernando Collor e a Daniella Perez, respectivamente.

A verdadeira obsessão de Cobain pela sinceridade no rock'n'roll fica explícita nesta produção, que também mostra uma "tiração de sarro" com as bandas góticas inglesas, durante um *play back* de "Smells Like Teen Spirit", para o programa *Top Of The Pops*, da televisão britânica.

Há outras cenas impressionantes, como a que mostra Kurt – então em início de carreira – sendo espancado por um segurança depois de um *mosh*. Tudo isso torna este vídeo importado um programa obrigatório, especialmente para quem ainda não conseguiu entender como aconteceu a ascensão e a queda livre da maior banda de rock dos anos 90. CARLOS MARCELO ••

Kurt Cobain em 93, no Hollywood Rock (SP)

BOYZ II MEN

Motown/PolyGram • Direção: Lionel Martin. 60 min N

Then II Now

Eles são a melhor tradução dos novos rumos da *soul music*, com melodias puxadas para o *charm* e letras falando sobre amor – no sentido sexual da palavra. *Then II Now* reúne os clips mais famosos da banda – como "End Of The Road", música que desbancou o reinado de Elvis Presley nas paradas da *Billboard* –, entrecortado por comentários fúteis da banda, como as garotas que pintam nos vídeos e as roupas usadas pelos caras. Mas a fita é válida quando o quarteto canta *a capella* em uma escola de canto: ali, sem o verniz e a sacarina que embalam seus discos, mostram ser verdadeiros soulmen. SÉRGIO MARTINS ••

INXS

PolyGram • Direção: Vários. 94 min N

The Great Video Experience

Quase tudo que se espera de um documentário sobre uma banda pop da grandeza do INXS está aqui. O início da carreira surge através de pequenas partes de clips da fase new wave, no começo dos anos 80. Canções em versões *extended* serviram de áudio para a edição de imagens de shows em diferentes partes do mundo, além de gravações ao vivo e trechos de entrevistas. Inclui o premiado clip "The Gift", "Please (You Got That...)" – com Ray Charles –, "The Strangest Party" e "Taste It", que se destaca pelas cenas picantes e insinuações bizarras que, tendo sido gravadas com o INXS, ficam até engraçadas. LUIS A. PECORA ••

Clássicos

Revivendo o Creedence

Creedence Clearwater Revival (a partir da esquerda): Tom Fogerty, Stu Cook, Doug "Cosmo" Clifford e John Fogerty

Vôos sem escalas ao topo das paradas entre 68 e 71

O country rock americano da segunda metade dos anos 60 rendeu frutos dos mais generosos. Grupos como The Byrds (que flertava com o psicodelismo), Buffalo Springfield (arauto de um lado mais tradicional do estilo) e vários outros fizeram a festa. Os caras transformaram uma simples mistura da música caipira local com a energia do rock'n'roll em uma das correntes mais influentes e criativas do pop – que o digam R.E.M., The Replacements, Violent Femmes, Grant Lee Buffalo etc.

Mas se houve uma banda que encarnou o gênero até o fundo da alma, ela se chamou **CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL**. Formada por John Fogerty (vocal/guitarra), seu irmão Tom (guitarra), Stu Cook (baixo) e Doug "Cosmo" Clifford (bateria), ela surgiu na cidade ca ifornia na de El Cerrito em 59, chamando-se The Blue Velvets e The Golliwogs, antes de adotar o seu nome definitivo.

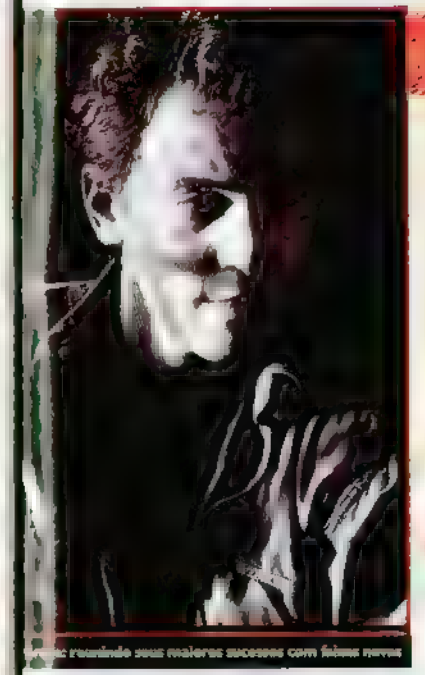
Com ele, entre 68 e 71, o quarteto registrou seis álbuns e diversos singles que alçaram vôos sem escalas ao *Top Ten* das paradas, tornando-se o grupo de rock americano mais popular desse período, graças principalmente à verve criativa de John. Depois disso, Tom abandonou a banda que, como trio, ainda gravou mais um álbum de estúdio (*Mardi Gras*, de 72) e outro ao vivo (*Live In Europe*, de 74). Apesar de terem registrado apenas este parco legado, ele foi suficiente para torná-los figuras imortais no panteão do rock.

Agora, a PolyGram lança por aqui em CD um par dos melhores discos da banda. Trata-se do álbum de estréia deles (**Creedence Clearwater Revival**, de 68) e de **Cosmo's Factory** (70). No primeiro, além de pérolas assinadas por John ("The Working Man", "Porterville"), há duas versões matadoras para clássicos de Screaming Jay Hawkins ("I Put A Spell On You" e "Suzie Q"). O outro, por sua vez, traz hits inesqueciveis do grupo, como "Who'll Stop The Rain", "Travelin' Band" e "Lookin' Out My Back Door", entre outros, sem contar a cover antológica do grande sucesso de Marvin Gaye, "I Heard It Through The Grapevine" (com mais de onze minutos!).

Os discos do CCR já surgiram por aqui em vinil, mas nenhum deles está em catálogo. E fora a coletânea "meia-boca" tipo *Os Grandes Sucessos De...* (lançada pela mesma PolyGram), nada estava disponível em edições nacionais. Que a gravadora se anime a lançar os outros álbuns: *Bayou County*, *Green River* (ambos de 69), *Willie And The Poor Boys* (70, *Discoteca Básica*, BIZZ 46) e *Pendulum* (71). John e sua turma merecem. E nós também. *Celso Pucci*

Dois CDs com o country rock de um dos mais populares grupos americanos

Arquivo do "chefão"


Springsteen reunindo seus maiores sucessos com faixas novas

Surge uma coletânea com material inédito de Bruce Springsteen

A seleção de faixas que compõe esse **Greatest Hits** (Columbia) não traz grandes surpresas. Talvez até consiga desagradar os fissuradinhos de dedicação mais "xiita" a **BRUCE SPRINGSTEEN** (ou seja, aqueles que já se cansaram do feijão com arroz e agora exploram os lados mais obscuros da discografia do artista).

Se você for fã dele, talvez nem se interesse muito em comprar de novo "Born To Run", "Hungry Heart" ou "Human Touch". Mas por outro lado, o álbum traz uma fornada de gravações novas ou inéditas que complementa a coleção mais criteriosa.

Das novidades, "Murder Incorporated" é o grande destaque. Gravada originalmente em 82 e remixada especialmente para constar deste disco, a faixa era até agora a mais pirateada de toda a discografia bootleg de Bruce. Não é algo que chegue a ofuscar os clássicos contidos no pacote, mas oferece aos fãs uma boa versão em disco de uma ótima canção em shows.

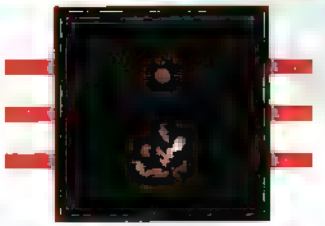
As outras músicas inéditas são resultado de uma reunião de Springsteen com seus antigos companheiros da E Street Band. É a primeira leva de novas gravações feitas pelo artista desde 92. O curioso é como o resultado dessa reunião soa mais como um álbum solo de Bruce. Exemplos disso são "The Hard Land" (uma faixa pró-fazendeiros que teria cabido bem no álbum *The River*), "Secret Garden" e "Blood Brothers" (essas duas últimas também sóbrias e mais lentas). *José Emilio Rondeau*

Harmonias britânicas

O terceiro álbum solo do ex-The Hollies

O grupo The Hollies só perdeu para os Beatles em popularidade durante os anos 60 na Inglaterra. Seus grandes trunfos, o repertório bem escolhido e as harmonias vocais capitaneadas por **ALLAN CLARKE**, uma das vozes mais subestimadas do rock. A AMC (ex-Copacabana) relança por aqui o terceiro disco solo de Clarke. **I Wasn't Born Yesterday**, editado originalmente em 77. Clarke faz um pop bem anos 70, com ecos de The Who, Bee Gees e da música folk do período. Canções como "New Blood", "Light Of My Smiles" e "The Man Who Manufactures Dreams" são tão boas quanto qualquer coisa que o seu ex-grupo gravou em seus melhores dias. Geralmente só se presta atenção no trabalho de Graham Nash – outro ex-The Hollies que saiu solo e se juntou aos americanos David Crosby e Stephen Stills. Vale conhecer o trabalho individual de Clarke que, mesmo não tão badalado como o de seu ex-colega, fazia um pop do melhor nível. *Paulo Cavalcanti*

Sutileza acústica



Voz e violão em clima de "cool jazz"

Apesar de gravarem por um selo de *new age*, **TUCK & PATTI** se aproximam mais do *cool jazz*. No melhor estilo de voz e violão, produzem um som de extrema leveza, seja em músicas próprias ou em recriações de jazz ou pop. Tuck (ou William Andress) toca um violão de respeito, com nítida influência da bossa nova – é bom lembrar que a batida de João Gilberto foi inspirada no violonista americano Barney Kessel –, ao passo que Patti (ou Patricia Andress) é uma fusão de Ella Fitzgerald e Carmem McRae, com pitadas de Sade. Dentre as faixas deste **The Best Of Tuck & Patti** (Windham Hill/BMG-Ariola), destacam-se "Tears Of Joy", "Dream" e "Little Warriors". Já entre as releituras aparecem "Little Wing" (Jimi Hendrix), "Time After Time" (Cyndi Lauper) e uma versão fantástica para "Honey Pie", dos Beatles. Música de qualidade, sem pretensão ou artificialismos. *Toninho Spessoto*

Clássicos

Queridinhos das donzelas

Ídolos juvenis americanos da virada dos anos 50/60 surgem em CDs por aqui

Pat (com Ann-Margret) e Bobby (no lado...

...com Pamela Tiffin), no filme *Faire De Années*

A virada dos anos 50 para os 60, uma porção de rapazes bem apresentáveis disputavam com Elvis Presley a atenção das garotinhas e o monopólio das músicas mais vendidas. Dois dos maiores *teen idols* da época foram **PAT BOONE** e **BOBBY DARIN**.

O selo Europa está lançando no Brasil os CDs **April Love** e **Greatest Hits**, respectivamente com uma amostra do trabalho de Boone e Darin. Pat não pode ser menosprezado. Ele foi o segundo artista em termos de vendagens nos anos 50, só perdendo para o próprio Elvis. Era meio desajeitado para cantar rock ("Tutti Frutti", "Ain't That A Shame"), mas se saía bem em canções pop e românticas como "Bernardine", "Moody River" e outras, todas presentes no CD. Seu grande mérito foi tornar o rhythm'n'blues acessível para a classe média branca americana, que até então tinha preconceito em consumir os artistas originais. Em compensação, Bobby Darin (1936/1973) foi um dos vocalistas mais versáteis de sua época, cantando com maestria rock, gospel, jazz, country e muito mais. Este CD ao vivo apresenta gravações da fase áurea de Darin e tem "Splish Splash" (também celebre na versão com Roberto Carlos), "If Were A Carpenter (do cantor folk Tim Hardin) e "Mack The Knife", de Kurt Weil e Bertolt Brecht, a sétima canção mais vendida de toda a história da música gravada.

PAULO CAVALCANTI

Blues & hip hop com sotaque brasileiro

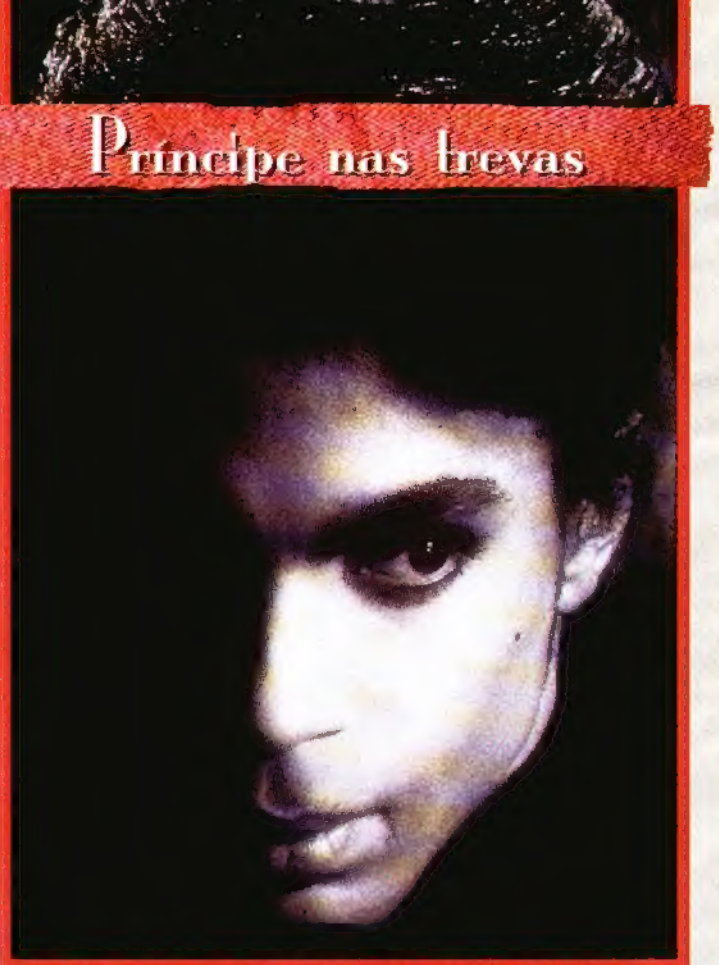
Releituras nacionais em CD acrescentam faixas-bônus

Hip Hop – Cultura De Rua (Eldorado) foi o primeiro disco de rap nacional lançado por uma grande gravadora. Sete anos depois, com seu relançamento, é curioso observar como o rap evoluiu. Havia muita ingenuidade, muita simplicidade tanto nos temas quanto no que diz respeito aos arranjos. "Corpo Fechado", de **THAÍDE**, continua sendo uma espécie de clássico. Mas basta ouvir seus trabalhos mais recentes para ver o abismo que os separa. Já **MC JACK** (que participa da coletânea com cinco faixas) faz a linha "meiô", músicas com rimas e batidas simples que agradavam bastante o público, mas que perderam espaço para o rap mais agressivo e elaborado. O mais interessante são as seis faixas-bônus. "Loucura", do **CÓDIGO 13**, se destaca, resistindo ao teste das pistas.

Lançado pela Eldorado em outubro de 90, **Mandinga** esperou cinco anos para ter uma versão em CD. Muito tempo, diga-se. É um dos bons trabalhos de **ANDRÉ CHRISTOVAM**, um dos poucos músicos que conseguiu dar uma cara brasileira ao blues sem torná-lo estranho. Aqui, André vai fundo no blues eletrificado, no qual os melhores momentos são "Confortável", "Blind Dog", "Mandinga" e "Genuino Pedaço De Cristo". A versão CD traz três *bonus tracks*: "Carne De Pescoço", "Sem Whisky, Sem My Baby" (ambas gravadas antes por K-d Vinil & Os Heróis Do Brasil, do qual André fazia parte) e "Para Com Isso". Boa pedida para fãs de blues.

JEFERSON DE SOUSA

Príncipe nas trevas



Depois de passar sete anos na clandestinidade, chega às lojas o "álbum negro" do astro pop

Black Album acabou renegado por **PRINCE** – que, dizem, o achava "cru demais" – e passou sete anos sendo vendido em lojas especializadas em piratas.

Hoje o disco foi lançado pela Warner no exterior, pode ser adquirido nos magazine da vida e descobre-se que ele não tinha nada de difícil ou anticomercial. Ao contrário, é melhor do que muita coisa feita por Prince atualmente.

Álbum pirata de Prince sai em versão oficial

Na época, o astro estava no auge de sua carreira, tocando com a mesma banda da turnê de *Sign O'The Times* – o destaque é a baterista Sheila E., que recentemente fez alguns shows no Brasil. O disco traz um jorro de funks viajantes, alguns com influências de jazz ("2 Nigs United 4 West Compton"), interrompidos por uma balada ("When 2 R In Love", que acabou entrando em *Lovesexy*, disco seguinte de Prince).

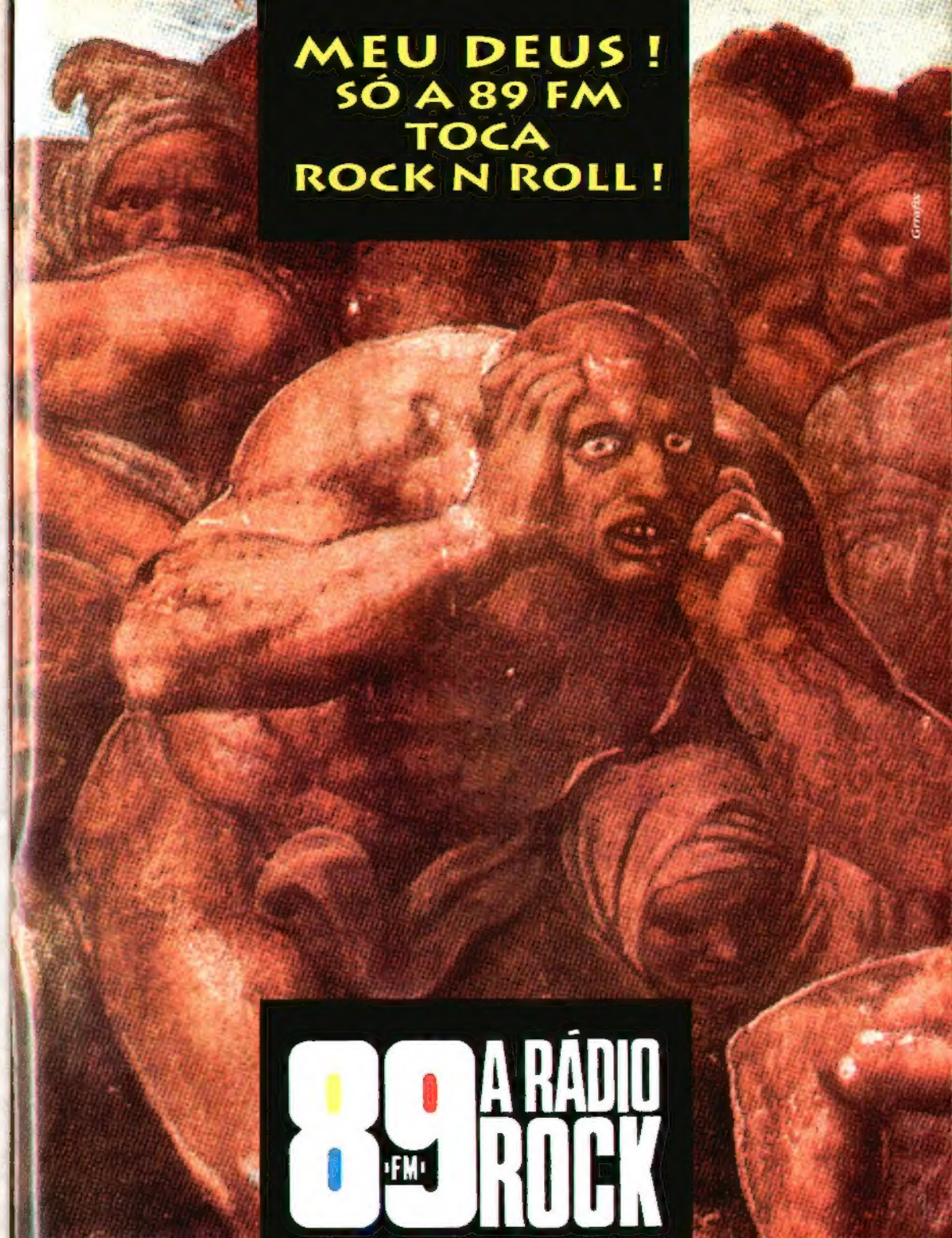
Duas faixas merecem um destaque especial: "Cindy C", feita para a então desconhecida Cindy Crawford e "Superfunkycalifragisexy", contando a história de um psicopata. Ouça e comprove que este *Black Album* não é tão feio quanto parece. SÉRGIO MARTINS

No berço do jazz rap

O suingue de um dos precursores do estilo em seus primeiros registros

Este CD não é indicado para novatos em **THE BRAND NEW HEAVIES**, grupo que estourou com o álbum *Heavy Rhyme Experience: Vol. 1*, de 92. Já os iniciados vão cair de boca nas três faixas de 88 e nas sete de 90, todas inéditas até então, reveladoras dos primeiros passos deste que é um dos melhores expoentes do *jazz rap* atual. Com vocais quase sempre entregues ao principal compositor, Jan Kincaid – que também é responsável pela bateria e pelos teclados – percebe-se uma certa ponte com

a sonoridade *new bossa*, principalmente na percussão que pega bem mais leve do que em seus trabalhos recentes. O grande tesão de **Original Flava** (Acid Jazz, importado), porém, são as três faixas instrumentais, que comprovam o talento do grupo. "Country Funkin'" é suingada, "A Day At The Seaside" namora a ingenuidade pop dos anos 60 e "Headhunters" mergulha no *free jazz*. Não é nada inovador mas, além das boas interpretações, denota o bom gosto do grupo. É preciso pedir mais? CHRISTIAN PETERMANN



Jukebox — Crazy Horse

A formação original (a partir da esq.): Danny Whitten, Jack Nitzsche, Billy Talbot & Ralph Molina

Em 69, Neil Young dizia: "esses caras são os Rolling Stones americanos!", resumindo assim sua admiração pelo **CRAZY HORSE**, grupo que o acompanhou nos grandes momentos de sua carreira.

O começo: Los Angeles, *circa* 62, com Ralph Molina (bateria), Billy Talbot (baixo) e Danny Whitten (voz, guitarra) tocando rock'n'roll no grupo Danny And The Memories. Mais tarde, transformaram-se em The Circle e, depois, no psicodélico The Rockets – graças ao uso de LSD, mais a chegada dos irmãos guitarristas George e Leon Whitsell. Nessa época, gravariam um álbum pelo selo White Whale, do grupo The Turtles. O disco não vendeu, mas após dois anos juntos, os caras haviam se tornado excelentes músicos, ganhando uma residência no clube Whiskey-A-Go-Go. Uma noite, Neil Young apareceu por lá para dar uma canja. Quando foi embora, tinha levado Billy, Ralph e Danny consigo.

O grupo que acompanhou o melhor de Neil Young

Enquanto gravavam *Everybody Knows This Is Nowhere*, Young rebatizou-os de Crazy Horse. A união daquelas duas forças parecia mesmo imbatível, porém Danny passou a se picar com heroína, o que obrigou Neil a despedi-los. Mas por não achar um baterista decente para as sessões do álbum *After The Gold Rush*, voltou atrás, recontratando Molina e, eventualmente, todo o Crazy Horse.

Nesse meio tempo, Danny tornara-se um inveterado *junkie*. Para completar o álbum de estréia do Crazy Horse, os colegas tiveram de trancá-lo em casa e obrigá-lo a se alimentar por seis semanas! Danny saiu de lá novo em folha, e com a ajuda dos não menos talentosos Ry Cooder (*slide guitar*), Nils Lofgren (guitarra) e Jack Nitzsche (piano), deixou sua marca de gênio em músicas como "Gone Dead Train", "I Don't Want To Talk About It" e "Dirty, Dirty". Infelizmente, sua fase sóbria teve duração curta: em novembro de 72, estava morto por *overdose*.

Decapitado, ainda assim o Crazy Horse foi adiante, com *n* trocas de *line up* (em especial, a que admitiu o competente guitarrista Frank Sampedro), turnês e discos – solo ou junto a Neil Young – consolidando seu status de mito do hard/country rock. ARTHUR G. COUTO DUARTE

Discografia

Fora as várias gravações junto a Neil Young, o Crazy Horse lançou cinco álbuns em sua história. Todos estão fora de catálogo, à exceção do seu trabalho de estréia, reeditado há pouco em CD nos Estados Unidos.

■ **Crazy Horse** (71, Reprise) Magistral aula de country rock, blues e rock'n'roll, com Danny Whitten mostrando porque Neil Young lhe dedicou o álbum *Tonight's The Night*.

■ **Loose** (72, Reprise) Sem Whitten, Nils Lofgren e Ry Cooder, os remanescentes Talbot e Molina uniram-se a John Blanton (teclados/guitarra), Greg Leroy (guitarra) e o ex-The Rockets, George Whitsell (guitarra), numa tentativa frustrada de fazer um disco à altura de seu antecessor.

■ **At Crooked Lake** (72, Epic) Saem Whitsell e Blanton, entram os irmãos Rick e Michael Curtis (guitarra e teclados, respectivamente). Um country rock *à la* The Byrds até passável, mas letras sobre a amizade entre os homens e naves espaciais lhe deram um ar datado.

■ **Crazy Moon** (78, RCA) Tim Drummond (baixo), Karl Himmell (bateria), Frank Sampedro (guitarra) e Ben Keith (guitarra/dobro) eram da escalação do CH nesta empreitada. A presença de Neil Young (na guitarra em cinco faixas) constituía-se em outro bom atrativo.

■ **Left For Dead** (90, Sisapa) O núcleo Talbot/Molina estava de volta, com os novatos Sonny Mone (vocal/guitarra) e Matt Piucci (ex-The Rain Parade, na guitarra), embalando o country rock do grupo com *riffs* hard/lisérgicos.

Álbuns de Neil Young com o CH: Everybody Knows This Is Nowhere (69), After The Gold Rush (70), Zuma (75), Rust Never Sleeps (79), Live Rust (79), Freedom (89), Ragged Glory (90), Weld (91) e Sleeps With Angels (94).

MR. MUSIC
INSTRUMENTOS MUSICAIS E EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS.

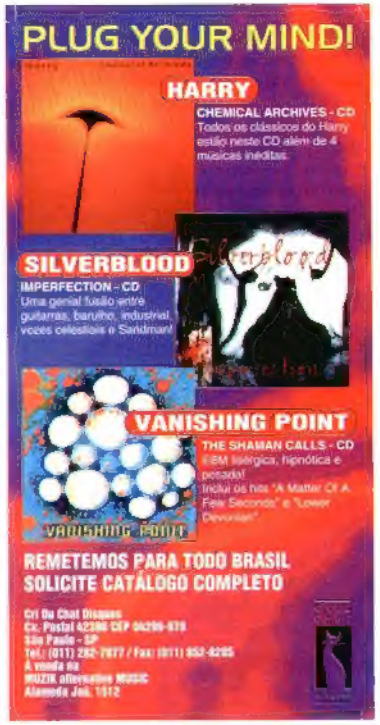
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO O BRASIL EM ATÉ 4 VEZES.

• MUSIC MAN
• GIBSON
• MARSHALL
• FENDER
• ALESIS
• ETC

R. TEODORO SAMPAIO
763 LJ. 9
CEP 05405-050
TEL.: (011) 851-2916
SÃO PAULO - SP.

FONE/FAX:
(011) 851-1159

PLUG YOUR MIND!



REMETEMOS PARA TODO BRASIL
SOLICITE CATÁLOGO COMPLETO

Cri Du Chat Discos
Cx. Postal 42386 CEP 04299-970
São Paulo - SP
Tel./ (011) 282-7977 / Fax: (011) 852-4295
À venda na
MUZIK alternative MUSIC
Alameda Jaú, 1512

SWEET JANE
ROCK RECORDS
CD - CDSINGLE
AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM ROCK ALTERNATIVO, HARD, PROGRESSIVOS, TRILHAS SONORAS, GUITAR BANDS, TRANCE-AMBIENT ETC...
CD - IMPORTADO/NACIONAL
ENVIAMOS VIA CORREIO PARA TODO BRASIL
AV. PAULISTA, 726
LOJAS 9/10 SÃO PAULO-SP - CEP: 01310-100
FONE: (011) 288-4847

ANARCHY records
ROCK
(Industrial, alternativo, hard, pop, progres.)
• Jazz • Blues • Trilhas
• New-Age • Techno
LANÇAMENTOS
(EUA • Grã-Bretanha)
• CD • CD-SINGLE
• VÍDEO-LASER • VHS
ENCOMENDAS
Despachamos para todo Brasil
R. Pamplona, 1551 - loja 11 - Jardins
(011) 887-5926
São Paulo - SP

GUITARRAS E BAIXOS
Ibanez
APRESENTAM:
II PAI DO ROCK
GUITAR FESTIVAL

DIAS:
23, 24 e 25
DE JUNHO DE 1995
LOCAL:
AEROANTA
Rua Miguel Isasa, 404
Fone: (011) 815-3109

FRANK GAMBALE
e BANDA

ABRINDO OS SHOWS:

23/06
TOMATTI e SUBSOLO TRIO
MOZART MELLO e
ALBINO INFANTOZZI

24/06
JOE MOGHRABI e BIPIN'
FAISKA e BANDA

25/06
MELLO JUNIOR e
EVERTON WALDMAN
CELSO PIXINGA e PX BAND

APOIO:
REVISTA BIZZ
METEORO

D.B.

Discoteca Básica

JOHN COLTRANE
A Love Supreme

PERFORMANCE

Lançamento 1964 ■ **Produção** Bob Thiele ■ **Faixas** "Part 1 – Acknowledgement" • "Part 2 – Resolution" • "Part 3 – Pursuance" • "Part 4 – Psalm" ■ **Notas** A influência de John Coltrane não é fundamental apenas no jazz, mas também no rock (as improvisações feitas por Jimi Hendrix ao vivo frequentemente foram comparadas às suas) e até mesmo em um dos precursores do jazz rap, Gil-Scott Heron (que lhe dedicou a canção "Lady Day And John Coltrane") • Sua filha, Alice Coltrane, também se tornou tecladista de jazz e tocou com o pai no fim de carreira • O álbum *A Love Supreme* serve como uma perfeita introdução à obra de Coltrane. Sua extensa discografia – que inclui suas atuações como integrante de conjuntos e como líder – inclui uma série de discos excelentes, todos reeditados em CD. Além do seu encontro com Miles Davis em *Kind Of Blue* (*Discoteca Básica*, BIZZ 16), merecem atenção: *Blue Train* (Prestige, 57), *Giant Steps* (Atlantic, 59), *Live At The Village Vanguard* (Impulse!, 61), a coletânea *The Gentle Side Of John Coltrane* (Impulse!, 61/64) e *Crescent* (Impulse!, 64) ■ **Formatos** Disponível em CD nos Estados Unidos, na Europa e no Japão. No Brasil, o disco saiu em vinil, mas está fora de catálogo.

Eleito "disco do ano" pela crítica especializada quando lançado, em 64, consagrado hoje por *jazz rappers* (na coletânea *Red, Hot & Cool*), *A Love Supreme*, a obra-prima de John Williams Coltrane (1926-1967), ultrapassa os limites de seu estilo e tem uma sintonia extraordinária com os anos 90. Talvez por ser um exemplo raro de expressão da espiritualidade na música moderna, Coltrane permanece a grande referência de todo músico interessado em desenvolver as técnicas de improvisação e, com isso, expressar "algo mais" por meio de seu instrumento.

Mentor do *free jazz*, Coltrane permanece a grande referência em técnicas de improvisação

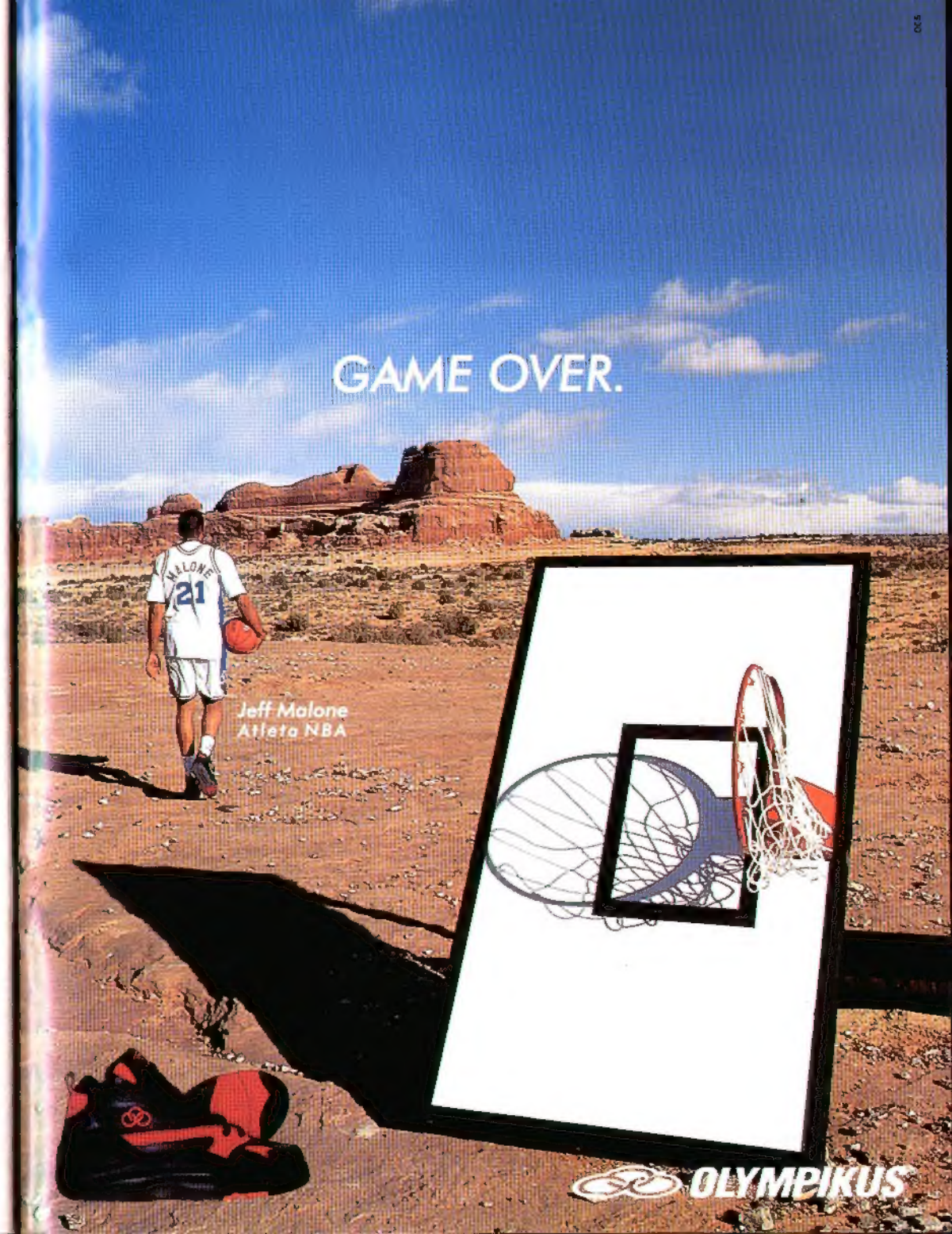
Nos anos 50, John Coltrane cruzou seu sax tenor sucessivamente com os trompetes de Dizzy Gillespie e Miles Davis e com o piano de Thelonious Monk. Com o primeiro, aprendeu a lidar com influências musicais do resto do mundo. Com o segundo, chegou à perfeição formal de sua expressão, enquanto o terceiro ensinou-lhe a ousadia.

> A técnica musical revolucionária de Coltrane no sax, conseguia alcançar estados de puro transe obsessivo

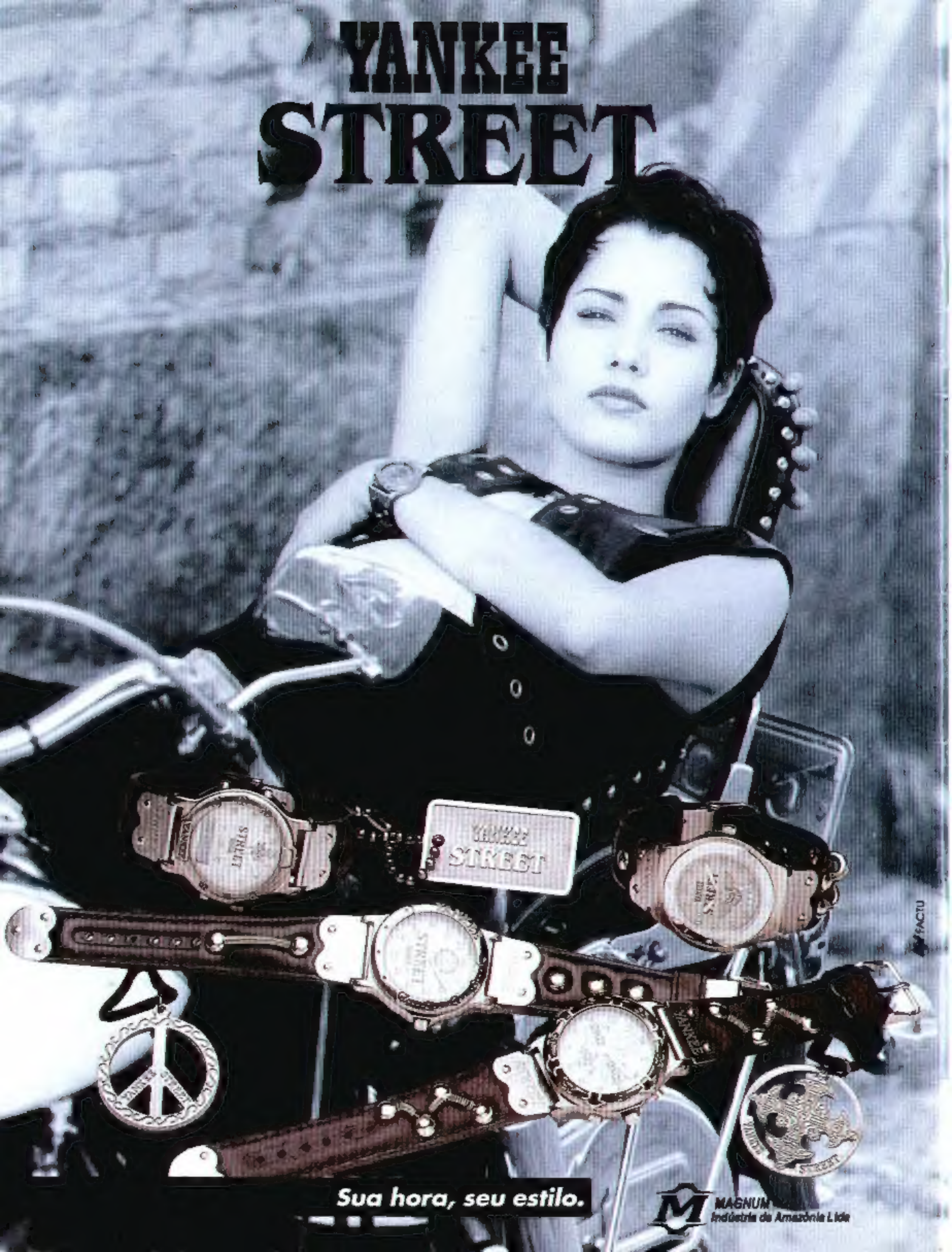
Além de gravar discos tão importantes quanto *Kind Of Blue* (com Miles em 59), Coltrane forjou uma técnica musical revolucionária que lhe permitiu explorar tonalidades nas escalas altas e desencadear avalanches de harmonias em níveis inéditos.

Fruto do trabalho de aprimoramento em conseguir alcançar estados de puro transe obsessivo, essa técnica de execução: 1) levou o instrumentista a tocar solos cada vez mais longos; 2) fez com que os músicos de seu conjunto tocassem simultaneamente linhas melódicas diferentes, o que acabou desembocando no *free jazz*, movimento do qual Coltrane foi mentor; 3) facilitou as combinações de sua música com as escalas orientais, as texturas sonoras e os ritmos vindos da Índia e da África.

Alternando o sax tenor e o soprano a partir de 60, na busca de um leque maior de cores, Coltrane alcançou a plenitude artística ao formar seu quarteto definitivo: Elvis Jones (bateria), McCoy Tyner (piano) e Jimmy Garrison (baixo), algo expresso nas quatro peças de *A Love Supreme*, onde mescla a energia do *bop* e a suavidade do *cool*. Os temas criam uma nova ordem modal, onde silêncio, texturas e *moods* valorizam-se numa estrutura aberta, livre. Coltrane administra o caos para instaurar uma dimensão cósmica. Trinta anos depois, as possibilidades do disco ainda estão para ser exploradas, quando o pop enfrenta um tremendo impasse criativo. JEAN YVES DE NEUFVILLE



YANKEE STREET



Sua hora, seu estilo.

MAGNUM
Indústria da Amazônia Ltda